Faculdade de Letras

O TRADUTOR TÉCNICO DA ÁREA AUTOMÓVEL: DESAFIOS E COMPETÊNCIAS NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	**Dissertação de Mestrado**
Título	**O TRADUTOR TÉCNICO DA ÁREA AUTOMÓVEL: DESAFIOS E COMPETÊNCIAS NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO**
Autora	**Filomena Susana Cordeiro Gomes da Silva Bernardo**
Orientadora	**Cornelia Elisabeth Plag**
Júri	**Presidente: Doutora Maria António Henriques Jorge Ferreira Hörster** **Vogais:** **1. Doutora Isabel Pedro dos Santos** **2. Doutora Cornelia Elisabeth Plag**
Identificação do Curso	**2º Ciclo em Tradução**
Área científica	**Tradução**
Especialidade/Ramo	**Inglês e Alemão**
Data da defesa	**31-10-2014**
Classificação	**18 valores**

Dedicatória

À minha mãe.
Às minhas filhas.

Agradecimentos

Foi para mim um enorme privilégio ter como Orientadora de Mestrado em Estudos de Tradução a Professora Doutora Cornelia Elisabeth Plag. Gostaria de expressar a profunda admiração que tenho pela humanista, intelectual, didacta e pessoa excepcional que é. Muito lhe agradeço pela receptividade, pela disponibilidade e pelo interesse com que me acompanhou e orientou ao longo do percurso de realização do presente trabalho.

Agradeço à Raquel pela amizade com que me incentivou a concretizar este ensejo e por acreditar na conquista dos sonhos.

Agradeço ao meu marido, às minhas filhas e aos meus padrinhos por partilharem comigo o entusiasmo com que vivi esta aventura.

Agradeço, ainda, aos familiares e amigos que me acompanharam e incentivaram ao longo deste trabalho.

Resumo

Vivemos num mundo em rápida mudança e profunda transformação, onde o que hoje é considerado válido amanhã estará desactualizado. Na era da informação, da comunicação e da globalização, os avanços tecnológicos geram um *boom* nos volumes de trabalho de tradução técnica e científica. Para responder às novas exigências de mercado relativamente à prestação de serviços de tradução especializada, o tradutor necessita de desenvolver novas competências.

No âmbito da redefinição destas competências, tem lugar uma discussão que começa pela teorização em torno de algumas abordagens consideradas pertinentes, nomeadamente a Teoria das Equivalências, o Funcionalismo e a *Skopostheorie*. A estes contributos vem juntar-se a reflexão actual acerca dos pressupostos teóricos subjacentes à tradução técnica e científica.

Parte-se, então, para um estudo de carácter pragmático dedicado à tradução técnica na área automóvel, em que são apresentados e analisados numerosos exemplos retirados da prática de trabalho real. Os aspectos enunciados e ilustrados promovem a clarificação de noções e problemáticas que enformam o quadro da tradução automóvel, dividido pelas diversas subtemáticas abrangidas por esta área técnica e distribuído por diferentes tipos de documentos com características específicas. Neste contexto, analisam-se problemas de tradução e possíveis estratégias de resolução, permanecendo, no entanto, a ideia nuclear de que não se trata de uma ciência exacta, mas antes de um conjunto de factores em dinâmica permanente que o tradutor tem pela frente.

No encadeamento lógico, surge o questionamento acerca das competências requeridas para permitir a realização de um trabalho tradutivo de qualidade, sendo discutidos diferentes modelos de formação, em que se salientam as abordagens mais recentes, nomeadamente a formação em contexto laboral (simulado ou real), a tendência colaborativa e o 'lifelong learning'. Por último, a máxima *'*aprender a aprender*'* representa a filosofia de base que pode impulsionar a resposta dos tradutores técnicos e científicos à rápida evolução dos tempos.

Palavras-chave: redefinição, competências, tradutor técnico e científico, área automóvel, formação

Abstract

The world we live in is changing fast and transforming deeply. What we consider valid today will be out-of-date tomorrow. In the age of information, communication and globalization, technological advances create a 'boom' in technical and scientific translation volumes. To meet the new market demands regarding specialized translation, the translator needs to develop new competences.

When redefining these competences, a discussion takes place starting by theorizing around a few approaches considered relevant, namely the Theory of Equivalence, Functionalism and *Skopostheorie*. Adding to these, the modern theoretical assumptions underlying technical and scientific translation have also been considered.

A pragmatic study is then put forward with a special focus in technical translation in the automotive field, within which several examples selected from the real practical work are shared and analyzed. Aspects outlined and illustrated promote the clarification of concepts and issues that shape the framework of the automotive translation, divided into several sub-themes covered by this technical field and distributed among different types of documents with specific features. In this scenario, translation problems and potential resolution strategies are analyzed. However, the main idea remains that it is not an exact science, but rather a set of factors in permanent motion the translator must deal with.

In logical sequence, questioning arises about the competences required to achieve a quality translation work. Different training models are discussed, and the latest approaches are highlighted, including training in work environment (simulated or real), the collaborative trend and 'lifelong learning'. Finally, the motto of 'learning to learn' corresponds to the underlying philosophy that can boost the way technical and scientific translators respond to fast changing times.

Keywords: redefining, competences, technical and scientific translator, automotive field, training models

Índice

DEDICATÓRIA 2

AGRADECIMENTOS 3

RESUMO 4

ÍNDICE 6

ÍNDICE DE FIGURAS 8

LISTA DE ABREVIATURAS 9

1. INTRODUÇÃO 10

2. ENQUADRAMENTO E PRESSUPOSTOS TEÓRICOS 13

2.1. CONSIDERAÇÕES HISTÓRICO-CULTURAIS SOBRE TRADUÇÃO, EM ESPECÍFICO, TRADUÇÃO TÉCNICA 13
2.2. TEORIAS DA EQUIVALÊNCIA 14
2.3. FUNCIONALISMO E *SKOPOSTHEORIE* 18
2.4. TRADUÇÃO COMO ACTO COMUNICATIVO E ANÁLISE DE TEXTO ORIENTADA PARA A TRADUÇÃO 21
2.5. TRADUÇÃO TÉCNICA E CIENTÍFICA 24
2.5.1. *TRANSLATION BRIEF* 26
2.6. TRADUÇÃO E COMUNICAÇÃO TÉCNICA 27
2.6.1. QUEM EMITE 28
2.6.1.1. O Inglês como 'língua franca' 29
2.6.2. QUEM RECEBE 30
2.6.3. DEFINIÇÃO E ESTATUTO DO TEXTO TÉCNICO 32
1.7. BREVE DISCUSSÃO 33

3. A TRADUÇÃO TÉCNICA AUTOMÓVEL: CONSIDERAÇÕES GERAIS E ESPECÍFICAS E EXEMPLOS PRÁTICOS 35

3.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS: O TRADUTOR E A ÁREA TÉCNICA 35
3.2. A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO NA ÁREA TÉCNICA DE ESPECIALIZAÇÃO 37
3.3. LINGUAGEM E ESPECIFICIDADES 40
3.4. ESTILO, REGISTO E ADEQUAÇÃO 45
3.4.1. 'NORMAS', 'CONVENÇÕES', 'GUIDELINES' E 'STYLE GUIDES' 45
3.4.1.1. Números 51
3.4.1.2. Unidades de medida 51
3.4.1.3. Nomes de produtos e designações de marcas 52
3.4.1.4. Abreviaturas, siglas e acrónimos 53

3.4.1.5. Designações oficiais de funções e departamentos 54
3.5. Fidelidade, lealdade, ingerência **55**
3.6. Terminologia técnica: ferramentas técnicas e humanas **58**
3.6.1. Glossários e bases de dados terminológicas: consulta, manutenção e actualização 63
3.6.2. Memórias de tradução (TM): consulta cruzada, manutenção e actualização 65
3.6.3. Pesquisa: fontes fiáveis 67
3.6.4. Consultor técnico 69
3.6.5. Validação terminológica 71
3.7. Materiais de referência **72**
3.7.1. Imagem 73
3.7.2. Materiais editados anteriormente em Português 75
3.7.3. Materiais editados em outras línguas 76
3.8. Géneros de texto, questões problemáticas e estratégias de resolução **77**
3.8.1. Manual de Oficina 77
3.8.2. Manual do Proprietário 78
3.8.3. Diagrama da Cablagem 78
3.8.4. Catálogo Electrónico de Peças 79
3.8.5. Ferramentas Electrónicas de Diagnóstico de Avarias 81
3.9. Revisão e controlo de qualidade **82**
3.9.1. Revisão 82
3.9.2. QC – *Quality Control* – controlo de qualidade 85
3.9.3. TQA, ETQS, ITQS, ITQA 87
3.9.4. Verificadores automáticos 88
3.9.5. O erro e o *feedback* 90
3.10. Breve discussão **91**

4. MODELOS DE FORMAÇÃO **92**

4.1. EMT: European Masters in Translation **93**
4.2. Abordagem minimalista de Pym **97**
4.3. Abordagem colaborativa e 'project-based' de Kiraly **100**
4.4. Abordagem sistemática de Kelly **102**
4.5. Breve discussão **106**

5. CONCLUSÃO **106**

BIBLIOGRAFIA **109**

Índice de figuras

Figura 1: 'Factores externos' de Nord 22
Figura 2: 'Factores internos' de Nord 23
Figura 3: Ford T, fábrica de Highland Park, Detroit, 1913 38
Figura 4: Mercedes Benz AMG 38
Figura 5: Diversidade temática dentro da indústria automóvel 39
Figura 6: Linguagem técnica automóvel 40
Figura 7: Aspectos comuns da linguagem técnica automóvel 41
Figura 8: Processo de retomada pela repetição 42
Figura 9: Destinatários diferentes, documentos diferentes 43
Figura 10: Item de uma tabela de dados do sistema de admissão do veículo 44
Figura 11: Sintaxe complexa e taxa de expansão 44
Figura 12: Multiplicidade e diversidade de normas 48
Figura 13: *Style guides* referentes à adequação 48
Figura 14: *Style guides* e estratégias de tradução 50
Figura 15: *Style guides* referentes a números 51
Figura 16: *Style guide* referente a unidades de medida 52
Figura 17: *Style guides* diferentes relativas a uma mesma unidade de medida 52
Figura 18: *Style guide* referente a designações de marcas 52
Figura 19: Sigla 'ACC' e possíveis significados na área automóvel 54
Figura 20: Designações oficiais 55
Figura 21: Ingerência na tradução de uma sigla 56
Figura 22: Exemplo de variação de registo 57
Figura 23: Terminologia técnica automóvel 58
Figura 24: Termos simples e complexos 59
Figura 25: Termo técnico automóvel com informação condensada 59
Figura 26: Um termo, dois significados 60
Figura 27: Termo comum que assume significado específico 61
Figura 28: Um componente, duas designações 61
Figura 29: Diagrama de inter-relação entre 'formação', 'fontes fiáveis' e 'pesquisa/investigação' 69
Figura 30: Procedimentos de comunicação com um consultor técnico/terminólogo 70
Figura 31: Contexto condicionante na terminologia técnica automóvel 73
Figura 32: A imagem como elemento contextualizante 74
Figura 33: *Guideline* referente ao uso da imagem 75
Figura 34: Segmento de texto retirado de um Manual de Oficina 77
Figura 35: Segmento de texto retirado de um Manual do Proprietário 78
Figura 36: Diagrama da cablagem 79
Figura 37: Segmento de texto retirado de um Catálogo Electrónico de Peças 80
Figura 38: Segmento de texto retirado de uma Ferramenta Electrónica de Diagnóstico de Avarias 81
Figura 39: Abrangência dos Verificadores de erros 89
Figura 40: Verificadores de erros 89
Figura 41: Modelo de competências de tradução proposto pelo EMT, 2009 94

Lista de abreviaturas

ETQS *External Translation Quality Sample* – Amostra de qualidade de tradução externa
ITQA *Internal Translation Quality Assessment* – Avaliação interna de qualidade da tradução
ITQS *Internal Translation Quality Sample* – Amostra de qualidade de tradução interna
MT *Machine Translation* – Tradução automática
QC *Quality Control* – Controlo de qualidade
TCh Texto de chegada
TM *Translation Memory* – Memória de tradução
TP Texto de partida
TQA *Translation Quality Assessment* – Avaliação de qualidade da tradução

Convenções gráficas

"…" Citações
'…' Conceitos e realces

Nota

Trabalho escrito ao abrigo do Antigo Acordo Ortográfico de 1945 por opção da autora.

1. Introdução

O presente trabalho propõe tratar o tema das competências em permanente transformação do tradutor técnico e científico na era tecnológica da informação, da comunicação e da globalização.

Esta dissertação foi elaborada no âmbito do Mestrado em Tradução, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, no ano académico de 2013/2014 e decorre da necessidade de reflexão pessoal, após quase vinte anos de prática profissional enquanto tradutora técnica especializada no ramo automóvel, face à percepção de mudanças que ditam a urgência sentida de uma redefinição das competências e da formação dos tradutores técnicos perante as novas solicitações profissionais e empresariais.

Afigura-se-me pertinente o questionamento acerca das mudanças trazidas pela era tecnológica da informação, da comunicação e da globalização. Assistimos a uma percepção cada vez mais nítida da noção de tradutor multivalências, a quem se colocam novos desafios de ordem diversa, exigindo uma nova metodologia na concepção de um modelo de formação eficaz. Factores como a globalização, a internacionalização das empresas, o crescente uso do Inglês como 'world auxiliary language', o padrão de importância cada vez maior atribuído às outras línguas, a tradução que passa a ser encarada como parte integrante do processo de documentação, a expansão acelerada das tecnologias linguísticas, o cada vez maior acesso à informação, a explosão da comunicação em rede e a natureza multimodal da maioria da produção textual contribuíram para toda uma profunda metamorfose a que o tradutor técnico tem sido votado.

Por outro lado, alguma lacuna verificada nos estudos e publicações nesta área e a falta de consenso entre as diversas abordagens feitas acerca da formação do tradutor técnico, que começaram a surgir nos últimos anos, vieram reforçar a motivação pessoal para a realização deste trabalho de investigação.

Parto de pressupostos teóricos que procuro enunciar e discutir numa primeira fase, para depois concretizar na abordagem da prática da tradução técnica especializada do ramo automóvel, concentrando-me, por último, na apresentação e discussão de alguns modelos de competência e programas de formação que me parecem capazes de potenciar respostas mais adequadas às actuais exigências.

Considero relevante explicitar aqui a estrutura de apresentação que utilizei neste trabalho. Os dois procedimentos que me pareceram possíveis eram 'entrelaçar' teoria e prática, relacionando-as a cada passo, ou apresentar os pressupostos teóricos aqui relevantes numa primeira fase para posteriormente enunciar e discutir as questões de ordem prática, estabelecendo, embora, as devidas pontes sempre que pertinente. Em relação ao capítulo dedicado aos modelos de competências e de formação, parece-me adequado que figure no final, por uma questão de coerência lógica, já que se debatem as questões da formação do tradutor[1] técnico, com base na situação actual e perspectivando a situação futura.

Embora a primeira opção me parecesse inicialmente mais desejável, considero, contudo, que esta estrutura iria dificultar o bom fluxo da argumentação e a clareza do encadeamento e, assim, optei de forma consciente pela estrutura tripartida que me parece a mais equilibrada, também no que respeita à contemplação da parte final.

Seguindo esta metodologia, proponho-me, portanto, fazer um levantamento dos aspectos teóricos que me parecem mais importantes e aplicáveis, tentando sempre que possível estabelecer a ligação aos exemplos práticos tratados no capítulo central. Parece-me sensato e coerente que o capítulo central em termos estruturais seja, também ele, o capítulo central em termos de conteúdo, uma vez que é esta secção prática que condiciona a reflexão.

Por último, e justificada que está a estrutura utilizada, apresento o capítulo final a esta discussão com a análise de modelos e objectivos de formação existentes e propostos, deixando pistas e motivação orientadas para uma possível investigação posterior no campo da formação em tradução técnica.

Também em virtude da escassez de bibliografia em Teoria da Tradução Especializada, embora aflore alguns paradigmas que me parecem mais significativos na sua aplicabilidade a este universo, procuro manter uma abordagem mais próxima da componente prática, desenvolvendo, portanto, mais aprofundadamente a secção prática do presente estudo.

[1] Por uma questão de economia de espaço, neste trabalho optei pelo uso do género gramatical masculino para ambos os géneros e, por essa razão apenas, não sigo as normas da linguagem inclusiva.

Optei por me basear em casos retirados do meu exercício da actividade tradutiva no campo técnico da indústria automóvel, procedendo a um levantamento de aspectos que considero representativos e que suscitam reflexão nesta área, fazendo a análise de questões que me parecem pertinentes, problematizando aspectos marcantes, explorando estratégias e possibilidades de resolução e apresentando considerações de interesse para a discussão.

Particularmente no capítulo central deste estudo, esteve presente uma preocupação em sistematizar a informação de forma clara e coerente que permita desenhar alguns traços característicos, questões recorrentes e estratégias de tratamento da tradução técnica, em específico da tradução técnica da área automóvel.

Com este estudo, tenho por objectivo participar activamente na discussão de um dos temas mais actuais e vibrantes no universo da tradução e acrescentar eventuais contributos para novas abordagens e metodologias de formação dos tradutores técnicos e científicos, numa dinâmica de aproximação e adequação às solicitações do actual mercado de trabalho em ritmo acelerado de mudança.

2. Enquadramento e pressupostos teóricos

Good theory is based on information gained from practice. Good practice is based on carefully worked-out theory. The two are interdependent.
(Larson, 1991)

Efectivamente teoria e prática são indissociáveis, aplicando-se esta dinâmica de interdependência igualmente ao universo da tradução técnica, embora dentro de determinadas especificidades, como teremos oportunidade de verificar.

O problema comum às teorias da Tradução é naturalmente o de tentarem simplificar (i.e., explicar concretamente algo de natureza tão abstracta quanto o pensamento, a linguagem e a transferência comunicacional entre línguas e culturas) e sistematizar um fenómeno que é complexo e combina de formas diversas e imprevisíveis factores de ordem variada. A complexidade também está patente na categorização diversificada que existe de acordo com os teóricos que procuram organizar a área dentro da sua perspectiva, muitas vezes baseando-se em modelos absolutos que não contemplam as *nuances* do processo tradutivo. A apresentação dos pressupostos teóricos é aqui efectuada consciente desta realidade.

2.1. Considerações histórico-culturais sobre tradução, em específico, tradução técnica

A Teoria da Tradução sempre foi uma área de estudo complexa, uma vez que procura compreender e explicar a tradução, sendo esta já de si um conceito difícil e complexo, como refere Jody Byrne (2012, p. 8). Os muitos modelos e teorias que surgiram nessa tentativa continuam a revelar-se insuficientes ou incompletos, embora acabem por nos fornecer um manancial de abordagens e reflexões que se revelam parcialmente úteis na compreensão do fenómeno da tradução.

Desde os textos sagrados e os escribas, primeira associação que surge ao abordar este tema, passando pela revolução introduzida por Gutenberg com a imprensa − que permitiu a produção e distribuição massificada de livros, disseminando o conhecimento e assegurando a permanência do texto original que assim deixava de ser facilmente modificado durante o processo de tradução e passava a constituir um ponto de partida fixo, responsabilizando o papel do tradutor, com as consequências directas que isso trouxe para a tradução técnica e científica aqui em análise − até à modernidade marcada por uma necessidade crescente de tradução à escala mundial, dominada por uma

pluralidade temática e processual e caracterizada por um perfil multimodal, a tradução percorreu um longo caminho, foi adquirindo novos contornos e constitui actualmente um fenómeno muito desafiante enquanto objecto de estudo.

Esta evolução verificada ao longo do tempo foi sendo, naturalmente, objecto de várias análises e abordagens, tendo suscitado diversas teorias, de génese idêntica ou antagónica e, com frequência, de índole dicotómica. O autor, o texto, o público-alvo, o acto comunicativo, a função, os factores influentes, todos estes elementos têm ocupado diferentes protagonismos e dado origem a abordagens bastante diversas na tentativa de compreensão, explicação e categorização da tradução.

Apesar da multiplicidade de paradigmas criados na análise do fenómeno da tradução, podemos verificar, tal como refere Byrne (2012, p. 8), autor com quem me identifico em muito da abordagem à tradução técnica e científica, que a tradução técnica e científica nunca foi considerada um dos grandes géneros enquanto objecto de estudo, não se podendo identificar uma teoria especificamente focada na tradução especializada, ao contrário do que aconteceu com outros campos da tradução, como o domínio literário, onde sempre proliferaram as teorias da tradução.

Partindo deste pressuposto, no presente trabalho apenas fará sentido abordar algumas das abordagens teóricas da Tradução que, de algum modo, se podem aplicar à tradução técnica e científica, e que se revelam importantes no estudo deste campo da tradução, ajudando a analisar, compreender e consubstanciar um conjunto de conhecimentos de aspectos pertinentes, problemas recorrentes e estratégias possíveis de resolução, relevantes para o entendimento teórico e a prática sólida e competente da tradução técnica e científica.

2.2. Teoria das Equivalências

> *…the production of equivalent messages is a process, not merely of matching the parts of utterances, but also of reproducing the total dynamic character of the communication.*
> (Nida, 1964, p. 120)

O conceito de 'equivalência' baseia-se no pressuposto de que é possível estabelecer uma ligação de 'igual valor' entre o texto de partida (TP) e o texto de chegada (TCh) até determinado nível e assenta na crença de que a tradução terá, por isso, pelo menos até certo ponto, o mesmo valor do original. É um conceito polémico que tem gerado controvérsia e que tem estado na origem de diversas abordagens teóricas contraditórias, continuando ainda hoje a suscitar discussões variadas tanto junto de tradutores como de teóricos da Tradução (Neubert, 2004, p. 329).

São numerosas as teorias que giram em torno deste paradigma, sendo com Nida, linguista e tradutor da Bíblia, que surgem duas vertentes primordiais nos Estudos de Tradução e relevantes para o presente trabalho. O autor (Nida, 1964, p. 159) que rejeitou a ideia antiga de uma palavra ter um significado fixo e defendeu que a palavra ganha significado de acordo com o seu contexto admitindo respostas variáveis (*vide* exemplo prático na alínea 3.7.), apresenta dois conceitos centrais à discussão em torno da Teoria da Tradução, defendendo dois tipos de 'equivalência': a 'equivalência formal' e a 'equivalência dinâmica'[2].

Identificando na sua abordagem três etapas do processo de tradução, nomeadamente a análise, a transferência e a reestruturação, Nida argumenta que existe a 'equivalência formal' centrada no TP, havendo o objectivo claro de criar uma equivalência no TCh que lhe corresponda em forma e em conteúdo. Os textos académicos serão disso um exemplo.

O autor defende, ainda, a existência de uma 'equivalência dinâmica' designada por "princípio de equivalência de efeito", segundo o qual a relação entre receptor e mensagem do TP deve ser espelhada na relação de receptor e mensagem do TCh (Nida, 1964, p. 159), colocando o receptor no centro do processo de tradução. Esta abordagem privilegia a 'naturalidade' e está orientada para o receptor, rejeitando a marca do 'estrangeiro' no TCh[3].

A equivalência não pressupõe uma tradução literal, podendo dois elementos completamente diferentes desempenhar a mesma função em duas línguas e culturas diferentes. Trata-se de encontrar "o equivalente natural mais próximo" (Munday J. , 2001, p. 52) e, nesta medida, a equivalência será, porventura, a única dinâmica capaz de colocar em diálogo a literalidade e a liberdade total no acto de tradução (Neubert, 2004, p. 332).

Podemos considerar que os níveis de equivalência descritos mais tarde por Werner Koller[4] (Munday J. , 2001, pp. 46-49) e desenvolvidos detalhadamente a partir dos conceitos de Nida − nomeadamente i) a 'equivalência denotativa' (invariância do

[2] O autor foi adaptando estes termos, posteriormente designando a 'equivalência formal' por 'correspondência formal'. Cf. Nida & Taber (1982 [1969], p. 198 s.).

[3] Pelo contrário, Schleiermacher assume uma abordagem diferente, ao considerar dois métodos de tradução, nomeadamente o método 'estrangeirizante' e o método 'domesticante'. A este propósito, o autor explicita: "Ou o tradutor deixa o mais possível o escritor em repouso e move o leitor em direcção a ele; ou deixa o leitor o mais possível em repouso e move o escritor em direcção a ele." (Scleiermacher, 2003, p. 61).

[4] Académico suíço, Professor de Linguística Alemã jubilado da Universidade de Bergen, Noruega, investigador e autor de numerosos estudos sobre Tradução, nomeadamente em torno do conceito de 'equivalência'.

conteúdo); ii) a 'equivalência conotativa' (equivalência estilística); iii) a 'equivalência textual-normativa', iv) a 'equivalência pragmática' ou 'equivalência comunicativa' (a 'equivalência dinâmica' de Nida); e v) a 'equivalência formal' (estética) − permitem-nos comparar o TP com o TCh e caracterizar a relação entre textos, o que na prática é relevante, nomeadamente, nas fases de revisão e de *feedback* que tratarei na secção prática, respectivamente nas alíneas 3.9.1 e 3.9.5. No âmbito didáctico e utilizando uma abordagem contrastiva, o conceito de 'equivalência' revela igualmente a sua utilidade prática, na medida em que depois de se isolar e analisar elementos estruturais com significado comum no par de línguas, é possível comparar as suas propriedades sintáctico-semânticas, verificando as semelhanças e as diferenças (Koller, 2004, p. 350).

Para além dos níveis de equivalência, Koller (*apud* Neubert, 2004, p. 334)[5] sugere, ainda, uma série de variáveis que devem ser consideradas na escolha de equivalências:

- "the source and target languages with their structural properties, possibilities and constraints;
- the 'world' as it is variously classified in the individual languages;
- different realities as these are represented in ways peculiar to their respective languages;
- the source text with its linguistic, stylistic and aesthetic properties in the context of the linguistic, stylistic and aesthetic norms of the source language;
- linguistic, stylistic and aesthetic norms of the target language and of the translator;
- structural features and qualities of a text;
- preconditions for comprehension on the part of the target-language reader;
- the translator's creative inclinations and understanding of the work;
- the translator's explicit and/or implicit theory of translation;
- translation tradition;
- translation principles and the interpretation of the original by its own author;
- the client's guidelines and the declared purpose of the translation; and
- the practical conditions under which the translator chooses or is obliged to work (Koller, 1995, 196-197)."

Neste enquadramento, discordo das críticas feitas à 'equivalência' no sentido de que esta não incorpora factores extratextuais do mundo real, como as limitações de tempo e as preferências terminológicas e estilísticas (Byrne, 2012, p. 11), uma vez que considero que estes aspectos são contemplados na elencagem de Koller *supra* mencionada.

Partindo do pressuposto de que a tradução é criada pelo tradutor ao seleccionar de entre as várias opções, mediante diversos condicionalismos, e que os diferentes tipos de equivalência possam coexistir, podemos aparentemente e em termos gerais identificar a Teoria das Equivalências como um dos paradigmas de base aplicável à tradução no geral, e à tradução técnica em específico.

[5] Optei, neste caso, pela citação indirecta uma vez que a versão de Neubert prima pela síntese.

As traduções técnicas e científicas são produzidas sob o controlo de normas, expectativas e regras do TCh, sendo tratadas enquanto textos originalmente produzidos na língua de chegada e não enquanto traduções. Byrne (2012, p. 11) considera que é precisamente aqui que a Teoria da Equivalência falha ao ignorar os factores e aspectos relativos à prática e que são responsáveis pela forma de conduzir o processo de tradução. A tradução técnica muito orientada para a prática, que visa primordialmente a satisfação do cliente, seguindo rigorosamente as especificações do produto, fácil e legitimamente se afasta da equivalência com o TP. Aqui retoma-se o conceito de 'tradução instrumental' introduzido por Nord (Nord C. , 1997, pp. 47-50).

Conforme teremos oportunidade de verificar na secção prática, as variáveis são muitas e as dinâmicas que entre estas se estabelecem são desafiantes e condicionam por completo o processo criativo da tradução, que visa alcançar um produto final bem-sucedido. Por isso, não podemos ignorar a imprevisibilidade das dinâmicas entre os factores que condicionam o processo tradutivo.

A noção de equivalência assenta no compromisso entre o que é possível e o que é insuficiente, e esta flexibilidade torna-a um conceito, a meu ver, válido. Trata-se, porém, de um conceito relativo e não absoluto, em que se persegue a transferência adequada relativamente a uma encomenda e a um propósito (Neubert, 2004, p. 331).

Desde Cícero, passando por Lutero, até à modernidade, muitos são os autores que defendem que não são as palavras, nem as frases, nem mesmo os textos o objecto da Tradução, mas sim as intenções comunicativas. Estando a 'equivalência comunicativa' marcada pela subjectividade do mediador, as criações comunicativamente equivalentes são as novas criações que só existem porque existe um original, mas que renovam o valor deste original, igualando-o num novo ambiente comunicativo. Trata-se do equivalente comunicativo da tradução total, um novo todo comunicativo (Neubert, 2004, p. 341).

Contudo a discussão não se fica por aqui. Hoje em dia, assistimos a um revivalismo do conceito de 'equivalência' nas abordagens de vanguarda da Tradução, destacando-se o nome de Anthony Pym. Curiosamente, os avanços tecnológicos fazem-nos regressar a conceitos desvalorizados durante algum tempo e trazê-los de volta ao debate: com a forte indústria da localização e o uso cada vez mais generalizado de bases de dados e TM junto das empresas de tradução e da comunidade de tradutores, particularmente de tradutores técnicos e especializados, o conceito de 'equivalência' ganha nova vida e revela pertinência especial na área técnica, onde a uniformidade e a normalização assumem um papel tão preponderante (Pym, 2014).

2.3. Funcionalismo e *Skopostheorie*

Die Dominante aller Translation ist deren Zweck.
(Reiss & Vermeer, 1984, p. 96)

Este é o princípio de fundo defendido por Katharina Reiss dentro da abordagem funcionalista do fenómeno da tradução, considerando que ao categorizar um texto dentro de um 'tipo textual' e de um 'género textual' está a determinar as estratégias de produção do TCh. A sua abordagem funcional baseia-se na categorização tripartida das funções da linguagem de Bühler[6], considerando o texto informativo, expressivo e operativo, proveniente das funções da linguagem descritiva, expressiva e apelativa, respectivamente. Reiss sugeriu métodos específicos de tradução de acordo com o tipo textual (Schäffner, 2001 [1998], p. 237).

Reiss admite, ainda assim, a coexistência de funções num mesmo TP e o uso de um mesmo TP para diferentes finalidades, o que naturalmente implica diferentes procedimentos, mas a abordagem funcional muito colheu do seu exercício de sistematização.

A *Skopostheorie* foi desenvolvida na Alemanha em 1978 por Hans J. Vermeer e reflecte uma viragem nas teorias da Tradução existentes até então, com forte pendor linguístico e formal, para um conceito da tradução mais funcional e sociocultural. De acordo com esta abordagem, é a finalidade, o *skopos,* do TCh, que determina os métodos e as estratégias de tradução (Schäffner, 2001 [1998], p. 236).

Ao contrário das teorias da tradução baseadas na equivalência que se centravam no TP, no seu efeito sobre os receptores do TCh e na função atribuída pelo autor, esta nova teoria volta-se para a finalidade do TCh conforme determinado pelo utilizador do TCh, a sua situação e contexto cultural (Schäffner, 2001 [1998], p. 236).

O TCh é agora considerado como objecto autónomo, ao contrário do que se verificava com as teorias da equivalência, e "o centro de atenção está, portanto, na 'produção' do TCh e não tanto na 'reprodução' dum texto de partida" (Vermeer, 1985, p. 16).

A *Skopostheorie* considera a tradução como um acto comunicativo que é realizado com determinada finalidade estabelecida por quem solicita a 'encomenda de tradução'[7] e pelo tradutor, conforme salienta Jody Byrne (2012, p. 12).

[6] Psicólogo e linguista alemão, autor do *Organon-Modell*. Segundo este modelo básico da comunicação, a língua é considerada uma ferramenta (do grego *Organon*) que serve várias funções (Nord, 2002, p.22-23).
[7] Termo cunhado por Nord que será abordado em detalhe ao longo do trabalho.

De acordo com esta teoria, um texto é uma oferta de informação, i.e., a matéria-prima a partir da qual se podem produzir inúmeras traduções possíveis. Nas palavras de Vermeer, na sua breve mas emblemática obra "Esboço de uma Teoria da Tradução" (1985, p. 12): "há tantas versões dum texto, ou mesmo tantos 'textos' diferentes, como há leituras e interpretações.".

Nesta perspectiva, a tradução não é considerada como processo de transcodificação, mas sim como forma específica da acção humana com uma finalidade, sendo o resultado dessa acção tradutiva o 'translato', termo cunhado por Vermeer no âmbito da *Skopostheorie* para designar uma versão específica do TCh (Schäffner, 2001 [1998], p. 236).

É a função do translato que orienta o tradutor durante o processo de tradução.

No contexto da abordagem do "translatorisches Handeln" de Holz-Mänttäri (Neubert, 2004, p. 333), a acção tradutiva centra-se muito na produção de um TCh funcionalmente adequado para o receptor, sendo o tradutor, enquanto especialista da acção tradutiva, que determina o que é ou não "functionally suitable", conforme refere Munday (2001, p. 77). Como estas abordagens sugerem, não era dada relevância ao TP, só sendo a sua valorização reposta por Nord, como veremos adiante.

Efectivamente, da conjugação da abordagem mais específica desenvolvida por Reiss com a posterior *Skopostheorie* de carácter mais geral de Vermeer resulta uma teoria da tradução bastante geral, como o nome indica: "eine allgemeine Translationstheorie" (Schäffner, 2001 [1998], p. 236).

Reiss e Vermeer vêem na tradução um acto de transferência intercultural: "Translation ist eine Sondersorte kulturellen Transfers." (Reiss & Vermeer, 1984, p. 13).

Conforme estes autores afirmam na sua obra conjunta (1984, p. 21), "einem Wort in einer Sprache kann eine Wortfolge oder ein Satz in einer anderen Sprache entsprechen". Podemos perceber a aplicabilidade desta noção à tradução técnica automóvel se considerarmos o exemplo desenvolvido na secção 3.3. do capítulo prático, relativa à expansão verificada ao traduzir da língua inglesa para a língua portuguesa.

A 'unidade de tradução' é em si um conceito controverso, que em termos gerais corresponde ao elemento processado pelo tradutor de uma só vez. O seu entendimento condicionado pelo próprio tradutor, pelo TP e pela finalidade do TCh, reitera esta abordagem: "Die primäre Translationseinheit ist der Text. Wörter interessieren den Translator nur als Textelemente." (Reiss & Vermeer, 1984, p. 30).

Sendo o TP visto como 'oferta de informação', como já referido, feita por um produtor para um receptor, o tradutor efectua uma 'oferta de tradução' de alguns aspectos do TP inserido numa situação de partida de acordo com a finalidade especificada pelo iniciador[8], sendo esta finalidade determinada pelas necessidades, expectativas e outros condicionalismos dos receptores do TCh na situação de chegada.

Cada recepção concretiza apenas uma parte de entre todas as possibilidades de compreensão e interpretação, neutralizando alguns aspectos e realçando outros (Reiss & Vermeer, 1984, p. 62) e esta selecção é feita com base na função que o TCh deve desempenhar na situação de chegada.

Uma vez que a finalidade varia em função dos receptores, TP e TCh podem ou não ter a mesma finalidade. Quando a finalidade é a mesma, fala-se de 'Funktionskonstanz' (constância funcional); quando a finalidade é diferente, fala-se de 'Funktionsänderung' (mudança de função). Quando se verifica uma mudança de função, a tradução deixa de ser 'regida' pela coerência intertextual para com o TP, destacando-se a adequação[9] à finalidade, também responsável pela escolha de estratégias (Schäffner, 2001 [1998], p. 236).

Embora, como é óbvio, não veja no translato uma imitação fiel do TP, a *Skopostheorie* admite a fidelidade, entendida enquanto coerência intertextual com o TP, como objectivo legítimo da tradução (Schäffner, 2001 [1998], p. 237).

A *Skopostheorie* trouxe uma notável inovação à Teoria da Tradução na medida em que contribuiu para a valorização do TCh. A tradução é um processo decisório e essas decisões são tomadas com base no 'skopos' da 'encomenda de tradução', conceito cunhado por Nord (Nord C. , 1988, p. 10) a tratar na secção seguinte.

Esta teoria tem sido considerada menos aplicável à tradução literária, devido ao seu estatuto de 'obra de arte', visto que o facto de se atribuir uma finalidade a uma obra de arte seria uma atitude limitativa à partida (Schäffner, 2001 [1998], p. 238), crítica esta um tanto questionável. Já o mesmo não se verifica em relação ao texto não literário, que é o caso versado no presente estudo. Na verdade, se atentarmos no emergir das teorias funcionalistas, vemos que estas surgem na sequência da necessidade crescente de traduções fora do domínio literário, na segunda metade do século XX. Os conteúdos técnicos, científicos e utilitários começam a reflectir a realidade da tradução nesse

[8] O iniciador dá início ao processo de produção do documento já que, pretendendo comunicar algo, encomenda a criação de um texto. Este conceito é abordado em detalhe na alínea 2.5.

[9] Considero importante aqui esclarecer o significado de 'adequação', para isso apresentando a definição de Reiss (Reiss, Adäquatheit und Äquivalenz, 1989, p. 1) sendo que este conceito se refere à conformidade de uma tradução em relação à sua finalidade. Segundo esta definição, é o objectivo de uma tradução que deve nortear o processo decisório inerente à mesma.

período, não podendo os factores contextuais ser ignorados, nem tão pouco a finalidade a que se destinavam (Schäffner, 2001 [1998], p. 235).

Conforme poderemos verificar através dos exemplos analisados na secção seguinte dedicada à prática da tradução técnica da área automóvel, a função informativa, utilitária e instrucional com um carácter comunicativo marcado pela clareza, rigor e desambiguidade, só pode ser plenamente conseguida se atentarmos no texto na sua situação dinâmica de chegada.

Só o conhecimento da finalidade do translato permite ao tradutor técnico realizar uma tarefa de tradução bem-sucedida, permitindo-lhe identificar os problemas de tradução de forma consciente, encontrando estratégias de resolução e tomando as decisões mais adequadas à situação comunicativa para alcançar a finalidade pretendida, que deve estar bem definida ou ser esclarecida antes de iniciar a tarefa de tradução.

Reiss e Vermeer consideram que a adequação deve estar presente na relação entre o TP e o TCh. O translato só é funcional e comunicativamente adequado quando se cumpre o *skopos* da tradução, sendo este *skopos* definido pela encomenda de tradução, por assim dizer, o 'guião da tarefa de tradução', onde se apresenta as linhas de orientação que devem nortear o trabalho do tradutor, conceito que abordarei mais aprofundadamente adiante.

2.4. Tradução como acto comunicativo e análise de texto orientada para a tradução

> *Being culture-bound communicative signs, both the source and the target text are determined by the communicative situation in which they serve to convey a message.*
> (Nord C. , 2005, p. 8)

Seguidora de Vermeer e do seu postulado que baseia o acto de tradução na função do translato, Christiane Nord conta-se entre os estudiosos funcionalistas que analisam o fenómeno da tradução dentro de um quadro comunicativo. Para Nord apenas faz sentido entender o texto integrado nos seus condicionalismos de produção e recepção (Mason, 2001 [1998], p. 30), i.e., dentro da situação comunicativa. E nesta situação comunicativa interferem, naturalmente, as inerentes cargas culturais.

Em virtude destes pressupostos teóricos, considero que a concepção de tradução que, porventura, melhor se adequa à tradução técnica e científica será uma concepção pragmática e funcionalista da tradução, sendo que apenas é possível realizar a tarefa da tradução levando em linha de conta a situação comunicativa em que o TCh vai funcionar, enquanto objecto primordialmente utilitário.

Nesta perspectiva, e pela sua relevância, retomo a designação mencionada na alínea anterior de 'Übersetzungsauftrag', em Português 'encomenda de tradução', igualmente reconhecida como 'translation brief' na língua inglesa. Esta orientação funcional realçou o papel do tradutor, valorizando a sua responsabilidade enquanto autor do TCh (Schäffner, 2001 [1998], p. 238).

Para aferir este contexto, numa perspectiva prática, Nord (2005, pp. 1-3) apresenta um modelo de análise textual do TP orientada para a tradução que ainda hoje revela a sua actualidade pragmática, conforme teremos oportunidade de verificar, recuperando o TP a sua importância relativamente à abordagem da *Skopostheorie*.

De acordo com este modelo funcional, é possível compreender a função das características do TP e seleccionar as estratégias de tradução mais adequadas à finalidade da tradução. Para proceder a esta análise, Nord atenta em duas séries de factores designados pela autora por 'textexterne' e 'textinterne Faktoren', que o tradutor deve considerar antes de dar início à tarefa de tradução. Há que fazer as perguntas certas ao TP.

Os 'factores externos' do TP que determinam a situação comunicativa são os seguintes:

Perguntas feitas ao texto de partida	**Elementos da comunicação**
QUEM emite um texto?	Emissor
PARA QUÊ?	Intenção do emissor
A QUEM o dirige?	Receptor
Por QUE MEIO?	Canal
ONDE?	Espaço
QUANDO?	Tempo
PORQUÊ?	Ensejo
Com QUE FUNÇÃO?	Função do texto

Figura 1: 'Factores externos' de Nord

Estas informações apuradas pelo tradutor ou solicitadas por este ao encomendante da tradução caracterizam a situação comunicativa de partida que irá condicionar as opções do tradutor. É do confronto desta situação comunicativa de partida com a situação comunicativa de chegada, determinada por uma série de aspectos que podem ir desde o tipo de público-alvo (grupo etário, formação académica, expectativas, etc.) até à estrutura de recepção da tradução (espaço, tempo, duração, condicionalismos da situação concreta, etc.), tipo de suporte e modo da recepção (livro impresso,

apresentação multimédia à distância/presencial, individual/em grupo, etc.), que surgem os "problemas de tradução de ordem pragmática"[10], segundo a designação de Nord.

Os 'factores internos' do TP, por sua vez, compreendem:

Perguntas feitas ao texto de partida	Elementos da comunicação
SOBRE O QUÊ?	Tema
O QUÊ?	Conteúdo
O QUE NÃO?	Pressuposições
Em que SEQUÊNCIA?	Estrutura do texto
ELEMENTOS NÃO-VERBAIS?	Elementos não-verbais
PALAVRAS?	Léxico
TOM?	Tom
Com QUE FUNÇÃO?	Função do texto

Figura 2: 'Factores internos' de Nord

E da interacção entre estas duas ordens de factores é produzido um determinado 'efeito' e não outro (Nord, 1988, p. 41).

O modelo de Nord visa permitir ao tradutor compreender a função dos elementos de forma e conteúdo do TP para depois poder escolher as estratégias mais adequadas à finalidade da tradução. Efectivamente, segundo Nord, é preciso conhecer as convenções de cada língua e cultura para saber que aquela formulação irá produzir aquele efeito naquele público-alvo. Só assim se poderão fazer as melhores escolhas pragmáticas para resolver os problemas de tradução.

Para Nord, um texto é um acto comunicativo que pode ser realizado através de uma conjugação de elementos verbais e não-verbais (2005, p. 16). Considero este princípio correcto e aplicável à tradução técnica da área automóvel, na medida em que a imagem está muito presente nos conteúdos técnicos desta área. Sendo dela uma marca inequívoca, estabelece uma relação de interdependência e complementaridade com o texto escrito. Conforme abordo e exemplifico na alínea 3.7.1. da secção prática, a imagem ilustra, define, contextualiza e esclarece. Entre imagem e texto escrito deverá existir uma ligação dominada pela coerência e pela coesão.

Ao traduzir textos técnicos, os documentos com suporte de imagem permitem uma melhor compreensão de conceitos e facilitam a percepção de detalhes que promovem

[10] Além dos ditos "problemas de tradução de ordem pragmática", Nord (2011, pp. 117-120) enuncia, ainda, i) os "problemas específicos do par de culturas ou de convenções"; ii) os "problemas específicos do par de línguas"; e iii) os "problemas específicos do TP". Nord distingue os 'problemas de tradução', de carácter objectivo, das 'dificuldades de tradução', de carácter subjectivo, sendo este aspecto referido no capítulo 4.

a obtenção de termos técnicos de chegada mais exacta e adequada, constituindo a imagem uma forte ferramenta auxiliar de suporte à terminologia especializada. A informação visual potencia o domínio lexical: "visualizing pictures of technological devices and pictures related to instructions helps to evoke terminological solutions in the target language" (Torcedor, Alarcón-Navío, Prieto-Velasco, & López-Rodríguez, 2009, pp. 144-146).

O que Nord propõe com o seu modelo geral de análise textual orientado para a tradução é precisamente que o tradutor leve em conta os factores intratextuais, bem como os factores extratextuais, na execução da sua tarefa de tradução.

Nas suas considerações, Christiane Nord afirma, ainda, que a recepção de um texto está condicionada pelas expectativas dos receptores, por sua vez dependentes da situação de recepção do texto e por um conjunto de factores específicos como o enquadramento social, a mundividência e as necessidades comunicativas do receptor. Sendo o texto um acto comunicativo que só é concretizado pelo receptor, aqueles factores são parte determinante do processo (Nord C. , 1988, pp. 17-18).

Em suma, Nord defende uma teoria pragmática da tradução em que a reflexão sobre os fundamentos teóricos e metodológicos da tradução, a análise crítica dos diferentes recursos, a sistematização dos problemas de tradução e respectiva resolução e a abordagem crítica de traduções existentes são possibilidades no âmbito científico que podem levar a resultados de tradução mais eficazes e mais céleres (Nord B. , 2002, p. 304). Concordo plenamente com a autora na medida em que a sua perspectiva pragmática e sistematizada parece reunir e articular os componentes metodológicos necessários à obtenção de um trabalho de tradução bem-sucedido.

No presente enquadramento, afigura-se-me fundamental a referência ao trabalho desenvolvido por Jody Byrne, autor que se debruça sobre a comunicação técnica, nela salientando a importância do público-alvo.

2.5. Tradução técnica e científica[11]

By positioning scientific and technical translation within the field of technical communication, it will be apparent that communicating technical information between languages requires more than just a good dictionary and an ability to write clearly.
(Byrne, 2012, p. xiii)

[11] Embora a tradução técnica e a tradução científica se diferenciem em determinados aspectos, têm em comum a função de veículos de disseminação dos avanços tecnológicos e das invenções, transformações e percepções novas que mudam a nossa vida a cada instante. Existe um número considerável de textos que combinam elementos de ambas as vertentes, pelo que neste estudo serão consideradas no seu conjunto.

A tradução técnica e científica só mais recentemente (em comparação com outros campos da tradução) tem sido objecto de estudo e análise, sendo ainda pouco abundantes os estudos nesta área, de facto, orientada para o público-alvo, que assim assume um pragmatismo inequívoco.

A razão de ser primeira e última da tradução técnica e científica é, afinal, dar a conhecer o que de novo se faz e assim potenciar que mais de novo se faça. Um meio e um fim em si mesma, motor de si própria. A actual economia globalizada precisa deste veículo de comunicação especializada para que o comércio internacional e o desenvolvimento científico aconteçam, ocupando a tradução técnica e científica hoje em dia um volume considerável da produção de tradução ao nível global (Byrne, 2012, p. 6).

O público-alvo deve merecer atenção privilegiada no que concerne ao crescente número de normas e convenções de regulamentação da documentação técnica focadas na clareza de conteúdos e na apresentação de avisos para prevenir utilizações indevidas e potenciais acidentes. Neste contexto importa salientar a crescente responsabilização do tradutor e a valorização do seu trabalho enquanto produto especializado.

Conforme Byrne (2012, pp. 18-19) refere, a tradução técnica e científica é um serviço comunicativo realizado por pessoas para pessoas. Inspirado entre outros em Sager[12] e Nord, Byrne sugere uma categorização de participantes, com cunho claramente funcionalista, em que identifica: i) “document initiator”; ii) “writer”; iii) “translation initiator”; iv) “translator”; e, por fim, v) “user”.

E, assim, o “document initiator” com a sua necessidade de produzir o documento, será quem pretende comunicar algo, podendo tratar-se de uma pessoa, empresa que fabrica o produto ou outra entidade. O “writer” será o responsável pela redacção do documento propriamente dito na língua de partida. Na língua de partida, o “translation initiator” poderá ser a pessoa que inicia o processo de tradução e que é responsável pelo mesmo, podendo também tratar-se daquele que se depara com o documento e tem a necessidade de o compreender. O “translator” será o responsável pela tradução. E, por último, mas não menos importante, o “user”, que será o receptor da tradução técnica e científica que espera que a tradução funcione como texto autêntico e autónomo na língua de chegada.

Trata-se de um esquema básico que serve de referência à representação habitual da situação de trabalho concreta em que se processa a tradução técnica, sendo, contudo, os agentes envolvidos bem mais numerosos, passando pelos gestores de projectos, os

[12] Juan C. Sager é tradutor, investigador, autor e editor de numerosas publicações no âmbito dos Estudos de Tradução, nomeadamente sobre terminologia e tecnologias da informação.

especialistas técnicos, os terminólogos, gestores de bases de dados, os revisores na língua de chegada e todo um departamento de formatação e tratamento de texto, arranjos gráficos, software, etc.

Neste quadro, o tradutor ocupa um papel central na indústria da documentação técnica, desempenhando uma função fundamental e complexa, conforme teremos oportunidade de constatar na secção prática.

O tradutor poderá trabalhar dentro da estrutura de uma empresa ou entidade de qualquer ramo de actividade ou esfera empresarial que possua um departamento de tradução interno; pode exercer a sua actividade profissional numa empresa de tradução; pode trabalhar como independente para um cliente directo; ou, talvez em situação mais comum, pode ser colaborador externo de uma empresa de tradução, sendo que a grande maioria do trabalho de tradução a nível mundial é actualmente realizada por tradutores *freelance* (Byrne, 2012, p. 21). Todos estes perfis possíveis equivalem a especificidades e condicionalismos diversos. Independentemente da estrutura, o tradutor técnico posiciona-se dentro de uma área de especialização principal.

O cliente, i.e., o "inititator", representa, para além do tradutor, o outro elemento que se salienta dos demais neste processo, já que parte dele todo o processo de tradução ao efectuar a encomenda de tradução.

Na sua encomenda de tradução, o cliente deve designar de forma tão clara e estruturada quanto possível as instruções relativas à tarefa de tradução que pretende ver realizada. Estas informações que devem governar o processo tradutivo correspondem ao já mencionado 'translation brief' que será abordado na secção seguinte.

2.5.1. *Translation brief*[13]

A *Skopostheorie*, como já tive oportunidade de mencionar, introduziu o conceito de 'translation brief' enquanto conjunto de informações e linhas de orientação que serve para guiar o tradutor no seu acto decisório ao longo do processo de tradução, visando alcançar o objectivo funcional e comunicativo do TCh numa determinada situação cultural de chegada.

O 'translation brief' deverá apresentar informações tão concretas como a referência do projecto de tradução, o prazo de entrega, a língua de partida, a língua de chegada, o

[13] Conforme referido em 2.4, o termo 'translation brief ' é o correspondente a 'encomenda de tradução', partindo ambos do termo de origem 'Übersetzungsauftrag'. Opto aqui pelo uso de 'translation brief' pela universalidade do seu uso na perspectiva da minha experiência pessoal e empírica.

tema tratado, o género textual, a função a que o TCh se destina, se há terminologia especializada, o público-alvo a que se destina, a formação/enquadramento do público-alvo, qual a utilidade da tradução para o público-alvo, particularidades do TP, requisitos específicos do cliente, materiais de referência (Byrne, 2012, p. 139), a indicação das TM a utilizar e as definições a aplicar para aquele projecto, o uso de determinados glossários, o contacto do director de projecto, o contacto do consultor técnico, instruções sobre o processo de resolução de questões problemáticas, guias de estilo a seguir, normas e convenções a observar, entre outras instruções.

Na situação real de trabalho, porém, nem sempre o tradutor recebe instruções detalhadas sobre a tarefa de tradução, ocorrendo, muitas vezes, situações em que as instruções que o tradutor recebe são escassas e vagas, cingindo-se a uma breve frase do tipo "the text is about engineering and we need it translated into Portuguese asap. Can you do it?"[14]. Esta situação revela falta de consciência por parte de quem procura o serviço de tradução.

Segundo nos refere Jody Byrne (Byrne, 2012, p. 137), já o próprio Vermeer no âmbito da *Skopostheorie* previa esta inevitabilidade que colocava o tradutor na posse de instruções insuficientes para orientar a execução da tarefa de tradução, tendo que recorrer a estratégias de dedução para estabelecer algumas linhas de orientação. Byrne sugere a elaboração por parte do tradutor de uma breve lista de perguntas a dirigir ao cliente no início de um projecto, parecendo-me esta estratégia muito acertada e pragmática, tendo eu própria no exercício da minha actividade tradutiva já feito uso dela: informações básicas como o par de línguas de trabalho, o objectivo da tradução, o prazo de entrega e se existe algum requisito específico de ordem terminológica por parte do cliente (Byrne, 2012, p. 137).

O 'translation brief' é, sem dúvida, uma ferramenta essencial para a realização bem-sucedida de qualquer tradução. Dadas as múltiplas especificidades inerentes à realização da tradução técnica, mais pertinente se torna a abrangência do 'translation brief' neste campo.

2.6. Tradução e comunicação técnica

Jody Byrne (2012, p. 23) defende que a tradução técnica e científica deve ser considerada dentro do enquadramento mais abrangente da comunicação técnica, baseada no desenvolvimento e disseminação da informação técnica, uma vez que dentro do processo de comunicação técnica se encontra uma fase que implica a

[14] Frases retiradas da minha experiência de trabalho.

necessidade de transmitir a informação especializada para outras línguas, em consonância com o elenco de participantes referido em 2.5.

A comunicação técnica visa transmitir informação complexa especializada, seja esta em que área for, de forma clara, rápida e acessível, de modo a permitir uma correcta e segura utilização do produto ou aplicação do conteúdo, direccionada a um público-alvo específico num contexto específico, para tal muitas vez combinando informação textual e gráfica (Byrne, 2012, p. 26).

2.6.1. Quem emite

As comunicações técnicas são geralmente escritas por especialistas na área, quer se trate de um engenheiro, cientista, técnico especializado ou, ainda, um comunicador técnico (Byrne, 2012, p. 26), o "writer" referido em 2.5.

Os especialistas, profundos conhecedores das áreas de especialização, não são redactores, enfrentando a exigência que habitualmente lhes é solicitada de escrever conteúdos técnicos contra sua vontade e ocupando o seu tempo com uma tarefa para a qual não têm formação. Os comunicadores técnicos, por sua vez, produzem e comunicam informação técnica; dominam a redacção e as técnicas de comunicação, mas não são especialistas nas áreas sobre as quais redigem. Um terceiro grupo, os tradutores, surge como elemento fulcral da comunicação técnica, vertendo conteúdos técnicos de uma língua para outra, sendo, no entanto, raramente referidos em grande parte das publicações técnicas, tal como acontece com os autores. Como refere Mossop (2001, p. vii), o texto não-literário é tipicamente anónimo. Aqui não há lugar para o *feedback* por parte do público-alvo, ao contrário do que acontece na literatura, em que a recepção constitui área de estudo. Contudo, as definições mais recentes que começam a surgir no âmbito de associações profissionais atribuem ao tradutor técnico o meritório estatuto de 'comunicador técnico' (Byrne, 2012, pp. 26-27). Esta situação contraria o conceito tradicional de autoria.

A comunicação técnica consiste na redacção de informações técnicas que posteriormente virão (ou não) a ser objecto da tradução. Os requisitos da redacção técnica são comuns à tradução técnica. Contudo, na redacção técnica as questões de formatação e edição requerem uma abordagem criativa, ao contrário do que acontece na tradução técnica, em que estes aspectos devem ser reproduzidos de acordo com o original (Byrne, 2012, p. 27).

A comunicação técnica é habitualmente produzida de forma colaborativa, havendo várias pessoas envolvidas no processo e vários departamentos implicados. Trata-se de uma conjugação de contributos, mesmo quando apenas existe um redactor, na medida

em que o documento tem obrigatoriamente de passar por vários ciclos de revisão, desde os especialistas técnicos, até à equipa de marketing, à parte jurídica, até aos utilizadores. Dada a multiplicidade de participantes na execução de uma comunicação técnica, é difícil manter a consistência estilística (Byrne, 2012, p. 29).

Aqui reside uma enorme dificuldade para o tradutor, que se vai deparar com diferentes formas de expressão e diferentes termos para designar os mesmos conceitos. Algo de semelhante se passa no processo de tradução, principalmente de projectos de grande extensão, sendo o documento dividido entre numerosos tradutores, o que requer uma uniformização final por parte de um editor, conforme refere Byrne (2012, p. 29). Não rejeitando a possibilidade enunciada por este autor, e com base empírica na minha experiência profissional na área técnica, gostaria de mencionar o habitual recurso a ferramentas, como TM e elementos normativos, para fomentar a coerência e a coesão estilísticas, terminológicas e gerais da documentação técnica de grande escala. Na alínea 3.4.1. esta temática ser detalhadamente analisada.

2.6.1.1. O Inglês como 'língua franca'

A língua de redacção do texto técnico é um aspecto de grande interesse e que merece ser aqui analisado.

O avanço tecnológico acontece em diferentes zonas do planeta, logo em diferentes línguas. Contudo, motivada pela necessidade e urgência de partilha do conhecimento, a tendência tem sido para que os textos técnicos e científicos sejam redigidos em Inglês.

O Inglês afirma-se, assim, como 'língua franca' ou 'world auxiliary language', uma língua 'universal' teoricamente falada e compreendida por todos. Não obstante a inegável 'diáspora' da língua inglesa, esta teoria ou ensejo de alguns está longe de corresponder à realidade, uma vez que nem todas as pessoas envolvidas no processo dominam a língua inglesa ou a dominam mal.

Contudo, a partir da penúltima década do século passado, a tendência tem sido claramente no sentido de o Inglês se afirmar cada vez mais como língua da ciência (Wright, 2011, p. 301). Os grandes especialistas e cientistas das mais variadas áreas e nacionalidades são incentivados a escrever em Inglês, as grandes discussões científicas, técnicas e especializadas são tidas em língua inglesa, e mesmo a crescente investigação internacional envolvendo elementos de vários países é feita em Inglês. Esta é uma realidade inegável e que facilmente se comprova empiricamente, para tal bastando consultar as mais diversas publicações científicas e elementos de comunicação com suporte veiculado via *internet* (Wright, 2011, pp. 301-304).

Ao remeter os especialistas à obrigatoriedade de redigir numa língua que não é a sua língua materna, a acrescer ao facto de estes profissionais não serem escritores ou redactores, estamos a exigir-lhes que se expressem numa segunda língua. O resultado é a produção de textos técnicos em língua inglesa com estruturas básicas e que são, por vezes, pouco claras e forçadas, com marcas de outras sintaxes e influenciadas por outras imagens culturais que não as da língua inglesa.

Este é um dos factores que explica a falta de qualidade, muitas vezes, verificada nos textos técnicos que chegam ao tradutor para traduzir a partir do Inglês.

No entanto, este requisito de redacção dos textos técnicos e científicos em língua inglesa poderá ter vindo propiciar uma simplificação de formulações, dado o nível de domínio menos elaborado numa segunda língua, factor que veio facilitar a compreensão de conteúdos com elevado grau de complexidade.

Neste cenário, importa, ainda, realçar um aspecto que se prende com o facto de o Inglês ser a língua para a qual são primeiramente traduzidos os textos técnicos e científicos que venham eventualmente numa língua menos comum ou dita exótica. Depois de ser traduzida para a língua inglesa, a informação técnica segue, então, o seu percurso para os tradutores ou equipas de tradução das diversas línguas de chegada, assumindo aqui o Inglês a função de 'pivot language' da tradução multilingue e da redacção técnica (Wright, 2011, p. 258).

Da minha experiência profissional retiro a noção de que este processo de tradução em 'segunda mão' gera uma dificuldade de identificar eventuais erros no TP em Inglês, visto este já ser uma tradução e não o TP original, propriamente dito. Na verdade, este 'intermediário' em Inglês comummente designado por 'relay translation', que é em simultâneo um TCh e um TP, vem potenciar a propagação do erro, na medida em que acrescenta uma fase ao processo tradutivo, complexificando-o.

De diferentes formas, o Inglês ocupa um papel central enquanto 'língua franca'. E a comunidade científica internacional veio reforçar este facto ao adoptar o Inglês como a sua língua de trabalho, tanto a nível de oralidade como de escrita (Wright, 2011, p. 256). A hegemonia da língua inglesa na ciência é inegável e veio afectar em diversos aspectos a tradução técnica e científica (Wright, 2011, p. 256), conforme foi referido.

2.6.2. Quem recebe

A comunicação técnica dirige-se a um público-alvo, tendo por finalidade ajudar os leitores a realizar alguma acção ou tarefa. Não se trata normalmente de um leitura recreativa, mas primordialmente utilitária, uma vez que quem lê os conteúdos técnicos,

geralmente fá-lo porque precisa de executar uma tarefa, utilizar um equipamento ou perceber um conceito.

Ao identificar o público-alvo e as suas necessidades, o tradutor enfrenta o desafio de lhe comunicar informação complexa de forma adequada para produzir o efeito pretendido. O tradutor irá, então, formular as suas estratégias com base nas expectativas do seu público-alvo, na forma como este vai utilizar o TCh e com que finalidade. Por isso, é tão importante identificar o público-alvo de uma tradução, o "user" referido no conjunto de participantes referido em 2.5.

À primeira vista, poderíamos pensar que a tradução técnica se destina a um público-alvo técnico, nomeadamente a engenheiros, técnicos e cientistas. Mas não só. E mesmo dentro do público especializado, os níveis de domínio da área técnica e a abrangência da área são distintos.

Quem lê documentação técnica fá-lo por ter interesse em determinado assunto, talvez numa minoria residual dos casos, ou porque precisa, na maior parte das situações. E precisa por uma necessidade prática utilitária de conseguir utilizar da melhor forma determinado sistema ou máquina, ou por razões profissionais.

No caso da indústria automóvel, considero por experiência, tendo em conta os textos traduzidos, que as principais motivações serão, por um lado, a obtenção do melhor desempenho do produto automóvel e o cumprimento da sua manutenção, por parte do público consumidor e proprietário do produto automóvel, e, por outro, a formação na área automóvel para responder às solicitações profissionais.

Desde o engenheiro ao técnico de oficina, o público-alvo da literatura técnica automóvel apresenta diferentes características. Por um lado, todos eles possuem algum grau de conhecimento da área automóvel. Por outro, o nível de conhecimento da área técnica diverge.

O engenheiro tem formação académica superior, posicionando-se num plano de estudo e investigação a acompanhar a evolução tecnológica, por oposição ao técnico de oficina que possui uma formação teórica básica, mas cujos conhecimentos pragmáticos assumem uma outra abordagem, visto ser substancialmente um saber de experiência feito.

Por outro lado, importa ainda salientar que os técnicos de oficina vão-se especializando em áreas específicas de acordo com as numerosas subáreas dentro da indústria automóvel (que abordarei mais aprofundadamente na secção prática deste estudo),

logo criando necessidades e expectativas específicas também enquanto público-alvo da literatura automóvel.

Um leitor especializado fará uma leitura superficial do documento técnico em busca da informação específica que lhe interessa, enquanto um técnico de oficina lerá o documento em espaço de oficina, tendo de localizar componentes e realizar determinados procedimentos.

Estes são apenas dois exemplos de públicos-alvo distintos dentro da área técnica automóvel, havendo naturalmente vários outros.

Diferentes públicos-alvo têm diferentes *backgrounds*, diferentes necessidades e diferentes expectativas, condicionando estas diferenças as escolhas do tradutor no processo de tradução.

Byrne (2012, p. 33) remete-nos para o 'translation brief', *supra* referido e objecto da secção 2.5.1., como estratégia de identificação do público-alvo da nossa tradução, através de referências explícitas e de possíveis indicações implícitas nele contidas.

2.6.3. Definição e estatuto do texto técnico

Muito embora o texto técnico e o texto científico assumam formatos e formulações diferentes, ambos assentam no mesmo tipo de informação especializada que antecipa, acompanha e analisa os avanços científicos e tecnológicos. E embora apresentem alguns aspectos que distinguem estes dois géneros textuais, cada vez surgem mais textos híbridos com elementos de ambos os quadrantes que apresentam, nomeadamente, resultados da ciência pura, da pesquisa científica levada a cabo para solucionar problemas, ou o trabalho de especialistas técnicos que deve resultar num produto ou processo industrial passível de venda, tal como afirma Jody Byrne (2012, p. 2).

O texto técnico visa transmitir informação especializada da forma mais clara, célere e eficaz possível, para permitir a disseminação de conteúdos técnicos e científicos ao ritmo acelerado a que estes são produzidos.

Cada produto ou serviço técnico ou científico faz-se necessariamente acompanhar do respectivo texto descritivo, explicativo, educacional, instrutivo e/ou normativo que visa esclarecer em que consiste o produto ou serviço, como funciona e como pode ser utilizado e mantido.

Diferentes tipos de informação técnica são comunicados a pessoas diferentes com finalidades diferentes, como já mencionei. Esta diversidade marca os diferentes perfis

que os diferentes tipos de texto técnico podem assumir, em função de um público- alvo, das suas necessidades e do seu contexto comunicativo e situacional.

Neste enquadramento, o texto técnico faz uso regular do recurso à linguagem não-verbal, sendo a imagem uma presença habitual que corrobora significados.

O texto técnico apresenta uma estrutura organizada e categorizada para facilitar a sua utilização. O carácter utilitário deste texto pragmático é um dos seus traços mais marcantes.

A linguagem do texto técnico deve ser clara e a sintaxe simples, contrastando uma linearidade de forma com uma complexidade terminológica e semântica, ao nível do conteúdo.

Juntando-se ao facto, já mencionado, de o texto técnico constituir um dos principais objectos de tradução na medida em que a partilha do conhecimento especializado é mola propulsora da própria evolução do conhecimento, a dimensão legal impressa aos requisitos de comercialização veio reforçar a sua importância e afirmar o seu reconhecimento: de acordo com a Directiva Europeia C411 (Council of the European Union, 1998), um produto ou serviço não pode ser considerado acabado para ser distribuído e comercializado até que a respectiva documentação técnica esteja assegurada nas línguas dos mercados a que se destina.

O texto técnico tem vindo gradualmente a ganhar relevância, ocupando actualmente uma posição de destaque no panorama da produção textual a nível mundial e vendo o seu estatuto reconhecido com a importância que efectivamente lhe assiste.

1.7. Breve discussão

Wieviel Theorie braucht man zum Übersetzen?...
So viel wie nötig und so wenig wie möglich.
(Nord C. , 2011, p. 305)

Apesar da actualidade pragmática da abordagem funcionalista de Nord e da aplicabilidade e utilidade do seu modelo de análise textual para a tradução técnica especializada, especificamente na área automóvel, cingir a reflexão a apenas uma abordagem da tradução parece-me redutor, no sentido em que não contempla a especificidade da área em análise.

Na verdade, não acolho nesta reflexão apenas uma teoria de tradução, nem adopto qualquer tipo de abordagem prescritiva. Considero a tradução um fenómeno aberto e dinâmico e defendo uma abordagem holística da mesma. À semelhança do que advoga Jody Byrne (2012, p. 14), também a mim me parece sensato conjugar os melhores aspectos da *Skopostheorie* e do funcionalismo, das abordagens em torno da equivalência e do trabalho realizado no âmbito dos géneros textuais.

Apesar de nenhuma das teorias de Tradução apresentar o modelo ideal para o processo de tradução técnica e científica, algumas destas acabam por fornecer elementos com os quais podemos desenvolver uma abordagem teórica que nos pode orientar na prática da tradução técnica. Afinal, o que esperam os tradutores de uma teoria da Tradução?

Andrew Chesterman e Emma Wagner (2002, pp. 1-12), no seu diálogo entre a teoria da "ivory tower" e a prática da "wordface", transportam-nos de forma cúmplice numa viagem de confronto genuíno entre aquilo que os académicos defendem e aquilo por que os tradutores clamam. Debatem-se entre uma abordagem mais prescritiva, que indica ao tradutor o que este deve ou não fazer, e uma abordagem mais descritiva, que procura descrever, explicar e compreender o que o tradutor faz durante o processo de tradução. Por um lado, deve o tradutor ser instruído? Por outro, deve o tradutor ser estudado?

As conclusões de compromisso, de carácter pragmático, a que chegam (Chesterman & Wagner, 2002, p. 133) parecem-me sensatas e realistas, e passo a citar:

"1. A few useful guidelines…
'Never translate blind. Ask about the purpose and translate accordingly.'
'Never translate alone.'
'Hey, look at all these conceptual tools available – try some of these when you get stuck next time.'

2. Some advice on the value of distancing (NB: theorizing is also a form of distancing!)

3. and one useful motto: "I link, therefore I am."[15]

Não posso deixar de me identificar com Emma Wagner, enquanto tradutora que sou, naturalmente, e de, assim, partilhar com ela a ânsia por uma teoria diferente, que nós (tradutores) ajudássemos a criar: direccionada para a prática – baseada em

[15] Esta expressão refere-se à necessidade de estabelecer entre tradutores uma rede dinâmica de ligação, promotora de harmonização, normalização de competências, união entre profissionais de uma mesma área, reconhecimento mútuo e, em última análise, de visibilidade potenciadora de um fortalecimento da profissão. Este deve ser o mote dos tradutores para criar uma verdadeira comunidade de tradutores.

procedimentos bem-sucedidos, orientados para melhorar a prática e atenta aos tradutores no desempenho da tarefa tradutiva.

Sendo a necessidade de aproximação à prática tão clara, na secção que se segue, procuro fazer o levantamento e a análise crítica de diversos aspectos que considero pertinentes e interessantes no âmbito do processo de tradução técnica no campo específico da indústria automóvel, procurando apresentar as minhas considerações de forma fundamentada.

3. A tradução técnica automóvel: considerações gerais e específicas e exemplos práticos

A tradução técnica automóvel é uma actividade profissional estimulante e exigente, que envolve a gestão de conteúdos técnicos e apresentações específicas em suportes multilingue.

Este tipo de tradução implica bastante investigação e formação na área técnica, esforço coordenado com vários outros factores com numerosas implicações e problemáticas que procurarei abordar e debater nesta secção.

3.1. Considerações gerais: o tradutor e a área técnica

O tradutor 'escolhe' a área técnica ou é a área técnica que 'escolhe' o tradutor? Se no início dos meus estudos de tradução alguém tivesse afirmado que viria a especializar-me e a dedicar a minha carreira de tradutora à tradução técnica, mais ainda, à tradução técnica no âmbito da indústria automóvel, julgaria por certo tratar-se de um exercício humorístico, tal seria a inverosimilhança. Ou, se, ao contrário, partisse de mim uma tal efabulação, inserida que estava num Curso de Pós-Graduação em Tradução, com uma prévia licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas, com um forte pendor teórico, acompanhado pela presença marcante da área literária e expectativas profissionais algo vagas e pouco realistas, tal produziria semelhante efeito de estranhamento.

Efectivamente, o trajecto de um tradutor pouco tem de linear e o meu percurso profissional vem comprovar esta realidade.

Uma forte componente teórica patente em toda a minha formação académica distanciava-me pedagógica e pessoalmente de uma vertente pragmática, que não cultivava e da qual me sentia apartada, constituindo para mim uma lacuna semiconsciente.

Porém, a receptividade, a curiosidade em explorar um caminho improvável com tudo o que ele poderia representar de desafiante e o surgimento da oportunidade em si mesma

da experiência concreta de trabalho sobrepuseram-se e fiz aquela escolha que traçou o meu trajecto profissional até hoje. Por isso, trago aqui a questão de a 'área escolher o tradutor'.

Com este breve relato de cunho pessoal pretendo abordar a questão, aparentemente simples, mas na realidade tão complexa e angustiante, quanto profunda e determinante, tanto em termos de formação, como em termos de exercício da profissão: a aposta numa área de especialização[16].

Alguns poderão argumentar que podemos e devemos ser tradutores generalistas e terão as suas razões e fundamentos. A minha convicção, contudo, é diferente: acredito profundamente que devemos investir o nosso tempo, empenho, trabalho, pesquisa e formação numa área específica do conhecimento. Uma área em que nos vamos tornando especialistas. E essa área poderá até ser aquela que se nos afigura menos óbvia. Defendo a necessidade de manter o espírito aberto ao inesperado e uma atitude de ampla receptividade à experiência do novo. Se não nos limitarmos à evidência do óbvio, nem a conceitos preconcebidos, conseguiremos porventura ver oportunidades onde com outros olhos estas nem sequer se nos afiguram.

Isso não significa que não tenhamos em consideração interesses pessoais e áreas que são de forte apelo pessoal. Essas farão sempre parte da nossa identidade e representarão sempre mais-valias que nos assistem. Contudo, poderá não se encontrar neste leque mais expectável a nossa área de trabalho nuclear.

No meu caso pessoal, a opção pela área técnica da indústria automóvel propiciou-me claramente o acesso às áreas que me eram lacunares das ciências, da engenharia, da física, da mecânica. Evidenciou a sede pessoal de conhecimento em outras áreas do saber que me oferecem uma sensação gratificante de maior abrangência do conhecimento.

As áreas de oportunidade que se criam no mercado são fulcrais. É importante não perder de vista esta noção clara e pragmática que contempla o factor determinante da empregabilidade.

Acompanhar activamente o processo vivo da globalização, ter sempre na linha de horizonte o contexto empresarial, manter um espírito receptivo, curioso, inovador,

[16] Naturalmente que não se tratará na prática de uma área de tradução em exclusivo, mas sim de uma área principal de onde depois surgem outras subáreas adjacentes ou vizinhas.

agarrar e/ou criar as oportunidades e apostar na formação numa área nuclear de especialização parecem-me ser apostas sensatas.

3.2. A importância da formação na área técnica de especialização

Conforme menciono na secção anterior, defendo a formação na área técnica de especialização do profissional de tradução. Parece-me claro que para assegurarmos um trabalho de qualidade é impreterível que saibamos do que estamos a falar, i.e., que se domine bem a esfera temática que é objecto do nosso trabalho tradutivo.

Considero que a minha formação na área técnica automóvel foi teórico-prática, passando por contextos de sala de aula e de oficina. Comecei por realizar cursos de âmbito mais geral que depois deram lugar a cursos mais específicos, direccionados aos principais sistemas do veículo[17]. Tive a oportunidade de aplicar os conhecimentos na 'formação de fato-macaco'[18], o que foi muito positivo. Um outro aspecto interessante prende-se com o facto de a formação inicial de carácter mais geral ter sido realizada em Portugal em língua portuguesa, e no Reino Unido em língua inglesa e em língua alemã.

No presente trabalho, centro-me, portanto, na tradução da indústria automóvel, pelo que passarei a enunciar e problematizar variados aspectos relevantes no âmbito desta área.

A indústria automóvel apresentou uma notável expansão por volta de 1890, ocupando os Estados Unidos um papel preponderante, a que se vieram juntar a China e o Japão, expandindo-se esta indústria a outros países à escala mundial.

Henry Ford preconizou em 1913 a grande revolução na indústria automóvel com a implementação da inovadora linha de montagem, que permitiu a produção em série de veículos automóveis acessíveis, massificando-se a sua comercialização e utilização[19].

Desde então até aos nossos dias, o ritmo de crescimento e mudança na indústria automóvel tem sido vertiginoso. Observemos as imagens que se seguem com cerca de cem anos de diferença entre si e retiremos as nossas próprias conclusões acerca da evolução verificada no espaço de um século nesta indústria.

---

[17] Nomeadamente o motor, a caixa de velocidades, o sistema de travões, a suspensão, a direcção, o sistema de iluminação, a carroçaria, os sistemas electrónicos, etc.

[18] Designação pessoal.

[19] http://www.ford.pt/ExperienciaFord/SobreFord/InformacaoSobreEmpresa/Heritage/TheEvolutionofMass Production

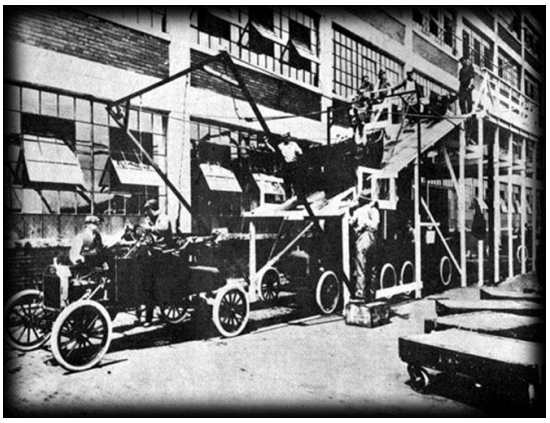


Figura 3: Ford T, fábrica de Highland Park, Detroit, 1913[20]

Figura 4: Mercedes Benz AMG[21]

O desejo insaciável pela velocidade, a ambição e a necessidade de economia de combustível, as preocupações ambientais, maior prazer de condução e maior segurança e conforto de transporte têm sido, porventura, os principais factores que impulsionam a evolução constante desta indústria.

Este carácter evolutivo multifacetado traz consigo o requisito constante de criar novos conceitos, novas designações para novos produtos e novos processos, novos procedimentos e o consequente desafio da tradução técnica, específica e especializada para as diversas línguas, culturas e contextos. O desafio é grande: estamos perante uma vasta gama de informação técnica com elevado grau de complexidade que terá de ser transferida de forma correcta, clara e adequada de uma língua e cultura de partida para uma língua e cultura de chegada. A necessidade de formação, mais especificamente de formação multidisciplinar e contínua, afigura-se-me, pois, essencial.

Por sua vez, a indústria automóvel abrange redes de concessionários, reparadores autorizados, centros de formação, departamentos técnicos, oficinas, empresas, fábricas, organismos e profissionais responsáveis pelas múltiplas e distintas fases de laboração do produto automóvel: o estudo, concepção, desenvolvimento, fabrico, testagem, marketing, comercialização, manutenção, reparação, assistência, etc.

[20]Imagem retirada de: https://en.wikipedia.org/wiki/History_of_Ford_Motor_Company

[21]Imagem retirada de: https://pixabay.com/pt/mercedes-benz-carro-amg-gt-1470115/

Em uníssono com esta pluralidade de aspectos, a indústria automóvel abarca no seu produto nuclear, o veículo automóvel, uma ampla gama de campos técnicos e científicos, nomeadamente: o *design*, a mecânica, a electrónica, a hidráulica, a electricidade, entre outros campos, juntamente com todos os híbridos daí decorrentes.

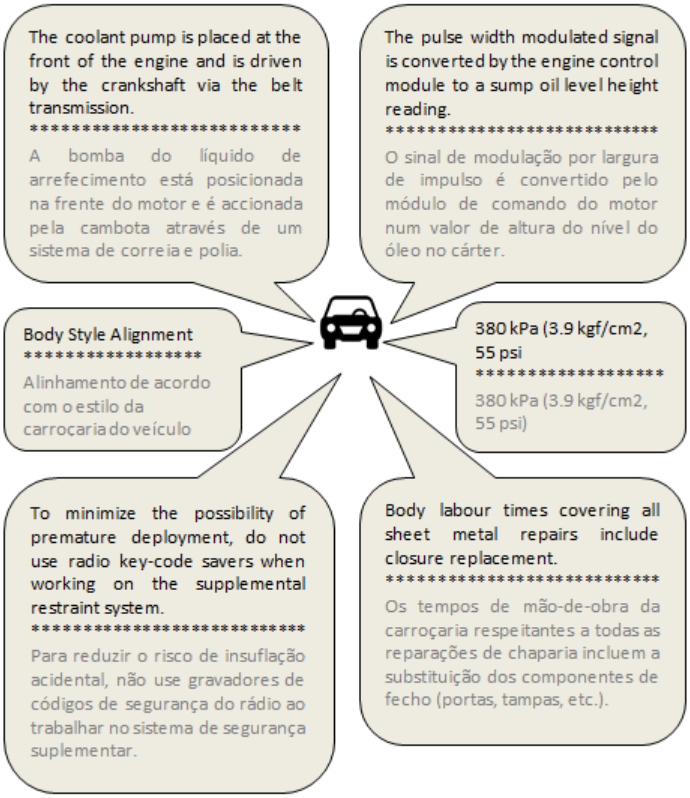


Figura 5: Diversidade temática dentro da indústria automóvel

Todos estes saberes se articulam e são tratados no texto objecto de tradução, e só uma formação sólida abarcante e em permanente actualização nestas subáreas técnicas e científicas permite ir construindo conhecimento de base que possibilita ao tradutor realizar uma tarefa profissional exigente com o devido grau de competência técnica requerido.

Enquanto parte integrante da formação na área temática, considero da maior importância o conhecimento das subtemáticas enunciadas dentro da indústria automóvel, bem como da tipologia de documentos, bastante diversa e repleta de especificidades. Esta familiarização vem não apenas da apreensão teórica, como também e principalmente da prática directa do trabalho de tradução em cada um destes textos técnicos. Com esta afirmação procuro mostrar a posição que defendo de que se aprende a fazer fazendo e que só a prática da tradução técnica nos vai formando em termos concretos, determinando o valor que cada tradutor técnico especializado nesta área (como acredito que nas demais) vai construindo, de forma mais ou menos sólida.

A formação e a experiência de trabalho estão inequivocamente interligadas e uma não avança sem a outra. Só a experiência nos vai colocando questões e problemas que requerem uma solução pragmática. E só uma sólida formação que se vai construindo permanentemente, i.e., que está em constante actualização, nos permite equacionar as estratégias de resolução desses problemas de forma consciente e sensível, permitindo-nos em última instância tomar a melhor decisão, naquela situação comunicativa específica, dados aqueles condicionalismos específicos, para aquele público-alvo específico, e com uma finalidade específica, conforme já antes referi.

3.3. Linguagem e especificidades

Partindo da minha experiência profissional e reflectindo um pouco sobre os conteúdos linguísticos com que trabalho há vários anos, enuncio e discuto agora alguns aspectos pertinentes da linguagem que considero serem centrais dentro da temática em causa.

A linguagem técnica automóvel apresenta como principais características a objectividade, a clareza, bem como o rigor e a exactidão, conforme podemos concluir do exemplo a seguir apresentado, de tipo muito comum no presente contexto.

Texto de partida	Texto de chegada
Install the cylinder head gasket, and cylinder head sub-assembly with the 10 bolts.	Monte a junta da cabeça do motor e a cabeça do motor com os 10 parafusos.

Figura 6: Linguagem técnica automóvel

Sendo o propósito do texto utilitário, esta linguagem visa informar, explicar, orientar e fornecer instruções. Só uma linguagem concisa e coesa fortemente cunhada com um carácter pragmático poderia servir estes objectivos primordiais. Senão vejamos alguns exemplos que visam ilustrar traços comuns e uma diversidade intrínseca dentro das especificidades subtemáticas e funcionais que esta linguagem abarca.

E porque os conteúdos teóricos colhem sempre dos exemplos práticos, a seguir apresento exemplos que pretendem ilustrar as ideias expostas[22].

[22] Considero pertinente proceder a um esclarecimento que se prende com a questão da anonimização das referências por mim apresentadas nesta secção de cariz prático, retiradas de materiais decorrentes do exercício da minha actividade profissional. Houve o cuidado de assegurar a confidencialidade dos materiais tratados, salvaguardando o sigilo contratual por mim assumido em termos profissionais. Desta forma, procuro honrar o compromisso ético de não revelar materiais sigilosos nem as respectivas fontes.

Texto de partida	Texto de chegada
1- Power source of manifold absolute pressure sensor (specific voltage)	Fonte de alimentação do sensor da pressão absoluta no colector (tensão específica)
2- The wavelength becomes shorter as engine rpm increases.	O comprimento do sinal diminui à medida que o regime do motor aumenta.
3- REMOVE FRONT PILLAR GARNISH RH (w/ Curtain Shield Airbag)	DESMONTAR O FORRO DO PILAR DIANTEIRO (RH) (c/ airbag de cortina)
4- Using a moulding remover, disengage the claw and remove the visor holder.	Com uma ferramenta de desmontar frisos, desengate a garra e desmonte o suporte da pala de sol.
5- In order to obtain a high purification rate of the carbon monoxide (CO), hydrocarbon (HC) and nitrogen oxide (NOx) components in the exhaust gas, a Three-Way Catalytic Converter is used.	Para obter um elevado grau de purificação do monóxido de carbono (CO), hidrocarbonetos (HC) e óxidos de azoto (NOx) existentes nos gases de escape, é utilizado um catalisador de três vias.

Figura 7: Aspectos comuns da linguagem técnica automóvel

Os segmentos expostos ilustram alguma da diversidade integrante da temática aqui em questão dentro de uma linguagem com traços em comum. Vejamos os exemplos, um a um:

− o exemplo 1 corresponde a um item de uma lista de elementos no âmbito dos sistemas eléctricos (a alimentação de tensão) e electrónicos (sensor da pressão) do veículo;

− o exemplo 2 consiste num segmento explicativo referente à leitura de um tacómetro (aparelho de medição das rotações do motor por minuto - rpm), um híbrido de electrónica e mecânica;

− o exemplo 3 apresenta um título com a presença do modo verbal infinitivo e o tratamento específico ao nível da fonte (maiúsculas, minúsculas, abreviaturas), no campo do sistema de segurança suplementar do veículo (sistema de airbags e pré-tensores), um híbrido de mecânica, electrónica e electricidade;

− o exemplo 4 fornece uma instrução de procedimento de desmontagem de componentes da carroçaria do veículo, claramente situado na secção mecânica, com a marca do uso do modo verbal imperativo;

− por fim, o exemplo 5 é descritivo e explicativo e posiciona-se no âmbito da química e da mecânica.

Podemos verificar que em todos eles a linguagem é simples, clara e concisa, predominando as expressões e frases curtas. Trata-se de uma linguagem directa que permite veicular a mensagem de modo a cumprir o(s) respectivo(s) propósito(s).

Uma outra especificidade ao nível da sintaxe característica desta linguagem reside na preferência pela repetição no processo de retomada e que passo a exemplificar:

Texto de partida	**Texto de chegada**
Make sure to install the front stabilizer bar bushing onto the front stabilizer bar so that the stopper ring of the front stabilizer bar faces the outside of the vehicle.	Monte o casquilho da barra estabilizadora dianteira na barra estabilizadora dianteira, para que a anilha do batente da barra estabilizadora dianteira fique virada para o exterior do veículo.

Figura 8: Processo de retomada pela repetição

O termo "front stabilizer bar", em Português "barra estabilizadora dianteira", é repetido no TP e esta repetição é mantida no TCh, visando ambos salvaguardar um mesmo objectivo: o da clareza e desambiguidade da informação. A mensagem tem de ser veiculada de forma directa e inequívoca.

Para além do aspecto mencionado, a retomada pela repetição serve o objectivo de salvaguardar a viabilidade, qualidade e consistência das TM. Como irei abordar na secção 3.6.2. adiante, o uso generalizado e crescente das TM, adoptado nesta e em outras áreas da tradução, prevê determinados procedimentos recomendáveis para assegurar a consistência estrutural e terminológica. Entre estes procedimentos contam-se, para além da referida retomada pela repetição, o estrito cumprimento de normas, convenções e glossários de termos, bem como a utilização, sempre que possível, das estruturas sintácticas previamente utilizadas.

No que concerne às especificidades, elas variam muito de acordo com o tipo de texto dentro desta área técnica: assim, poderemos dizer que nos Manuais de Formação e nos Manuais de Apresentação do Produto, por exemplo, a linguagem é diferente da utilizada no Manual do Proprietário. O público-alvo determina o tipo de linguagem utilizada, aspecto discutido em termos teóricos na secção anterior respeitante aos pressupostos teóricos com ecos de Jody Byrne (2012, pp. 30-41).

No primeiro grupo existe um grau de tecnicidade acentuado, uma vez que o texto se destina a engenheiros e técnicos especializados, ou seja, um público-alvo que domina a temática, quer do ponto de vista teórico, quer prático.

No segundo grupo, a linguagem também é informativa e normativa, mas é muito menos técnica. É mais generalista. Tem um destinatário directo que é o proprietário do veículo automóvel, e deve constituir uma fonte clara e directa de informação acessível a um público-alvo não especialista na matéria e que pretende familiarizar-se com o equipamento e os comandos do veículo, conhecer os dados técnicos, as informações úteis sobre condução e os cuidados gerais relativos ao produto automóvel que adquiriu e pretende utilizar da melhor forma.

Ambas as linguagens têm um carácter utilitário, embora partam de pressupostos distintos. O primeiro grupo situa-se numa fase anterior, de preparação, fabrico e apresentação do produto, o segundo grupo na fase posterior de informação e utilização final do produto.

O exemplo que se segue apresenta ocorrências habituais nos dois géneros de texto e pode ilustrar estas noções:

Manual de Apresentação do Produto	**Manual do Proprietário**
As bombas injectoras estão equipadas com um compensador de pressão de sobrealimentação que controla a quantidade de combustível injectado de acordo com a pressão de carga.	Para ajustar a altura do volante e a sua distância em relação ao condutor, solte a alavanca de retenção que se encontra por baixo da coluna do volante.

Figura 9: Destinatários diferentes, documentos diferentes

Conforme se pode verificar, ambas as estruturas frásicas são claras. O segmento do Manual de Apresentação do Produto é descritivo e visa explicar o funcionamento de um sistema. No segmento do Manual do Proprietário é feita uma abordagem directa ao destinatário, estamos na presença de um léxico simples e o imperativo é o modo verbal usado.

Já abordámos o carácter informativo e instrucional predominante nesta linguagem. Resta ainda referir a presença expressiva da enumeração, tanto de componentes e elementos, como de factores, características ou funções, por vezes apresentadas em tabelas e diagramas, com uma formulação de lista de itens.

Texto de partida	Texto de chegada
• Ratio of evaporative purge flow to intake air volume:	• Relação entre o fluxo de purga das emissões de vapor de combustível e o volume do ar de admissão:

Figura 10: Item de uma tabela de dados do sistema de admissão do veículo

Na secção 3.9. adiante, referente aos géneros textuais, abordarei a questão da linguagem no caso específico de alguns dos géneros de texto por mim seleccionados no campo da indústria automóvel, podendo portanto essa secção ser lida em complementaridade ao aqui exposto no âmbito das especificidades da linguagem.

A sintaxe do TP nem sempre facilita a tarefa da tradução, sendo, de facto, evidente a necessidade de um domínio sólido da área temática especializada. Senão atentemos no exemplo que se segue, onde podemos ver como o conhecimento da área é necessário para descortinar uma sintaxe pouco linear:

Texto de partida	Texto de chegada
Disconnect the thermostat housing to coolant expansion tank and heater core return coolant hose.	Desligue o tubo flexível do líquido de arrefecimento que liga o alojamento do termóstato ao depósito de expansão do líquido de arrefecimento e à ligação de retorno do núcleo do aquecedor.

Figura 11: Sintaxe complexa e taxa de expansão

E, na verdade, não apenas a sintaxe como também a semântica dificultam a tarefa de tradução, uma vez que para além de a ordem dos elementos na frase não obedecer a um posicionamento linear e comum, também os elementos de significação se revelam exigentes na sua compreensão e inter-relação. Podemos, assim, concluir que a dinâmica sintáctico-semântica complexifica aqui o processo tradutivo.

Ainda quanto a este exemplo, gostaria de realçar a questão da expansão como característica desta linguagem. Por norma, sabemos que o Inglês é uma língua sintética e que, inversamente, o Português é uma língua analítica. Dentro da área automóvel, esta característica da linguagem está igualmente presente, conforme ilustra este exemplo: as 14 palavas do TP passam a 31 palavras no TCh. Gostaria aqui de deixar a ressalva, contudo, de que se trata de um exemplo pronunciado, nem sempre sendo a taxa de expansão na tradução técnica automóvel de uma língua para a outra tão acentuada. Não obstante, este exemplo demonstra marcadamente a tendência verificada. A taxa de expansão da tradução de Inglês para Português situa-se nos 30%,

tal como se pode verificar, por exemplo, na tabela informativa fornecida na página da *web* da empresa de tradução OmniLingua[23].

Como o exemplo *supra* demonstra, a expansão é um aspecto inerente à tradução técnica da área automóvel.

3.4. Estilo, registo e adequação

O estilo, o registo e a adequação[24] são elementos essenciais à análise dos desafios e das dificuldades inerentes à tradução técnica.

À dificuldade técnica temática, a meu ver elemento central a toda esta discussão, vêm acrescer estes três elementos condicionantes do processo tradutivo e que passo a abordar em mais detalhe.

Encarando a tradução como processo comunicativo e o tradutor como mediador entre um TP e um TCh dentro dos respectivos contextos e propósitos comunicativos e funcionais, existe a necessidade de criar algum tipo de coordenação entre os elementos no processo, definindo toda uma série de critérios e estratégias que vão assegurar a uniformidade e a coesão do produto, e, em última análise, a qualidade da tradução.

3.4.1. 'Normas', 'convenções', 'guidelines' e 'style guides'

De forma mais explícita, formal e definida, ou de modo mais implícito, informal e diverso, o carácter normativo está sempre presente: as 'normas' e as 'convenções', as 'guidelines' e as 'style guides' constituem importantes linhas de orientação na forma de veicular a informação e nas opções de formulação da tradução. Por outro lado, elas também representam limitações restritivas a um processo já de si complexo, aumentando o desafio que a tradução técnica automóvel coloca. Quando estas linhas de orientação e/ou regras específicas não são fornecidas ao iniciar uma tarefa de tradução, o tradutor do texto técnico automóvel sente-se mais perdido do que livre.

A meu ver, no âmbito técnico, a normalização é imprescindível. No entanto, mediante a apresentação de uma tarefa de tradução técnica com documentos normativos extensos e dissecantes, o tradutor técnico automóvel pode sentir-se 'esmagado'.

[23] https://www.omnilingua.biz

[24] O termo 'adequação' refere-se aqui à orientação da resposta tradutiva para a situação comunicativa, o público-alvo e o contexto de recepção da tradução.

Como em tudo, um compromisso devidamente equilibrado e ponderado será porventura a situação desejável, contemplando-se normas gerais e regras específicas, deixando algum espaço à livre aplicação de estratégias e opções de tradução e correspondente formulação de possibilidades de tradução por parte do tradutor.

Na prática, porém, verifica-se muitas vezes um desequilíbrio enorme, levando o tradutor em alguns casos a solicitar, sugerir ou mesmo criar normas gerais e regras específicas, e em outros casos a fazer um esforço na tentativa do cumprimento da profusão normativa que lhe é imposta.

Qualquer uma das situações se revela ingrata, na medida em que do lado do cliente, muitas vezes, não existe a consciência clara quer da necessidade de algum grau de normalização, quer da necessidade de algum grau de liberdade de tradução. É a busca pelo equilíbrio de forças que o tradutor tem necessariamente de assumir na execução competente da sua tarefa.

Antes de prosseguir, afigura-se-me relevante referir que estes conceitos – 'normas' e 'convenções', 'guidelines' e 'style guides' – são utilizados de forma pouco distinta e uniforme por parte dos iniciadores da tradução, sendo na maior parte das vezes considerados em sobreposição. Esta indefinição e carácter pouco claro geram, por vezes, alguma confusão.

Na discussão aqui em causa, menciono 'normas' para designar um conjunto de regras gerais que se aplicam ao trabalho de tradução.

O termo 'convenções' é aqui utilizado para designar um conjunto de regras específicas estabelecidas do domínio geral e uso universal. Não sinto aqui a necessidade de me alongar na definição linguística de 'convenções' por considerar este termo *per se* esclarecedor e do conhecimento geral.

A designação 'guidelines'[25] refere-se aqui a um conjunto de linhas de orientação e/ou instruções sobre os procedimentos a seguir em determinado projecto.

E, por último, o termo 'style guides'[26] reporta-se especificamente às guias de estilo, reunidas pelo cliente, que se destinam a ser aplicadas no texto objecto de tradução.

[25] Utilizo aqui o termo em Inglês 'guidelines', correspondente a 'orientações/directrizes' em Português, na medida em que o seu uso no âmbito da tradução se generalizou e universalizou de tal forma que se pode considerar um termo da gíria da tradução, segundo a minha experiência profissional.

[26] Da mesma forma e com a mesma justificação da nota de rodapé anterior, utilizo aqui o termo em inglês 'style guides', correspondente a '*guias de estilo*' em Português, tratando-se conforme explicitei de uma opção pessoal, por sentir maior familiaridade com os termos em língua inglesa.

O estilo articula-se directamente com a linguagem, a terminologia, a sintaxe e com todos os outros elementos implicados no processo de produção textual e tradutiva. Todos eles são, de facto, elementos dialogantes na construção de um TCh bem-sucedido.

O estilo na tradução técnica automóvel é caracterizado por uma normalização generalizada. A consistência e a coerência são aqui palavras de ordem. Desde a construção gramatical e a estrutura frásica até à escolha terminológica e ao uso da pontuação, tudo é passível de ser normalizado em nome de um mesmo objectivo subjacente à produção de textos exactos, objectivos, coerentes e coesos, e que sejam permissíveis e adequados ao uso das TM. Mas este último aspecto será desenvolvido adiante na secção respectiva.

As 'guidelines' e as 'style guides' vão mais além e definem também aspectos como o tratamento dos títulos, a referência aos produtos e a forma de dirigir-se ao público-alvo, normalizando assim o estilo, o registo e a adequação de acordo com o género de texto e o cliente.

Distanciando-nos um pouco para ganhar perspectiva, poderemos considerar que um conteúdo muito técnico e especializado está em diálogo íntimo e permanente com um estilo definido e normalizado.

Por um lado, as normas e a definição dos procedimentos inerentes à tarefa de tradução conferem qualidade e coerência ao trabalho, servindo de linhas de orientação. Por outro, constituem, sem dúvida, uma imposição restritiva, complexificante e morosa à realização da tarefa de tradução, como anteriormente tive oportunidade de analisar. Confirmemos agora a existência de algumas normas retiradas aleatoriamente de documentos normativos da área técnica automóvel:

- The increasing number of new models and engines with identical names has made it necessary to revise the way in which they are described in the service documentation. The engine range to which a particular engine belongs is now shown as additional information in brackets. This measure makes it easier to distinguish between engines and to identify specific engines.
- During translation stage, translators must use consistent terminology, follow the TM, and the Clients' Glossary of Preferred Terms.
- Terminology should be consistent with previously translated material and glossary. In case of discrepancy, please report this to PM.
- Terms highlighted in red should remain exactly as in the EN source.
- Terms highlighted in green: use term in terms' list followed by supplementary translation in ().

- Terms highlighted in pink: use client provided translations for consistency.
- Terms highlighted in orange: see separate instructions.

Figura 12: Multiplicidade e diversidade de normas

No exemplo que se segue, por sua vez, podemos atentar nas *style guides* que se prendem com a boa capacidade de leitura que o texto permite e a adequação do estilo ao registo e ao público-alvo.

- Ensure good text readability
- Make sure the style is adequate for the register and audience

Figura 13: *Style guides* referentes à adequação

Analisando um pouco mais estes elementos, podemos referir a relevância do texto no seu todo e da fluidez e lógica do seu discurso ao serviço da clareza informativa. Uma boa legibilidade pressupõe uma estrutura coesa, uma linguagem clara e objectiva e qualidade estilística.

Esta qualidade de estilo prende-se precisamente com a sua adequação ao registo, mais ou menos formal, mais ou menos elaborado, mais ou menos técnico e científico consoante o público a que se destina e o objectivo que a orienta.

Um texto automóvel direccionado a um técnico auxiliar de oficina terá, por certo, um registo mais pragmático, menos elaborado, mais directo e acessível. Um texto dirigido a engenheiros investigadores pertencentes a uma equipa de concepção de um produto automóvel terá um registo mais elaborado e mais cuidado do ponto de vista estilístico.

Se, num outro cenário, estiver em causa a tradução de um *e-learning* num dos subtemas da indústria automóvel, de acordo com as habilitações literárias, a experiência, a profissão e a formação na área dos técnicos que o irão realizar, assim deverá ser o registo. É fundamental orientar e adequar a tradução ao público-alvo específico em questão, tal como refere Jody Byrne (2012, pp. 30-41).

O objectivo é estabelecer um equilíbrio estável e dialogante entre a especificidade e a uniformidade.

Importa referir, não só no que respeita ao resultado, mas também perante os condicionalismos das circunstâncias do trabalho, que a aplicação de normas e guias de estilo assegura a uniformidade em todo um projecto de tradução realizado por uma pluralidade de tradutores. E, na verdade, esta é a situação a que crescentemente

assistimos, estando portanto aqui, mais uma vez, realçada a supremacia da normalização e da uniformização.

A respeito da crescente relevância atribuída aos instrumentos veiculadores da normalização, gostaria aqui de referir o interessante exemplo de uma empresa cujos critérios de selecção de colaboradores se revelam representativos. A seguir à análise curricular, é solicitada ao tradutor a realização de um teste à sua capacidade de ler, interpretar e processar informação fornecida pela empresa ao tradutor candidato, relativa às 'normas', 'convenções', 'guidelines' e 'style guides' do projecto em que pretende vir a colaborar. Só depois da aprovação neste teste tem lugar um teste de tradução propriamente dito. Julgo que este caso paradigmático demonstra bem a primazia que a normalização ocupa no contexto da tradução técnica especializada, no exemplo retirado especificamente do ramo automóvel.

Um outro exemplo curioso e representativo do papel que assume a normalização na tradução técnica consiste no facto de muitas vezes constarem na documentação normativa de um projecto de tradução, nomeadamente nas 'style guides', as estratégias de tradução propostas por académicos nos seus estudos de investigação. Passo, então, a concretizar o exemplo para clarificar a ideia apresentada: Jody Byrne (2012, pp. 118-131) refere-se a técnicas de tradução básicas agrupadas sob as categorias de tradução directa e tradução oblíqua, retomando o modelo proposto por Vinay e Darbelnet (1958/1995).

Muito brevemente, a tradução directa implica estratégias mais simples, menos intervenção do tradutor e menor desvio do TP. Dentro da tradução directa o autor situa as estratégias seguintes:
− a 'tradução literal' (a tradução mais simples e directa, muito utilizada nos textos técnicos);
− o 'empréstimo' (ex.: o uso do termo inglês 'email' em Português);
− o 'decalque' (ex.: 'skyscraper' vertido do Inglês para 'arranha-céus' em Português).

A tradução oblíqua é mais complexa e sofisticada e verifica-se quando a tradução directa é impossível. A tradução oblíqua, conforme Byrne menciona, enquadra:
− a 'equivalência' (ex.: 'wet paint' vertido do Inglês para 'pintado de fresco' em Português);
− a 'transposição/recategorização' (ex.: a mudança da voz passiva para voz activa na tradução do Inglês para o Português; a mudança da voz passiva para o modo imperativo; a nominalização);
− a 'modulação' (ex.: 'Remember to…' vertido do Inglês para 'Não se esqueça de…' em Português);

− a ‘adaptação’, a forma mais livre e ‘desviante’ de tradução, que envolve a substituição cultural, a paráfrase e a omissão (ex.: o formato horário que em Português não segue a distinção inglesa de ‘a.m.’ e ‘p.m.’).

Atentemos agora em algumas das ‘style guides’ recebidas para um projecto de tradução na área automóvel e retiremos as nossas conclusões face à correspondência verificada com algumas técnicas de tradução anteriormente apresentadas.

1. Active versus passive constructions

Please use active instead of passive constructions whenever possible. Passive voice is less commonly used in Portuguese. Please use the impersonal form.

English	Incorrect	Correct
Overhead skylight can be opened to create air flow.	O tecto solar pode ser aberto para arejar o ambiente.	É possível abrir o tecto solar para arejar o ambiente.

2. Time format

The traditional format in Portuguese is the 24 hour clock. To separate hours and minutes, a colon should be used.

English	Incorrect	Correct
4:15 pm	4:15 H (pm)	16:15

3. Positive versus negative constructions

Please use positive constructions rather than negative ones in order to improve the readability of the Portuguese text.

English	Incorrect	Correct
Do not connect the power cable before setting the switch on the OFF position.	Não ligue o cabo de alimentação antes de desligar o interruptor.	Antes de ligar o cabo de alimentação, verifique se o interruptor está desligado.

Figura 14: ‘Style guides’ e estratégias de tradução

No primeiro caso, temos uma 'transposição/recategorização', no segundo caso, uma 'adaptação' e no terceiro caso, uma 'modulação'.

Conforme podemos concluir, as próprias 'style guides' dos projectos de tradução técnica muitas vezes já incluem indicações de estratégias e técnicas de tradução a utilizar na realização de um projecto.

Na sequência desta temática, irei abordar de seguida alguns elementos específicos versados nas 'normas', 'convenções', 'guidelines' e 'style guides' aqui em análise.

3.4.1.1. Números

Relativamente aos números, existem convenções em vigor que são habitualmente seguidas, mas acontece com frequência que cada projecto de tradução estabeleça uma regra de uso específica, como as que se seguem no exemplo apresentado:

• Números até 9000 sem espaço, nem ponto; números superiores a 9000, com espaço sem ponto Ex.: 2500 km; 30 000 km
• Please use the dot as thousand separator in Portuguese, as in 9.000, 10.000

Figura 15: 'Style guides' referentes a números

A informação numérica, bem como a informação das unidades de medida (e, muitas vezes, os cálculos de conversão requeridos pelos projectos) são de uma enorme responsabilidade para o tradutor, podendo causar danos materiais e humanos irreparáveis. E a facilidade com que pode ocorrer um lapso num número, espaço, vírgula, etc. que se digita inadvertidamente na tecla do lado, por exemplo, pode revelar-se muito problemática[27].

3.4.1.2. Unidades de medida

Relativamente às unidades de medida, habitualmente seguem-se as convenções em vigor uniformizadas pelo Sistema Internacional de Unidades (SI)[28], mas poderá ser solicitado o cumprimento de regras estabelecidas pelo cliente em determinado projecto, como a que se segue:

[27] A este propósito, remeto para a leitura acerca dos verificadores numéricos na secção 3.9.4.

[28] Informação retirada de: http://www1.ipq.pt/PT/Metrologia/Pages/SI00.aspx

- Follow the source text regarding metric and imperial specifications, retaining both metric and imperial measurements.

Figura 16: 'Style guide' referente a unidades de medida

Poderá, ainda, ser solicitada a conversão de algumas medidas, processo que implica referências e cálculos, e a correspondente complexidade e cuidado redobrado na realização da tarefa de tradução. Estes valores têm implicações directas sobre o funcionamento correcto dos produtos finais, nomeadamente montagem de componentes, lubrificação de sistemas, regulações e ajustes de natureza diversa, encomenda de peças, referenciação de componentes, numa longa lista de elementos − numa expressão, desde o aperto de um parafuso de fixação até à quilometragem de um veículo, passando pela tensão de sistemas eléctricos do veículo. A este propósito e a título de exemplo, gostaria de apresentar o seguinte caso:

Texto de partida	**Texto de chegada**
Volt	Volt
	Volts
	V

Figura 17: 'Style guides' diferentes relativas a uma mesma unidade de medida

O termo 'volt' tal como no TP em Inglês estaria correctamente vertido para Português como 'volt', bem como no plural 'volts' e ainda e só o símbolo 'V', para clientes diferentes.

Não obstante as recomendações do SI, a unidade de medida de tensão eléctrica aparece referida de três formas distintas, de acordo com a preferência de clientes diferentes, constando esta informação dos documentos normativos dos respectivos projectos.

3.4.1.3. Nomes de produtos e designações de marcas

Relativamente aos nomes de produtos e designações de marcas, geralmente a norma é manter-se o nome ou a designação inalterável em qualquer língua. A seguir apresento um exemplo retirado de um cliente automóvel Inglês, neste preciso sentido.

- Brand Names should remain in English in all languages.

Figura 18: 'Style guide' referente a designações de marcas

3.4.1.4. Abreviaturas, siglas e acrónimos

Podemos identificar as abreviaturas, siglas e acrónimos como marcadores do texto técnico, uma vez que o seu propósito encerra um forte pendor pragmático e utilitário colocado ao serviço dos textos técnicos da área automóvel.

Na realidade, estes três elementos permitem condensar informação, facilitando a rápida apreensão de conteúdos. O objectivo não é o de propiciar momentos de leitura extensiva e/ou de entretenimento. Muito pelo contrário, o que se pretende aqui é a aquisição do conteúdo informativo por parte do público-alvo de forma eficaz, uniforme e célere.

Por outro lado, estes são também elementos de normalização, característica inerente à natureza e estilo do texto técnico por excelência, conforme refiro em outros títulos do presente trabalho.

Relativamente, pois, às abreviaturas, siglas e acrónimos propriamente ditos, as regras são variáveis, imperando as directrizes do cliente, o que coloca o tradutor a cada projecto de novo 'na casa de partida'.

Habitualmente o bom senso dita que as abreviaturas sejam traduzidas pelos respectivos equivalentes, dentro das respectivas convenções; já o mesmo não se aplica às siglas e aos acrónimos, que podem ou não ser traduzidos, mantidos, explicitados, etc.. É um jogo com uma pluralidade de regras que variam de acordo com a especificidade da encomenda de tradução.

Estas três categorias na prática representam igualmente problemas acrescidos no processo de tradução técnica automóvel.

Para não me repetir, remeto a questão das abreviaturas para a secção dedicada aos géneros de texto com imposição de limitação de caracteres, onde analiso mais em detalhe alguns aspectos de ordem pragmática. Por ora, vejamos a questão das siglas e acrónimos, analisando um caso paradigmático:

Sigla	Possíveis Significados
ACC	ADVENTURE CONCEPT CAR ADAPTIVE CRUISE CONTROL AUTOMATIC CRUISE CONTROL AMERICAN CUSTOM COACHWORKS ACTIVE CRUISE CONTROL AUTOMATIC CLIMATE CONTROL ACTIVE CYLINDER CONTROL ADAPTIVE CHASSIS CONTROL ADVANCED CRUISE CONTROL

	AUTONOMOUS CRUISE CONTROL ACCESSORY ASIAN CARMAKERS CORPORATION AUDI CAR CONFIGURATOR

Figura 19: Sigla "ACC" e possíveis significados na área automóvel

O exemplo apresentado visa deixar bem explícita a dificuldade que as siglas e os acrónimos colocam ao comportarem consigo uma multiplicidade de significados possíveis, que listas da área e glossários especializados tentam elucidar. O contexto e a confirmação junto da fonte são, muitas vezes, os únicos elementos de esclarecimento seguro e garante de correcção.

Os exemplos acima apresentados foram retirados de uma página da *web* da área técnica automóvel[29], o que já de si delimita e orienta a pesquisa e, ainda assim, foram apresentados catorze significados diversos para "ACC". No entanto, se a pesquisa não for orientada e consultarmos, por exemplo, o generalizado *AcronymFinder*[30], este dá conta de mais de mil e trezentos significados para "ACC".

A ambiguidade e a multiplicidade de interpretações não são desejáveis neste campo da tradução. Estes são textos que visam a clareza e a objectividade como já anteriormente foi referido, e as abreviaturas, as siglas e os acrónimos vêm introduzir alguma margem de incerteza que requer esclarecimento obrigatório.

Mesmo quando o procedimento seguido é o de manter a sigla ou o acrónimo na língua de partida no TCh, continua a ser necessário saber o seu significado para poder aplicar a concordância gramatical correcta, no que respeita ao género e ao número, por exemplo, no caso da sigla automóvel "ECM", é imprescindível saber que corresponde a "Electronic Control Module" para poder respeitar a concordância gramatical do género masculino e número singular na frase em que possa surgir a sigla, por exemplo: "Certifique-se de que foi montado o ECM correcto".

3.4.1.5. Designações oficiais de funções e departamentos

Uma outra dificuldade neste âmbito das 'guidelines' e 'style guides' prende-se com as designações oficiais de funções e cargos profissionais e nomes de departamentos ou organismos, para os quais é sempre necessário confirmar o termo aprovado/oficial e que varia consideravelmente de acordo com o cliente em questão.

[29] http://www.automotive-acronyms.com
[30] http://www.acronymfinder.com

Texto de partida	Textos de chegada
Engineering	Departamento Técnico de Engenharia Departamento de Engenharia Sector Técnico
Technical Service Manager	Gerente de Serviço Director de Serviço Técnico Responsável Técnico

Figura 20: Designações oficiais

Todos os aspectos anteriormente analisados e ilustrados visam tornar evidente a relação de dependência e condicionalismo entre o texto técnico automóvel e todas as regras, convenções e instruções que insistem em o controlar e restringir, a bem da clareza e da coerência, da uniformidade e da coesão. Alguns argumentarão, porventura, que estes elementos constituem instrumentos de orientação e facilitação do trabalho realizado em torno do texto técnico.

Paradoxalmente, porém, não considero que isso impeça que sejam em simultâneo elementos de restrição e complexificação da tarefa de tradução. Atender à multiplicidade de variáveis normativas, divergentes entre solicitantes de encomendas de tradução, na realização da já de si desafiante tarefa de tradução de conteúdos técnicos altamente especializados, não é uma tarefa linear.

3.5. Fidelidade, lealdade, ingerência

O conceito de fidelidade no âmbito da *Skopostheorie* de Vermeer diz respeito à coerência intertextual entre o translato e o TP, afirmando que deve permanecer alguma relação entre os dois depois de assegurados o propósito a que o texto se destina e a coerência (Schäffner, 2001 [1998], p. 236).

Christiane Nord (2006) introduz o conceito complementar de 'lealdade' na *Skopostheorie* que, ao contrário da limitante 'fidelidade' intertextual, propõe um princípio interpessoal que deverá reger a tarefa do tradutor. A relação de fidelidade entre textos deu lugar a uma relação de lealdade entre os intervenientes no processo de tradução. O tradutor é tido como o mediador responsável pelo bom entendimento entre os intervenientes do processo comunicativo, nomeadamente entre o cliente, o público-alvo e o autor do TP. A abordagem funcionalista considera o tradutor como agente responsável por esta negociação de condições dentro dos princípios éticos de cada um (Nord C. , 2011, p. 27).

Trata-se, a meu ver, de um compromisso ético de ajuste da teoria funcionalista que se revela legítimo na aplicação à prática da tradução do texto técnico automóvel.

O tradutor não pode perder de vista as necessidades e expectativas do público-alvo específico e isso está amplamente condicionado pelo elemento cultural e situacional de chegada.

E, se o objectivo primordial é produzir traduções comunicativas funcionais, afigura-se-me pertinente a abordagem do conceito de 'ingerência', entendida aqui enquanto estratégia utilizada pelo tradutor relativamente ao TP, intervindo este no sentido de melhor ajustar ou adequar a tradução ao seu propósito comunicativo.

Para melhor podermos analisar esta discussão de conceitos e da sua inter-relação, um exemplo ilustrativo virá por certo trazer alguma clareza.

Texto de partida	**Texto de chegada**
IMRC Circuit High.	Tensão elevada no circuito do IMRC (sistema de controlo da admissão no colector).

Figura 21: Ingerência na tradução de uma sigla

Este exemplo apresenta uma sigla específica do domínio técnico. No TCh, o tradutor optou por efectuar uma ingerência, a meu ver acertada, explicitando em acrescento o seu significado subsequentemente e entre parêntesis, dado tratar-se da primeira ocorrência desta sigla no texto em questão. Nas ocorrências posteriores no mesmo documento, poderia constar apenas a sigla.

Este é um procedimento possível no que respeita ao tratamento das siglas e acrónimos. No entanto, se assim for feito, haverá sempre um problema com o uso consistente de uma TM, que obviamente não detecta se é a primeira vez que esta sigla surge em documentos posteriores.

E, não menos relevante, é a possibilidade frequente de o leitor/técnico automóvel poder consultar e ler não a totalidade de um extenso documento, mas sim apenas uma secção específica ou mesmo apenas um procedimento dentro da secção que lhe interesse na execução prática de uma tarefa específica.

A questão que se coloca é a de saber até que ponto a sigla é conhecida e dispensa explicitação, conforme refere Jody Byrne (2012, p. 153).

Considero importante referir esta questão do acrescento da informação que é realizado neste acto de ingerência por parte do tradutor no que concerne à adequação ao público-alvo. Para um público altamente especializado, seria redundante e dispensável esta ingerência, ao passo que para um público com uma formação menos específica, a

explicitação da sigla IMRC – Intake Manifold Runner Control – poderia ser indispensável à plena compreensão do conteúdo informativo e à realização subsequente do objectivo pragmático em questão.

Retomando o tema patente na secção dedicada às siglas e à adequação, a discussão revela-se pertinente: como deve aqui o tradutor actuar enquanto intermediário do processo de comunicação? Deve efectuar uma ingerência e proceder à referida explicitação indispensável para o público generalista ou deve abster-se de proceder a este acrescento que poderia assumir uma natureza quase insultuosa para um público altamente especializado? A resposta mais sensata aponta para proceder à adequação do tratamento em função do público-alvo e da situação comunicativa específica.

Ainda a respeito da adequação, mas agora no âmbito mais abrangente da formulação textual expectável num texto técnico automóvel, gostaria de apresentar um exemplo que poderá representar de forma clara a questão do registo neste tipo de texto, senão vejamos:

Texto de partida	**Texto de chegada**
When the vehicle is in the idling stop condition, the engine stop and start ECU supplies electrical power to the power steering ECU assembly.	Quando o veículo se encontra em estado de paragem ao ralenti, a ECU do sistema Stop & Start fornece alimentação eléctrica à ECU da direcção assistida.
	Quando o veículo está parado ao ralenti, a ECU do sistema Stop & Start fornece alimentação eléctrica à ECU da direcção assistida.

Figura 22: Exemplo de variação de registo[31]

Ao traduzirmos, somos sempre influenciados pela estrutura e formulação da frase do TP. Até aqui nada de novo. No texto técnico, contudo, esta tendência é ainda mais acentuada pela proximidade e objectividade naturalmente inerentes a este género textual.

A par com este facto e em jeito de reforço do mesmo, contudo, pode haver a tendência natural para utilizar formulações mais elaboradas ou, se quisermos, um registo mais

[31] Conceito de 'registo': "The set of features which distinguishes one stretch of language from another in terms of variation in **context**, relating to the language user (geographical, dialect, idiolect, etc.) and/or language use ('field', which is subject matter, 'tenor', which is the level of formality and the relationship between writer and reader, and 'mode', which is whether the text is spoken or written, formal or informal)." (Munday J. , 2009)

cuidado e elegante, que seria, na maioria dos casos desta área técnica, desadequado e desaconselhável.

Na verdade, a segunda opção de tradução do exemplo anteriormente apresentado revela-se muito mais directa e pragmaticamente ajustada ao tipo textual, ao público-alvo e à situação comunicativa. Um exemplo da universalidade do registo dentro das especificidades defendidas.

Poderemos considerar, portanto, que na tradução técnica estabelece-se uma relação de lealdade do tradutor para com o autor e o público-alvo, bem como para com os restantes intervenientes no processo, para tal fazendo-se muitas vezes uso da ingerência enquanto estratégia de adequação da tradução aos propósitos em causa.

3.6. Terminologia técnica: ferramentas técnicas e humanas

A terminologia técnica poderá talvez ser considerada a principal característica de identificação de um texto técnico, conforme realça Jody Byrne (2012, p. 51).

A terminologia técnica da área automóvel pode parecer, à partida, um elemento de inibição que se coloca ao iniciar a leitura pelo elevado grau de estranhamento que provoca, com vocábulos muito técnicos e pouco habituais e que tornam a frase densa e lhe conferem um carácter complexo e até mesmo obscuro.

Existem várias ferramentas técnicas e humanas que podem auxiliar o trabalho do tradutor e que enuncio nas várias subalíneas deste ponto, com ecos do mapa intitulado "Typologie der Hilfsmittel", de Britta Nord (2002, p. 160). A utilização eficaz destas ferramentas constitui um importante recurso no processo de esclarecimento da terminologia técnica.

O exemplo que se segue poderá ilustrar a noção de complexidade da terminologia técnica automóvel.

Texto de partida	**Texto de chegada**
The sensing head of the belt tensioning meter should be positioned halfway between the camshaft timing pulley and the fuel injection timing pulley.	O sensor do dispositivo de medição da tensão da correia tem de estar posicionado ao centro entre a polia da distribuição do veio de excêntricos e a polia da distribuição da bomba injectora.

Figura 23: Terminologia técnica automóvel

Contudo, pode também acontecer outra situação: verifica-se talvez com idêntica frequência a ocorrência de termos com significado individual comum e que nesta situação textual e contextual assumem significados específicos da área técnica. E a tarefa aparentemente simples de os traduzir torna-se complexa. Vejamos o seguinte caso:

Texto de partida	Texto de chegada
Intake A Cam Profile Control Circuit Open Bank 1	Circuito aberto do sistema de controlo da árvore de cames de admissão com perfil A, banco de cilindros 1

Figura 24: Termos simples e complexos

Como podemos concluir, a familiarização com a área técnica e a formação na mesma são fulcrais para descortinar o significado correcto desta combinatória de termos individualmente simples mas colectivamente mais complexos no segmento de tradução da área automóvel.

Observemos agora mais um aspecto relevante da terminologia técnica automóvel, que se prende com o processo de condensar informação, passando a analisar o exemplo que se segue.

Texto de partida	Texto de chegada
Brake Shift Interlock	Bloqueio de mudanças com travão solto

Figura 25: Termo técnico automóvel com informação condensada

O componente em causa consiste num dispositivo existente nas caixas de velocidades automáticas que impede que o selector de mudanças saia da opção de estacionamento (P) enquanto o pedal do travão não estiver aplicado.

Neste exemplo, verifica-se uma vasta informação condensada num termo técnico comprimido. É necessário investigar o significado incluído neste termo e compreendê-lo 'por extenso' para depois o traduzir claramente para um termo de chegada, numa solução que consiga compactar, também ela, a informação, como ilustra o exemplo.

Um outro aspecto interessante neste contexto prende-se com o facto de um mesmo termo poder assumir dois significados completamente distintos num mesmo texto e contexto imediatos. Atentemos:

Texto de partida	Texto de chegada
The current readings are out of the specified parameters.	Os valores actuais estão fora dos parâmetros especificados.
	Os valores da corrente estão fora dos parâmetros especificados.

Figura 26: Um termo, dois significados

Aqui, o termo "current" pode efectivamente ter duas acepções possíveis, "corrente" no sentido temporal de "actual" e "corrente" no sentido técnico de "corrente eléctrica". E se o contexto não for esclarecedor? Estará afinal também a ambiguidade presente no texto técnico automóvel? Questões pertinentes que certamente nos incitam à reflexão. Uma forma de resolver este problema seria consultar os materiais de referência, recorrer ao consultor técnico ou, em último recurso, confirmar com o cliente final.

O facto é que ambos os exemplos de tradução do termo *supra* mencionados correspondem a uma tradução literal e este tipo de prática é frequente na tradução técnica, devendo ser entendida enquanto método de tradução de 'unidade de texto' a 'unidade de texto' e não 'palavra-a-palavra', tal como afirma recentemente Byrne (2012, pp. 119-123). Esta consideração de tradução 'sentido-por-sentido' e não 'palavra-a-palavra' não é novidade, pois como bem sabemos já Cícero e S. Jerónimo o afirmavam nos primórdios da discussão (Munday J. , 2001, p. 19).

A tradução literal nesta área específica consiste, segundo Byrne (2012, p. 119), na produção de um TCh que reflicta os conteúdos e as características do TP. Embora possamos, à partida, concordar com esta noção, através dos exemplos problematizados, conseguimos constatar que na prática não será bem assim.

Ao contrário do que Cardoso de Camargo afirma (*apud* Byrne, 2012, p. 119-123) quanto ao facto de a tradução literal ser uma das estratégias de tradução mais utilizadas nos textos técnicos, penso que os múltiplos aspectos discutidos nesta secção deixam bem evidente a insuficiência e limitação desta estratégia na obtenção de um produto textual multifacetado e funcional. Como Byrne (2012, pp. 119-123) defende, para além da tradução literal, a tradução técnica implica vários outros procedimentos de tradução para que o propósito comunicativo seja plenamente alcançado, conforme tenho vindo a sublinhar.

Atentemos em mais um exemplo que vem corroborar a ideia anterior:

Texto de partida	Texto de chegada
If BA level, install latest level.	Se a versão existente for BA, instale a versão mais recente.

Figura 27: Termo comum que assume significado específico

Aqui o termo "level", mencionado de forma lacunar em ambas as ocorrências, que normalmente nos levaria a pensar em conceitos como "nível" ou "grau", remete neste caso e num contexto informático, para "versão" subentendida de software.

Jody Byrne (2012, p. 144), por exemplo, considera que a terminologia é a parte menos problemática da tradução técnica desde que estejam asseguradas as condições de acesso a elementos de consulta como a internet e glossários especializados, enquanto ferramentas de auxílio à tradução.

Muito embora eu considere imprescindível o acesso à fonte de informação que a internet representa e aceite a relevância indiscutível dos glossários especializados, fazendo aqui a ponte com os conteúdos referidos na secção 3.6.3., a minha experiência e conhecimento na área afirmam claramente que a terminologia técnica constitui uma das principais preocupações dos tradutores técnicos, dado aqui residir grande parte da complexidade em causa neste domínio.

Não será por acaso que se associa a tradução técnica à terminologia complexa em contraste com uma linguagem simples. E, na verdade, o senso comum não deixa de ter a sua razão.

No entanto, como expresso em outras secções do presente trabalho, também a linguagem simples encerra alguns problemas. E terminologia e linguagem são apenas dois vectores desta fórmula em que convergem muitas outras equações. Esta abordagem simplista, que considera a tradução técnica uma conjugação de terminologia complexa com linguagem simples, é apenas isso mesmo: uma consideração simples e linear de um processo e fenómeno que na realidade é bem menos linear e simples.

Outra visão do senso comum que seria interessante aprofundar aqui seria a de um mesmo termo poder assumir duas traduções diferentes com o mesmo significado no mesmo contexto, e que passo a ilustrar:

Termo de Partida	Termos de Chegada
• camshaft	• veio de excêntricos
	• árvore de cames

Figura 28: Um componente, duas designações

Este exemplo, resultado da pesquisa realizada no âmbito do presente estudo, pode ser efectivamente analisado, concluindo-se que o mesmo termo técnico automóvel "camshaft" em Inglês pode ter a tradução em Português de "veio de excêntricos" indo beber a sua inspiração ao étimo germânico patente em "Nockenwelle", ou pode ter a tradução de "árvore de cames" provindo a sua influência do étimo românico patente em "arbre à cames". As designações provêm de imagens culturais diferentes, demonstrando este exemplo que a tradução técnica também pode ser cultural, tal como refere Byrne (2012, p. 144).

Contudo, talvez a questão aqui apresentada não seja apenas de ordem cultural, mas também de ordem comercial, na medida em que esta polissemia pode dever-se à influência da comercialização de marcas automóveis francesas ou de marcas automóveis inglesas/alemãs.

Como podemos constatar, as escolhas terminológicas estão condicionadas também no âmbito técnico pelos aspectos culturais, sendo determinadas em última análise por factores económicos, uma vez que a comercialização do produto automóvel acaba por ditar a adopção de uma ou de outra terminologia. Os termos portugueses terão muito provavelmente vindo através de automóveis de marcas francesas (árvore de cames) ou inglesas/alemãs (veio de excêntricos).

A utilização de um ou de outro termo de chegada é recomendada pela empresa de tradução na encomenda de tradução, obedecendo à escolha preferencial do cliente final, produtor automóvel de uma marca alemã, inglesa, francesa ou de outra nacionalidade, de onde provêm as designações com as respectivas marcas culturais e linguísticas.

Conforme refere Jody Byrne (2012, p. 144), faz parte do trabalho do tradutor enquanto prestador de serviços linguísticos cumprir tanto quanto possível os ensejos do cliente e nunca perder de vista a satisfação do cliente relativamente ao serviço fornecido. Este é um aspecto fundamental a considerar em todo este processo.

Algumas empresas, senão mesmo a maior parte delas, fornecem a terminologia que pretendem que seja adoptada nos seus projectos, organizada sob o formato de glossários. Deste assunto tratarei na secção que se segue.

3.6.1. Glossários e bases de dados terminológicas: consulta, manutenção e actualização

Os glossários e as bases de dados terminológicas monolingues, bilingues e multilingues desempenham um papel muito importante como elementos de consulta no processo de tradução técnica da área automóvel.

Podem incluir-se no âmbito das 'guidelines', uma vez que constituem ferramentas de trabalho que visam, por um lado, garantir um grau considerável de homogeneidade e coerência e, por outro, evitar a variação lexical.

Existem variadas tipologias destes recursos, mais ou menos detalhadas, mais ou menos elaboradas e com *layouts* totalmente diferentes. Os formatos diversos com que se apresentam podem ser mais ou menos atractivos e representar maior ou menor grau de eficácia no cumprimento do seu objectivo: esclarecer o significado dos termos técnicos e apontar possíveis termos equivalentes em outras línguas.

Gostaria aqui de referir a título de exemplo alguns tipos de glossários que, por experiência, considero mais recorrentes: 1) um glossário monolingue que tem como função o esclarecimento de um determinado termo técnico; 2) um glossário bilingue simples, talvez o mais habitual, em que é listado todo um conjunto de termos equivalentes num par de línguas; 3) um glossário multilingue simples em que é listado um conjunto de termos técnicos equivalentes em diversas línguas; e por último 4) um glossário multilingue com ilustrações.

O glossário de tipo 1), sendo o mais simples, será eventualmente o menos completo, nomeadamente por não conter o termo equivalente em outra língua.

A grande diferença entre os tipos de recursos estabelece-se relativamente ao tipo 2), na medida em que passa a constar a tradução do termo numa outra língua.

Tratando-se de glossários de tipologia simples, podem revelar-se lacunares na clarificação da terminologia relativamente à informação contextual. Gostaria aqui de remeter para o exemplo de "current" (*vide* secção 3.6.) para ilustrar um caso em que um glossário simples se revela insuficiente.

O tipo 3) terá a vantagem acrescida da consulta adicional do termo equivalente em outras línguas, que poderá constituir um factor coadjuvante e facilitador.

O tipo 4) constitui uma opção de formato mais elaborado com a complementaridade da informação visual, quase sempre determinante na clarificação de conceitos.

Não obstante as diferenças óbvias entre si, todos eles têm em comum, para além da função mais directa do esclarecimento de termos (tipos 1, 2, 3 e 4) e respectiva tradução (tipos 2, 3 e 4) e o facto de implicarem trabalho de manutenção e actualização.

Claro está que podemos ter glossários feitos e acabados, fechados. Mas as limitações inerentes são evidentes. Pessoalmente, considero que um glossário nunca está acabado, dada a sua natureza intrínseca dinâmica de acompanhamento do próprio léxico sempre crescente e em mutação.

Um bom recurso pede, de facto, um trabalho de manutenção e de constante actualização. Proceder a ajustes e rectificações da informação registada, acrescentar informação, seja ela textual ou pictórica, e adicionar novas entradas à base de dados terminológica constituem tarefas rotineiras no âmbito da construção e manutenção de um glossário que se pretende eficaz.

A constante inovação na área automóvel promove a necessidade de criar novos termos técnicos e de os explicitar e traduzir para outros mercados.

Na área da indústria automóvel, talvez uma grande parte das empresas de tradução forneça esta ferramenta ao tradutor técnico e talvez igualmente um número representativo de clientes finais o faça, dado esta ser uma base de dados que vai regulamentar a terminologia utilizada e que constitui uma parte importante da identidade do cliente, da sua imagem, já para não mencionar os aspectos mais óbvios da correcção, clareza, coerência e uniformidade inerentes a este tipo de texto técnico.

A este propósito reporto-me ao exemplo apresentado anteriormente, na secção referente à terminologia, em que o termo “camshaft” consta do glossário de termos de um cliente, com o equivalente em Português “veio de excêntricos” e de outro cliente com o mesmo significado “árvore de cames”.

Na realização de um trabalho no âmbito de um projecto de tradução, tanto podemos encontrar empresas de tradução como clientes finais que fornecem glossários de termos a ser utilizados no respectivo projecto, como encontramos clientes que o não fazem. Se o cliente directo ou indirecto não fornecer este tipo de ferramenta, o tradutor poderá e deverá, para seu próprio benefício, organizar e construir ele próprio o(s) seu(s) glossário(s).

Para tal, pode utilizar um processo de registo simples de termos e respectivos equivalentes à medida que lhe vão surgindo e que os vai investigando e validando, podendo ainda socorrer-se da facilidade proporcionada pelo suporte das ferramentas

CAT, abordadas na secção subsequente. Estas ferramentas permitem o registo de um conjunto de informações referentes a um termo, e organizam e ordenam esta informação num esquema lógico e funcional no espaço de segundos, ficando a informação disponível para consulta e utilização posteriores.

As opções de criação e organização de glossários são diversas, mas a sua função primordial é comum: promover a correcção e a uniformidade terminológica − logo a qualidade do produto − e rentabilizar o tempo de trabalho.

Importa, ainda, referir que a construção, consulta e manutenção destas ferramentas electrónicas de tradução pressupõe que o tradutor possua e desenvolva competências informáticas para conseguir realizar e aproveitar o trabalho exigido por este tipo de recursos. A formação na área informática constitui actualmente e cada vez mais um requisito básico ao exercício da profissão, embora esta formação habitualmente ainda não seja considerada com a seriedade que deveria.

E esta realidade que se aplica à gestão de dados terminológicos é igualmente válida para as TM, tema tratado a seguir.

3.6.2. Memórias de tradução (TM): consulta cruzada, manutenção e actualização

O avanço tecnológico ao serviço da tradução não se aplica apenas aos glossários, como sabemos, abrangendo entre outros elementos, as TM, de uso generalizado. Tal como acontece com os glossários, estas permitem a facilidade de popular uma estrutura com conteúdos de tradução.

Estas ferramentas de trabalho tão importantes na realização do trabalho de tradução registam cada segmento de língua de partida e segmento correspondente na língua de chegada (tradução), disponibilizando este conteúdo para repetições de ocorrências, i.e., novas ocorrências de um segmento anteriormente traduzido ou partes deste. Este processo é criativamente designado por Jody Byrne (2012, p. 134) como “the art of recycling”.

Esta função permite assegurar a uniformidade a nível sintáctico e semântico e salvaguardar a consistência lexical e terminológica, para além de potenciar a economia de tempo, criando assim novas possibilidades no cumprimento de prazos mais competitivos e, sobretudo, a rentabilização do trabalho realizado pelo tradutor.

À semelhança dos glossários, as TM permitem a pesquisa de termos e respectiva tradução, contudo, e ao contrário daqueles, não se ficam por aqui. Elas são uma fonte de referência de estruturas frásicas, de estilo, registo, adequação, da própria gíria do

cliente e, em última análise, de gestão de formas e conteúdos no processo de tradução de cada projecto. Neste sentido, funcionam também como fonte de consulta de estratégias de resolução de problemas de tradução, uma vez que permitem visualizar os segmentos de texto traduzidos anteriormente onde se verificaram já situações problemáticas que foram solucionadas.

Um dos elementos que promove a facilidade de utilização do texto técnico no contexto da tradução é aquilo que Byrne (2012, p. 131) designa por "iconic linkage", a redução de formulações textuais a um mínimo possível. Esta estratégia de tradução característica do texto técnico dita que para o mesmo tipo de conteúdos o tradutor use sempre o mesmo tipo de formulação. Traduzir sempre a mesma informação da mesma forma promove a clareza, a aprendizagem e a apreensão, para além de esta uniformidade conferir um formato mais consistente e profissional aos conteúdos técnicos. A uniformidade de estruturas gramaticais e sintácticas está em diálogo estreito com os elementos normativos discutidos em 3.4.1., apontando para a noção de "controlled language":

> "…'controlled language' used in much technical writing to restrict the ST author's choices and facilitate translation, in fact has its roots in the Simplified English of the 1930s, that was designed to make translation unnecessary; the complexity of component tasks and the huge volume of work mean that today translation is in most cases a team effort, even if the individuals do not often meet or speak to the other members." (Munday J. , 2009, p. 16)

Este conceito abrange tanto a vertente sintáctica como a vertente lexical e visa a simplificação, a desambiguidade e a percepção do texto técnico, como vimos.

Esta noção de 'controlled language' está directamente associada à problemática da 'língua franca', abordada em 2.6.1.1., e à temática da normalização, presente ao longo deste estudo, nomeadamente no capítulo 3.4.1. sobre 'normas', 'convenções', 'guidelines' e 'style guides'.

Tal como se verifica com os glossários e as bases de dados terminológicas, as TM implicam preferencialmente um trabalho constante de manutenção e actualização da informação que fica registada, permitindo a especificação de informações, como por exemplo, a marca, o modelo, a gama de um veículo e o género textual que se está a traduzir (Manual de Oficina, Manual de Formação, Diagrama da Cablagem, etc.). Estes dados ficam definidos como filtros, permitindo estas especificações 'filtrar' a informação contida na TM.

Estes filtros possibilitam, sem dúvida, uma orientação mais coordenada na obtenção de resultados de correspondência e de esclarecimento na consulta das TM.

Além da exibição das correspondências exactas (100%), ao permitir percentagens mais baixas de correspondência entre segmentos de TP e de TCh, as TM oferecem funcionalidades de consulta adicionais.

Assim, a consulta cruzada de informação de tradução dentro das diferentes possibilidades oferecidas pelas TM primárias pode ainda colher da consulta de TM secundárias activadas e da intersecção com as informações contidas nos glossários, estando todos estes elementos disponíveis para cruzamento de informação num mesmo momento e situação de trabalho.

As opções de pesquisa e consulta cruzada, terminológica e estrutural são numerosas, e só com a experiência de trabalho é que cada tradutor pode construir as práticas que melhor se adequam ao seu estilo e ritmo pessoais de trabalho e também às solicitações específicas dos projectos de tradução que se lhe deparam.

Neste campo, a utilidade dos recursos é relativa. O que pode ser aplicado a um projecto ou cliente pode não se aplicar ou adequar de todo ao projecto de tradução imediatamente a seguir. Cada projecto é um projecto.

Antes de concluir esta secção, importa ainda referir o papel determinante que as TM ocupam enquanto veículo potenciador da normalização generalizada da tradução em geral e dos textos técnicos em particular. Ao favorecerem o uso de terminologia uniformizada e estruturas tipificadas, as TM afirmam-se como importantes ferramentas no âmbito da aplicação de 'normas' e 'convenções', 'guidelines' e 'style guides', conforme argumentei na secção respectiva.

3.6.3. Pesquisa: fontes fiáveis

A pesquisa na internet das várias fontes disponíveis *online* constitui, como todos sabemos, uma valiosa ferramenta de trabalho. Arrisco mesmo afirmar que já não saberíamos viver sem as facilidades informativas e comunicacionais propiciadas de forma rápida que a ligação em rede nos oferece.

Permitindo a consulta quer de glossários especializados em áreas temáticas específicas e de dicionários monolingues e bilingues, quer de bases de dados multilingues, este instrumento facilitador do trabalho de tradução permite ainda o acesso a textos chamados 'paralelos' ao TP na língua de chegada, bem como a uma extensa gama de

informação disponível. O IATE[32] e o EUR-lex[33] são apenas dois exemplos ilustrativos que quero apresentar de entre uma vasta panóplia de fontes de consulta disponíveis *online*.

No entanto, é importante deixar a ressalva de que para realizar um trabalho de pesquisa competente e válido é fundamental saber orientar esta tarefa e adoptar critérios eficazes.

Por vezes, a pressão imposta por prazos muito curtos dificulta a tarefa da investigação inerente ao processo de tradução. Contudo, a qualidade não pode de forma alguma ser colocada em risco e, nesse sentido, é fundamental assegurar a fiabilidade das fontes para não incorrer em erros que podem ter resultados catastróficos. Basta pensarmos, por exemplo, num erro de tradução cometido na área da indústria automóvel que resulte na operação incorrecta de um mecanismo ou sistema eléctrico e cause um acidente com consequências graves ou mesmo irremediáveis, quer ao nível do equipamento, quer em termos humanos.

Uma das principais preocupações inerentes ao trabalho de esclarecimento e pesquisa prende-se, portanto, com a fiabilidade das fontes a que recorremos. Por exemplo, a referência em sítios da *web* pertencentes a entidades oficiais (de onde emanam os documentos vinculativos), entidades de ensino superior (que acompanham a investigação) e marcas conceituadas (que cunham e divulgam a nova terminologia) parecem-me constituir boas pistas para encontrar fontes fiáveis de suporte ao trabalho de pesquisa.

Contudo, mesmo filtrando os dados que se consultam, a amálgama de informações é enorme, por isso continua a ser imprescindível a formação e o conhecimento na área técnica especializada para orientar a construção de sentido mais correcta e adequada a cada contexto e situação em causa.

E a este respeito parece-me importante referir o diálogo íntimo que se estabelece entre formação e investigação ou pesquisa. São conceitos indissociáveis no âmbito da tradução técnica. Os conhecimentos, formação e experiência na área técnica permitem ao tradutor seleccionar conteúdos, como já vimos, para melhor efectuar a tarefa de investigação. A investigação, por seu lado, vai contribuir para a formação do tradutor técnico na sua área de estudo e trabalho.

Concretizando um pouco esta ideia, um tradutor técnico com alguma formação na área automóvel recebe um projecto de tradução, o que pressupõe o surgimento de uma inovação, seja ela tecnológica, comunicacional, empresarial, etc., que gerou uma nova

[32] http://iate.europa.eu
[33] http://eur-lex.europa.eu/en/index.htm

necessidade de tradução, e assim sucessivamente numa linha sempre crescente a acompanhar a própria evolução.

Em suma, para haver uma boa competência de investigação, tem de haver formação na área que oriente a investigação; ao investigar, o tradutor vai ao encontro de fontes fiáveis de informação e referência e está, por sua vez, a acrescentar à sua formação. Este ciclo em dinâmica permanente é o ponto de chegada e de partida para a construção contínua do conhecimento na área técnica.

Figura 29: Diagrama de inter-relação entre formação, fontes fiáveis e pesquisa/investigação

Os critérios de selecção de fontes aqui referidos aplicam-se igualmente a outras fontes de consulta e pesquisa mais tradicionais, mas sempre válidas, como o livro técnico, a revista científica e outras publicações enquanto objectos físicos, bem como o contacto com um especialista na área. E é precisamente na secção seguinte que passo a abordar este último aspecto.

3.6.4. Consultor técnico

No question is a stupid question.
XY (Consultor técnico)[34]

Esta é a máxima que creio deve nortear o pensamento e a atitude do tradutor técnico no processo de identificação de dificuldades e investigação de questões que levantam dúvidas. Se a dúvida existe, isso significa que a pergunta é válida. Ou inversamente, se quisermos, uma pergunta é manifestamente válida enquanto para nós representar algo de obscuro ou desconhecido.

Trabalhar em tradução técnica automóvel com o recurso a um especialista da área que preste os devidos esclarecimentos é uma mais-valia.

[34] Deste modo anonimizado pelas razões já expostas neste trabalho.

Esta abordagem colaborativa da tarefa de tradução que envolve vários dos intervenientes no processo − aspecto que analisarei mais adiante no âmbito dos modelos de formação com Anthony Pym (2012) e Kiraly (2005) − explora as vantagens oferecidas por este tipo de recurso e revela-se muito importante, na medida em que este elemento assegura a clarificação e a correcção dos conteúdos lexicais, sintácticos e semânticos.

Trabalhar em estreita colaboração com um especialista revela-se igualmente importante enquanto ferramenta na construção do conhecimento, constituindo, portanto, um contributo valioso na própria formação técnica especializada do tradutor.

Esta colaboração que se cria no enquadramento de um trabalho de equipa é também ela coordenada e normalizada para garantir o seu bom funcionamento e a obtenção dos melhores resultados em termos de cumprimento de objectivos de qualidade e tempo despendido. A relação qualidade-tempo ou tempo-qualidade é um desafio premente na óptica do tradutor. Assim, o tipo e a forma de comunicação entre o tradutor e o consultor técnico devem estar estabelecidos *a priori*, prevendo-se, no entanto, sempre o cabimento de alterações e ajustes que promovam a sua adequação às condições e condicionalismos de cada projecto de tradução.

Os habituais prazos curtos são um dos principais elementos limitadores a esta como a outras práticas promotoras da qualidade. Qualidade implica tempo. Tempo de leitura activa, ponderação, identificação de questões, esclarecimento e tomada de decisão. Tempo de produção da tradução e tempo de revisão. E, de facto, procedimentos bem organizados de comunicação e esclarecimento de questões problemáticas podem assumir um papel de acelerador de processo ao mesmo tempo que asseguram a qualidade do mesmo.

A seguir apresento um exemplo de procedimento proposto por um cliente da área automóvel para definir o modo e a estrutura da comunicação com o consultor técnico.

- Technical queries should be submitted for the attention of our in-house technical expert via email stating job reference and deadline

Figura 30: Procedimentos de comunicação com um consultor técnico/terminólogo

Apesar da necessidade de alguma normalização, tendo em vista a boa organização e o consequente fluir do processo de consulta técnica, um aspecto relevante neste contexto prende-se com o facto de uma comunicação directa, informal e em tempo tão real quanto possível ser sempre mais eficaz do que um processo instituído demasiado formalizado, moroso e distanciado. Mais uma vez, uma abordagem ponderada entre

estes factores – antagónicos ou complementares – é a melhor resposta para a criação e utilização bem-sucedidas deste tipo de instrumento de trabalho.

Julgo ser pertinente aqui referir a interdependência entre este instrumento de consulta técnica e a preocupação expressa na secção 3.9. a propósito da qualidade, sendo a primeira garante da segunda.

Ainda neste âmbito, a qualidade do TP é um factor determinante de toda esta discussão, uma vez que constitui o objecto de onde parte o trabalho de tradução, assumindo-se como elemento preponderante desta dinâmica. A frequente falta de qualidade do TP, abordada na secção subordinada ao tema da língua franca, reforça a relevância do trabalho de tradução feito de forma colaborativa e em diálogo esclarecedor com um consultor técnico, na tentativa de salvaguardar a correcção e a qualidade do trabalho realizado.

Na secção 3.8. dedicada a géneros de texto específicos, abordarei igualmente exemplos em que o único recurso parece resumir-se ao esclarecimento fornecido por um consultor técnico, quando todos os outros elementos, nomeadamente o contexto, os outros materiais de referência e recursos adicionais parecem falhar.

3.6.5. Validação terminológica

Na sequência do processo de identificação de termos técnicos que requerem esclarecimento e produção de uma tradução, que podem abranger as etapas especificadas nas secções anteriores, surge o processo de validação, enquanto fase de conclusão da atribuição com algum carácter definitivo e vinculativo de um significado e de uma tradução para um determinado termo.

Assim, e, mais uma vez, de acordo com a empresa de tradução, o cliente final e os procedimentos de trabalho instituídos, pode chegar-se à desejável fase de validação terminológica.

Este processo implica o envio ao cliente de uma ou mais opções de tradução para um termo técnico depois do devido esclarecimento do conceito através da investigação do mesmo em variadas fontes já aqui enunciadas e outras que possam mostrar-se relevantes. O cliente, seja ele a empresa de tradução na pessoa de um terminólogo, por exemplo, ou o cliente final, selecciona de entre as opções ou analisa a(s) opção(ões) de tradução apresentada(s) e defendida(s) e procede à respectiva escolha e validação. A partir desse momento o termo deverá ser inserido no glossário como termo validado, devendo passar a utilizar-se de modo uniforme e consistente.

Existem vários procedimentos possíveis a adoptar neste processo, mais ou menos formais, cada um moldado pelos condicionalismos existentes no projecto de tradução em causa e de acordo com as preferências de cada cliente, não prevalecendo um *modus operandi* específico e uniformizado.

3.7. Materiais de referência

Os materiais anteriormente editados são muitas vezes fornecidos como fonte de referência na realização de uma tarefa de tradução, remetendo-nos esta noção mais uma vez para o mapa de Britta Nord (2002, p. 160).

Na tradução técnica automóvel, como aliás nos restantes tipos de tradução, o contexto ocupa um papel preponderante no processo de clarificação de sentido de termos que constituem uma fonte de problemas para o tradutor.

Mais do que isso, os materiais de referência fornecem informação acerca da estrutura textual e de numerosos outros elementos inerentes ao texto e pertinentes no processo de tradução.

Os materiais de referência são, por isso, um elemento indispensável de que se deve fazer uso activo, cruzado e eventualmente comparado no processo de tradução.

Uma vez que não posso considerar o contexto dentro dos mesmos parâmetros dos elementos enunciados nas restantes alíneas, pela sua importância dedico-lhe um parágrafo antes de passar aos restantes elementos.

Refiro-me aqui a 'contexto' no sentido lato passível de se enquadrar na elencagem de materiais de referência, na medida em que o contexto, a meu ver, inclui em si toda uma pluralidade de informações, quer explícitas, quer subliminares, sejam elas textuais, imagéticas, de factores externos, ou de outra natureza. São elementos complementares que contribuem inequivocamente para o processo de construção de um produto de tradução final que se pretende o mais correcto e exacto, adequado e logo bem-sucedido. E a este propósito, não poderia deixar de aludir aos "textexterne" e "textinterne Faktoren" enunciados por Nord (1988, pp. 40-42) abordados mais detalhadamente na secção teórica do presente estudo.

O contexto clarifica e condiciona, senão vejamos:

Texto de partida	Texto de chegada
• Check air outlet damper.	• Verifique o registo de saída de ar.
• Secure the crankshaft damper.	• Fixe o amortecedor de vibrações da cambota.
• Remove the front drive shaft damper.	• Desmonte o amortecedor do semieixo dianteiro.

Figura 31: Contexto condicionante na terminologia técnica automóvel

Neste exemplo penso ser bem clara a constatação de que o contexto determina diferenças tão absolutas como um mesmo termo "damper" poder significar "registo" no âmbito do sistema de ar do veículo, "amortecedor de vibrações" no âmbito do mecanismo da cambota, ou ainda "amortecedor" no contexto do sistema de suspensão do automóvel.

3.7.1. Imagem

No seguimento do que mencionei na parte teórica, considero a imagem um elemento que merece a nossa melhor atenção neste domínio.

Seria oportuno esclarecer que a imagem está muito presente no texto técnico da indústria automóvel, nomeadamente nos Manuais de Oficina, Manuais de Formação, Manuais de Reparação, Catálogos de Peças, Diagramas da Cablagem, entre outros, constituindo uma das suas marcas mais fortes.

Uma imagem pode representar um conceito, tal como uma definição, e a complementaridade entre estes dois sistemas de signos resulta na qualidade de clarificação dos conteúdos informativos especializados. Em diálogo, imagem e texto adequados complementam-se e constroem sentido de forma sólida.
Ela pode reforçar o que o texto diz, ajudar a organizar e condensar a informação, estabelecer ligações ou explicitar conteúdos. Todas estas funções estão ao serviço de um objectivo primordial de permitir a compreensão mais aprofundada de conteúdos especializados (Torcedor, Alarcón-Navío, Prieto-Velasco, & López-Rodríguez, 2009, pp. 146-147).

Considero que a imagem enquanto elemento gráfico é o componente carregado de significado que nesta área específica é 'neutro' e permanece imutável dentro da transferência linguístico-cultural durante o processo de tradução. Neste contexto, a imagem será, porventura, a 'ponte' ou o 'fio condutor' no processo tradutivo, o elemento universal e universalizante entre linguagens textuais distintas.

No texto automóvel, a imagem surge como um importante elemento de complementaridade. Ao traduzir um texto técnico nesta área, o tradutor, podendo visualizar uma imagem, terá um suporte esclarecedor de eventuais dúvidas. Poderá mesmo acontecer que a imagem suscite alguma questão que não se colocou ao ler o TP e que leve o tradutor a confirmar algum sentido ou termo menos óbvio. Na maior parte dos casos, a imagem vem clarificar. Ela revela-se uma excelente fonte de contextualização e esclarecimento, representando muito mais do que um simples material de referência[35].

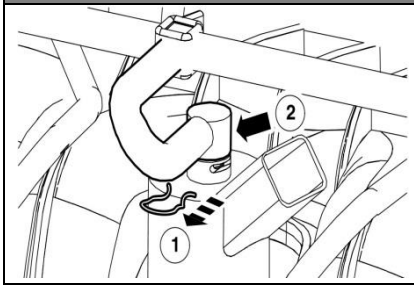
Imagem	Texto de partida	Texto de chegada
	Care should be taken when removing the retaining clip to avoid any bending or distortion.	Deve haver o maior cuidado ao retirar o grampo de fixação, por forma a evitar dobrar ou torcer o tubo.

Figura 32: A imagem como elemento contextualizante

Como poderemos depreender do exemplo apresentado, a imagem ajudou a clarificar o significado concreto e exacto do final da frase, realizando o tradutor uma ingerência em forma de acrescento, que resulta muito bem no TCh. Poderia argumentar-se que, tal como no TP existe a ambiguidade, ela poderia ter sido mantida no TCh. Que o leitor olharia para a imagem e perceberia a mensagem. Contudo, não podemos deixar de apelar à desambiguidade exigida ao texto técnico. Se por alguma razão a imagem não estivesse disponível nas melhores condições de visualização, ou não fosse objecto de percepção atenta, no texto estaria patente a versão correcta, exacta e completa daquele conteúdo.

Nesta esfera, as imagens podem assumir a forma de ilustração de acompanhamento (como é o caso da figura anteriormente apresentada), gráfico (por ex., que relaciona potência e rotações por minuto), tabela (por ex. tabela de códigos de avarias), vista explodida de sistemas e seus componentes (por ex. do sistema de escape), vista em corte (mostrando o interior de um componente, como por ex., uma caixa de velocidades), símbolo de advertência (aviso, perigo, segurança), diagrama (por ex., da cablagem), pictograma (por ex., das áreas de oficina), organigrama (por ex. da estrutura do concessionário), entre variadíssimos outros tipos de imagem.

[35] Afigura-se-me aqui revelante prestar um breve esclarecimento relativo à inclusão da imagem numa secção dedicada aos materiais de referência. A imagem tem um estatuto equiparável ao do texto enquanto veículo de informação. Ao incluí-la nos materiais de referência não pretendo ignorar este facto, mas sim enquadrá-la no âmbito dos elementos auxiliares de criação de sentido e compreensão no campo técnico especializado, em consonância com a noção de elementos paratextuais da análise textual de Nord.

Um outro aspecto pertinente relativo à imagem reside no facto de que as legendas de imagens constituem texto que requer a visualização das respectivas imagens, como será facilmente compreensível e lógico. Para designar um componente ou as várias partes constituintes de um sistema do veículo é necessário observar o componente ou o sistema respectivo para percebermos qual a sua forma, dimensão, localização, elementos circundantes e algumas outras características pertinentes que nos esclareçam na obtenção da melhor opção de tradução. Basta pensarmos que um simples "ON" pode merecer uma tradução no sentido de "acesa" se surgir como item de uma tabela referente a uma luz avisadora do painel de instrumentos, como poderá merecer o tratamento de não ser traduzido e permanecer tal como no TP "ON", se fizer parte de um interruptor com o termo impresso em Inglês para comercialização internacional indiferenciada.

E ainda a propósito desta ligação de interdependência, afigura-se-me relevante mencionar a importância de manter a consistência entre a terminologia utilizada na legenda da imagem e a terminologia utilizada no corpo do texto correspondente, por forma a promover a desambiguidade, evitando a sinonímia, e a assegurar a consistência do trabalho no seu todo − texto, imagem e legenda.

A imagem assume uma tal relevância enquanto material de referência determinante na clarificação de sentido e resolução de estratégias tradutivas que merece destaque, figurando entre as 'guidelines' de tradução de projectos da indústria automóvel.

- Where applicable, you have been provided with the existing graphics as reference material, which you should adhere to.

Figura 33: 'Guideline' referente ao uso da imagem

3.7.2. Materiais editados anteriormente em Português

À partida representam uma ampla e sólida fonte de consulta e orientação tanto ao nível da forma como do conteúdo, da terminologia e do estilo, entre outros aspectos. Mais uma vez, o mapa de Britta Nord (2002, p. 160) surge como referência.

As reedições ou actualizações de determinado documento técnico são, pois, tidas como um trabalho que circula em torno da busca pela consistência e pela uniformidade relativamente ao que foi feito e portanto estabelecido anteriormente, como acontece, por exemplo, na tradução de um Manual de Oficina de um novo modelo de veículo que estará, por certo, equipado com componentes e sistemas já existentes, logo comuns e traduzidos anteriormente, a que se irão juntar novos componentes, características e sistemas, ou alterações que requerem nova tradução.

Contudo, este material de referência poderá representar um problema. Aparentemente funcionando como orientação inequívoca do que deve ser feito, os materiais anteriormente já editados contêm, por vezes, lapsos e termos e designações técnicas que eventualmente vêm a sofrer alterações e actualizações. Deverão, portanto, funcionar como referência, mas sempre com o devido distanciamento crítico.

Verificam-se mesmo casos extremos em que os materiais anteriormente traduzidos não devem ser, de todo, seguidos, por exemplo, quando a empresa não tenha ficado plenamente satisfeita com a tradução efectuada e tenha mudado de prestador de serviços de tradução. Este tipo de informação deve ser esclarecido junto do cliente antes da realização da tarefa de tradução, ou seja, na definição do 'translation brief' (*vide* secção 2.5.1.)

3.7.3. Materiais editados em outras línguas

Curiosamente, os materiais editados em outras línguas constituem ferramentas úteis na destrinça de significados para os tradutores técnicos (Nord B. , 2002, p. 160).

Estes materiais revelam-se quase sempre úteis na resolução de questões tradutivas que se colocam ao tradutor. Na realidade, existem designações técnicas na área automóvel muito próximas entre diversas línguas. Se atentarmos no termo "body" no contexto automóvel mais geral, vemos como este é traduzido de forma tão vizinha entre diferentes línguas, assim podendo ser traduzido para Português como "carroçaria", para Espanhol como "carrocería", para Italiano como "carrozzeria", para Alemão como "Karosserie", para Romeno como "caroserie" e mesmo para Sueco como "kaross"[36].

As línguas com um étimo comum fornecem excelentes pistas na destrinça de termos mais obscuros, reservando ao tradutor técnico verdadeiras e agradáveis surpresas na tarefa da tradução, incluindo a criação de neologismos ou de novos conceitos para novos componentes e processos. Podemos ver este facto ilustrado no termo "crankcase ventilation kit" com tradução para Português de "kit-ventilação do cárter", para espanhol de "kit ventilación de cárter", para francês de "lot ventilacion du carter" e para italiano "kit ventilazione motore"[37].

[36] Informação retirada de um glossário multilingue da área automóvel fornecido por um cliente pessoal.
[37] Informação retirada de um glossário multilingue da área automóvel fornecido por um cliente pessoal.

3.8. Géneros de texto, questões problemáticas e estratégias de resolução

Conforme observado nas secções destinadas à linguagem e ao estilo e como também aflorado relativamente às 'guidelines', diferentes géneros de texto apresentam diferentes desafios e condicionalismos. A acrescentar a esta diversidade, também vimos que a indústria automóvel, com toda a multiplicidade de subáreas temáticas que engloba, apresenta naturalmente uma vasta gama de documentação técnica com as respectivas especificidades. Nesse sentido, optei por seleccionar alguns géneros de texto que me parecem mais representativos ou problemáticos desta área técnica, procurando enunciar e/ou debater alguns dos seus aspectos mais relevantes.

3.8.1. Manual de Oficina

Eventualmente um dos documentos mais comuns dentro da indústria automóvel, o Manual de Oficina é, sem dúvida alguma, um dos textos com carácter mais utilitário, situando-se a sua aplicação na prática no espaço da oficina automóvel especializada em operações de diagnóstico de avarias, manutenção, revisão e reparação de veículos automóveis e componentes. O seu público-alvo são os técnicos do ramo automóvel, nomeadamente técnicos de oficina especializados em diagnóstico de avarias e/ou mecânica, sistemas eléctricos, bate-chapa e pintura, etc.. Todos estes profissionais deverão actualizar os seus conhecimentos em cursos de formação realizados com alguma regularidade ao longo do seu percurso profissional.

Conforme referi na secção 3.3., este género textual tem uma forte componente normativa e instrucional, patente nas indicações e nos procedimentos inerentes à realização de tarefas que vão desde as verificações, no contexto das revisões e procedimentos de assistência, até às reparações dos mais variados sistemas do veículo (mecânicos, eléctricos, electrónicos, hidráulicos, chaparia, pintura, etc.).

O seguinte exemplo ilustra bem os aspectos anteriormente referidos:

Texto de partida	Texto de chegada
Disengage the claws and the guide, and remove the outer mirror install hole cover.	Desengate as garras e a guia e desmonte a tampa da abertura de montagem do retrovisor exterior.

Figura 34: Segmento de texto retirado de um Manual de Oficina

Considero que este género de texto com o vasto leque de componentes e variedade de subáreas que abarca constitui, por assim dizer, um género representativo da literatura técnica automóvel.

3.8.2. Manual do Proprietário

Conforme referi na secção 3.3., este género textual caracteriza-se pela sua natureza utilitária, uma vez que se dirige a um público-alvo específico, consumidor do produto automóvel, público este encarado como generalista. A linguagem instrucional do Manual do Proprietário visa ajudar o proprietário a conhecer e aprender a utilizar da melhor forma os equipamentos e funcionalidades que o produto automóvel lhe oferece.

Está presente uma quantidade considerável de avisos de segurança e alertas de perigo que visam garantir a segurança do proprietário automóvel e dos passageiros e salvaguardar o uso e manutenção correctos dos equipamentos. Estas indicações de segurança estão ao abrigo dos requisitos de segurança na manipulação de equipamentos e substâncias perigosas, igualmente utilizados na indústria automóvel e são objecto legal de diversas Directivas Europeias, das quais destaco a Directiva 2001/59/CE da Comissão, de 6 de Agosto de 2001 (Comité Misto do EEE), que adapta ao progresso técnico pela vigésima oitava vez a Directiva 67/548/CEE do Conselho, relativa à aproximação das disposições legislativas, regulamentares e administrativas respeitantes à classificação, embalagem e rotulagem das substâncias perigosas**.**

Igualmente representativa do Manual do Proprietário é a presença de identificações e características de funções e comandos, sendo a linguagem clara, directa e objectiva, ao serviço da orientação acima exposta. Se não, atentemos no exemplo:

Texto de partida	Texto de chegada
The clock display starts flashing when time setting mode is entered.	O ecrã do relógio começa a piscar ao entrar em modo de definição de tempo.

Figura 35: Segmento de texto retirado de um Manual do Proprietário

3.8.3. Diagrama da Cablagem

Um diagrama da cablagem é uma representação gráfica dos sistemas eléctricos do veículo, centrando-se os elementos textuais nas identificações de componentes e no texto circundante à imagem. Destina-se a um público-alvo especializado, nomeadamente aos técnicos de oficina com formação em sistemas eléctricos e electrónicos do veículo.

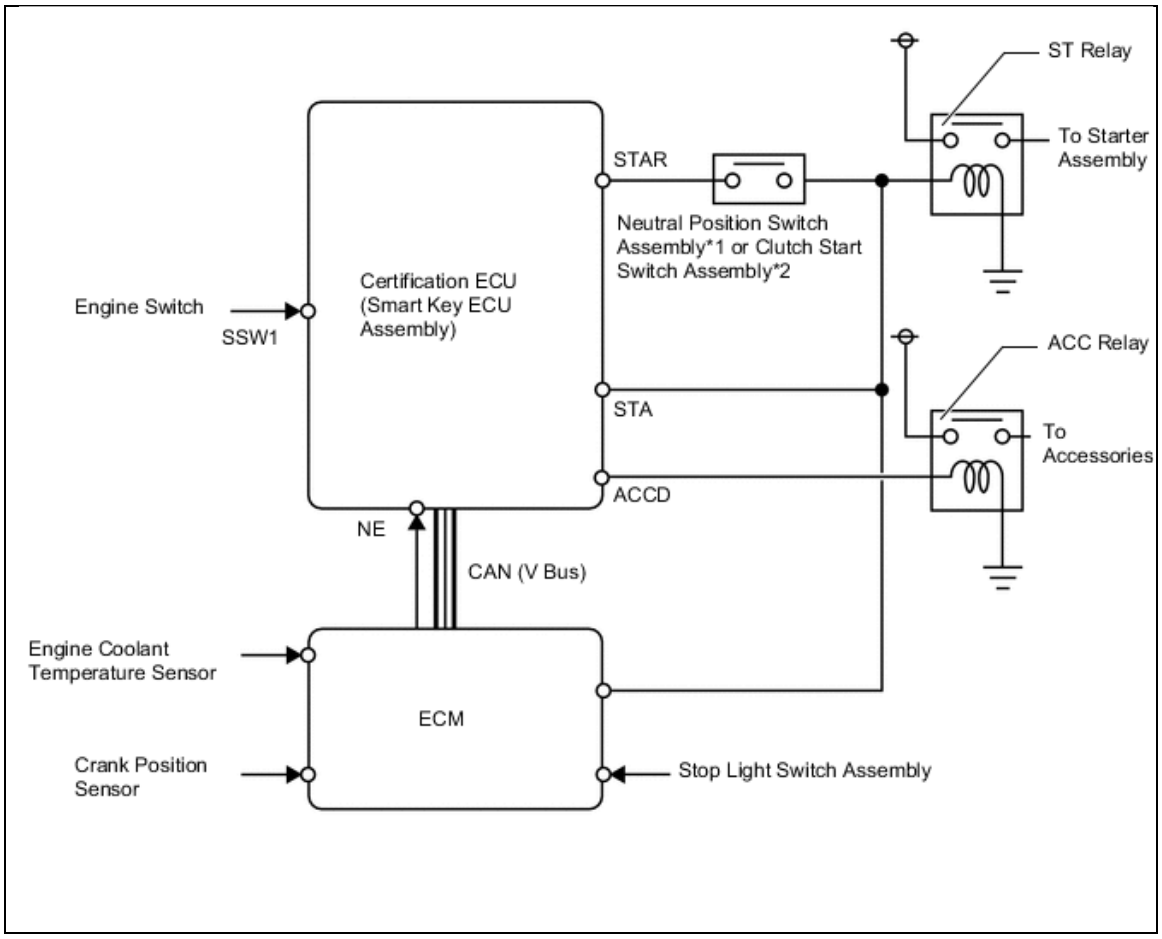


Figura 36: Diagrama da cablagem

Este tipo de documento requer a consulta da imagem para permitir a correcta tradução dos seus elementos de significado, dado que muitas vezes estão graficamente dispostos em linhas diferentes, o que vai originar a sua apresentação individualizada no texto que é enviado ao tradutor para tradução. Assim, por exemplo “Engine coolant” surgirá como um segmento de texto independente de “Temperature Sensor”. Neste caso, o tradutor não deverá produzir dois segmentos respectivamente com a tradução de “Líquido de arrefecimento do motor” e “Sensor da temperatura”, mas deverá implementar o devido procedimento para resolver o problema de segmentação, unindo os dois segmentos de modo a produzir a tradução correcta de “Sensor da temperatura do líquido de arrefecimento do motor”, que em fase posterior de formatação irá requer algum ajuste. Se assim não o fizesse, comprometeria igualmente a validade da TM utilizada por não ficar registada a unidade.

3.8.4. Catálogo Electrónico de Peças

Este género de texto constitui uma das principais fontes de problemas para o tradutor do ramo automóvel. O concessionário e os centros de manutenção e reparação de

veículos automóveis são o público-alvo deste documento, uma vez que é a partir deste catálogo que se fazem as encomendas de peças e componentes. Trata-se, portanto, de um público da área automóvel.

O Catálogo Electrónico de Peças é constituído por uma lista de peças, desprovida de outro contexto para além da imagem e do código de referência, com a dificuldade acrescida da limitação de caracteres imposta pela formatação adoptada para este tipo de documento. Tal deve-se ao tratamento electrónico de dados que lhe serve de suporte. Esta limitação de caracteres tem igualmente na sua origem um objectivo de uniformização gráfica.

A limitação de caracteres confere a estes segmentos do texto uma estrutura condensada que não só dificulta a compreensão do TP, que assim é apresentado de forma truncada e, por vezes, pouco perceptível, como também dificulta a formulação clara no TCh.

Texto de partida	**Texto de chegada**
Dual Power Fold Htd Signal Mirror	Dois retrov el c/desemb e pisca

Figura 37: Segmento de texto retirado de um Catálogo Electrónico de Peças

Como podemos constatar a partir do exemplo, a presença das abreviaturas é uma marca inconfundível deste género de texto, mais acentuadamente no TCh dada a taxa de expansão da língua portuguesa, conforme referido anteriormente, não havendo normas definidas quanto à sua utilização e não estando, por conseguinte, a consistência salvaguardada. Assim, "retrovisor" nem sempre é abreviado para "retrov" como acontece no exemplo *supra* referido.

Podemos verificar a partir deste exemplo que a expansão ao traduzir de Inglês para Português vem dificultar o cumprimento da limitação de caracteres aqui imposta e intensificar a necessidade de utilização de abreviaturas.

A estratégia habitual que me tem sido solicitada é a de utilizar abreviaturas tão inequívocas e de fácil compreensão quanto possível, não se perdendo nunca de vista o primeiro e último objectivo de comunicar conteúdos técnicos de modo claro.

A natureza deste texto técnico requer a utilização de vários recursos que estejam disponíveis, nomeadamente o recurso à investigação das designações, ao esclarecimento solicitado ao consultor técnico/terminólogo e, muitas vezes, à confirmação pedida directamente ao cliente final.

3.8.5. Ferramentas Electrónicas de Diagnóstico de Avarias

Existem várias ferramentas de diagnóstico de avarias no mercado, sendo muitas igualmente desenvolvidas e utilizadas na esfera de cada marca automóvel específica.

São ferramentas electrónicas que ocupam um papel primordial na indústria automóvel, uma vez que estão associadas aos processos de verificação de funcionamento e existência de anomalias dos vários sistemas do veículo, constituindo a base de trabalho do diagnóstico e reparação de avarias e da reprogramação no processo de reparação dos veículos.

Os segmentos de texto contidos nestas ferramentas possuem normalmente uma linguagem elíptica com elevado grau de complexidade devido aos conteúdos muito técnicos e à densidade informativa que lhes é característica, em articulação com a presença habitual de variáveis (%_) que correspondem a valores, siglas ou designações.

Estas ferramentas electrónicas dirigem-se a um público-alvo com conhecimento especializado na área informática e nas restantes vertentes da área automóvel, dado o suporte tecnológico e a enorme complexidade em causa. Trata-se de um público-alvo familiarizado com as especificidades da marca, dos processos e dos procedimentos de detecção de avarias.

Atentemos no exemplo que se segue para chegar a algumas conclusões interessantes.

Texto de partida	**Texto de chegada**
Connect the %h to the fuel rail or T-adapter Schrader valve.	Ligue o %h à válvula Schrader da linha de combustível ou do adaptador de três vias.

Figura 38: Segmento de texto retirado de uma Ferramenta Electrónica de Diagnóstico de Avarias

Como verificamos na tabela anterior, os códigos que representam variáveis − neste caso "%h", para os quais o *software* insere automaticamente o termo programado, em fase posterior já não acessível ao tradutor − podem colocar problemas de sintaxe que requerem bastante cuidado na respectiva manipulação, não devendo ser alterados.

A este propósito, Byrne (2012, p. 165) é totalmente inequívoco ao afirmar: "Do not change variables: Do not delete, modify or rearrange variables in a string."

A solução para acomodar variáveis passa pela maleabilidade que se imprime ao tratamento linguístico da estrutura frásica em que a variável se inclui, concluindo-se que a variável numa frase constitui um elemento muito condicionante da formulação.

Para além deste aspecto, o género gramatical do termo que a variável representa constitui uma dificuldade acrescida no caso da língua portuguesa, sendo exigido o cumprimento das regras de concordância gramatical. O problema mais habitual prende-se com o género e não tanto com a concordância em número, daquilo que posso depreender da minha experiência, uma vez que é mais comum fazer-se referência a um componente, elemento, sistema e raramente a vários componentes, elementos ou sistemas, até porque mesmo quando se trata de um conteúdo plural, habitualmente, a referência é feita no singular, estando subentendido que se aplicará no geral.

Também aqui se verifica a necessidade de conjugar formação e investigação, utilizando todos os instrumentos disponíveis e o recurso ao esclarecimento por parte do consultor técnico e, muitas vezes, ao esclarecimento solicitado directamente ao cliente.

Neste caso concreto, a variável referia-se à sigla "FHA" que aqui significa "Fuel Hose Assembly" e que corresponde em Português a "tubo flexível de combustível", requerendo o artigo que a precede no género masculino e número singular.

Este problema que se verifica na língua portuguesa não acontece na língua inglesa em que o artigo é uniforme – "the" – e os adjectivos também não possuem marcação de género: "correct" é sempre "correct". É um problema exclusivo da língua de chegada.

3.9. Revisão e controlo de qualidade

A revisão e o controlo de qualidade são instrumentos que considero essenciais e integrantes do processo de tradução, podendo estes processos assumir diversos formatos de acordo com a finalidade e a abrangência pretendidas.

Aferir e controlar resultados representa uma preocupação clara com a qualidade do produto, neste caso, da tradução. E melhorar a qualidade, permite, ainda, fornecer conhecimentos ao tradutor e, assim, contribuir também para a sua formação.

Passo, agora, a enunciar e descrever diversos métodos alternativos utilizados no âmbito da tradução técnica automóvel na avaliação de qualidade da tradução.

3.9.1. Revisão

Em matéria de revisão, existe um pressuposto transversal: todo e qualquer trabalho de tradução implica uma revisão que visa salvaguardar a qualidade do produto final. Parece-me oportuno atentar no conceito de qualidade neste âmbito, tendo em conta que os editores e os revisores efectuam as suas correcções e melhoram o trabalho de

modo a obter um produto final de qualidade. A International Organization for Standardization define 'qualidade' na Norma ISO 8402 intitulada "Quality Management and Quality Assurance" como sendo "the totality of characteristics of an entity that bear on its ability to satisfy the stated and implied needs" (Mossop, 2007, p. 22), sendo a 'entidade' o produto propriamente dito.

Brian Mossop (2007, pp. 22-23) realça, na definição desta norma ISO, por um lado, o facto de a qualidade ser considerada sempre em relação às necessidades e, por outro, que estas incluem as necessidades explícitas e as necessidades implícitas, sendo a exactidão a necessidade implícita da tradução por excelência.

Assim, na tradução, é sempre desejável que se realize uma auto-revisão que, normalmente e em termos gerais, inclui uma leitura comparada de TP e TCh, acompanhada de uma verificação gramatical e ortográfica.

Tradutores há que revêem cada segmento imediatamente após a tradução, assumindo a revisão como parte integrante do acto de tradução. Outros profissionais da tradução preferem efectuar uma leitura de revisão global da totalidade do conteúdo no final da fase de tradução, assumindo a revisão como processo um pouco mais distanciado e talvez separado da tradução. Defendem estes últimos que a leitura integral e ininterrupta da unidade textual permite avaliar se o TCh pode funcionar com autonomia e constitui uma mensagem adequada e funcional na situação de chegada.

No entanto, mesmo esta auto-revisão revela-se insuficiente na maior parte dos casos. No contexto da tradução automóvel, recorre-se habitualmente à revisão realizada por um outro linguista, como pude constatar.

O revisor poderá ser um profissional mais experiente e assim desempenhar a função de 'rede de segurança' em relação ao trabalho realizado por um tradutor iniciado.

Poderá igualmente dar-se o caso, como acontece frequentemente, de o revisor ser um tradutor com formação e experiência equivalentes às do tradutor. Neste caso o revisor representa tão-somente outro par de olhos treinados a verificar uma tradução que se pretende isenta de erros ou lapsos.

Conforme refere Mossop (2007, p. 121), nos textos muito especializados, redigidos por especialistas para especialistas, normalmente associados aos últimos desenvolvimentos científicos e tecnológicos, é necessário encontrar um tradutor/revisor que tenha experiência e conhecimento especializado na área, ou, nesta impossibilidade, efectuar a revisão recorrendo à colaboração de especialista na área.

A tarefa de revisão pode ou não ser normalizada, sendo, no contexto da tradução automóvel que experienciei, habitualmente fornecida ao revisor uma *checklist* com itens que deve verificar e uma *checklist* com as normas fornecidas inicialmente ao tradutor, a fim de verificar se estas foram efectivamente cumpridas.

Mesmo que esta *checklist* não exista formalmente, ela está presente na cabeça do tradutor/revisor e, embora o revisor execute o seu trabalho de forma quase automática ou inconsciente relativamente a essa *checklist*, por vezes, pode ser útil ler e considerar a lista de procedimentos de forma a verificar se o revisor está a realizar tudo o que é pretendido.

No seu artigo sobre a aprendizagem através do erro, os tipos de erro e as razões que podem estar na sua origem, Marko Miletich (2014) faz referência ao valor da análise do erro e especificamente à *checklist*, em que sugere vários itens concretos e objectivos a verificar antes da entrega do documento, como sejam a ortografia, a pontuação, as concordâncias gramaticais e sintácticas, os falsos cognatos, entre outros aspectos.

Um dado interessante consiste no facto de os revisores menos experientes normalmente procederem a numerosas alterações. Conforme refere Mossop (2001, p. v), “New revisers tend to waste a great deal of time making unnecessary changes in texts”.

A revisão não pode nem deve tornar-se num exercício de apropriação da tradução de outrem. O trabalho de revisão implica, a meu ver, alguma reflexão. O primeiro esforço é o de distanciamento e objectividade perante o texto a rever. Não se trata de personalizar o texto que temos pela frente, muito pelo contrário, há que assumir uma atitude de respeito pelo objecto de trabalho.

As alterações preferenciais, i.e., motivadas por preferências pessoais, são habitualmente desaconselhadas. Acima de tudo, o propósito desta tarefa é detectar eventuais erros, omissões, inconsistências ou lapsos que possam ter escapado ao tradutor e que ponham em causa o sentido e a boa compreensão e recepção dos conteúdos, bem como a sua forma de alcançar o objectivo traçado.

A verificação da correcção das unidades de significado é feita a par da verificação gramatical e do uso correcto e consistente da terminologia especificada, no estrito cumprimento das directrizes estabelecidas para o projecto de tradução em causa.

Identificada uma incorrecção, seja ela de que natureza for, a alteração deverá ser implementada de forma consistente ao longo de todo o documento, e de todos os documentos dentro de uma mesma unidade, capítulo ou secção, a bem da consistência e da qualidade do produto global final.

Importa salientar, ainda, a propósito da revisão, que esta tarefa não tem sido objecto de análise, estudo, debate e modelo didáctico tanto quanto seria desejável, conforme reforçado por Pym (*Deriving Translation Competencies from Process Research*, 2014, minuto 3:19), constituindo esta realidade uma lacuna, dada a relevância da revisão no âmbito da tradução e, neste caso específico, da tradução de documentação técnica.

Nessa medida, não poderia terminar esta alínea sem salientar devidamente a obra didáctica já aqui citada de Brian Mossop, tradutor, revisor e formador (2007), em que o autor apresenta e discute uma representativa panóplia de aspectos da prática da revisão de textos não-literários, ilustrada com exemplos reais, fornecendo orientação pragmática e materiais didácticos direccionados a melhorar e solidificar o desempenho de revisão por parte dos linguistas. Para finalizar esta referência, gostaria de aludir em jeito de súmula a "The Revision Parameters" (Mossop, 2001, p. 99), uma *checklist* em que apresenta de forma condensada os 12 parâmetros da revisão. A contribuição de Mossop pode ser considerada da maior importância para a prática, a didáctica e a investigação sobre revisão.

3.9.2. QC – *Quality Control* – controlo de qualidade

O QC[38] é um conjunto de procedimentos de controlo de qualidade e habitualmente abrange a verificação da paginação, da formatação, da hifenação, do alinhamento e de qualquer tipo de lapso.

Ao longo de dezassete anos de experiência profissional na área, tenho vindo a assistir a uma alteração gradual do âmbito das tarefas incluídas num QC, sendo este presentemente, por vezes, deslocado para a esfera funcional da revisão, uma vez que algumas empresas de tradução passaram a incluir a verificação de conteúdos, terminologia e do cumprimento de 'guidelines' e 'style guides' na fase de QC.

Quando menciono a verificação de conteúdos não me refiro à exaustiva leitura e análise comparativa de unidades de significado no TP e no TCh, como é encarada na revisão. Refiro-me antes a uma leitura rápida e algo superficial do conteúdo geral do texto por página e apenas do texto traduzido, com o fito de detectar alguma irregularidade ou elemento de estranhamento que se evidencie.

[38] Utilizo aqui a sigla 'QC' dado o seu uso generalizado neste contexto no âmbito da minha experiência pessoal de trabalho e pela razão óbvia de se tratar de uma sigla, elemento facilitador e acelerador da compreensão textual.

Ainda assim, entendo que o QC se tem vindo a alargar e complexificar. Vejo este reforço de procedimentos de verificação como um esforço pela salvaguarda contra qualquer tipo de falha, que teria ou poderia ter, como já referi, consequências nefastas.

Esta atitude de maior preocupação com a qualidade do produto final parece-me muito louvável, mas deve ser aqui enquadrada para melhor esclarecer a pertinência desta evolução.

Se o QC passou a abarcar tarefas da revisão, então estaremos perante uma duplicação ou sobreposição de tarefas do controlo de qualidade, ou talvez haja outra explicação. Na prática, o que me parece estar a acontecer é uma tentativa de eliminação da fase de revisão quando o QC é solicitado nestes novos termos que acabo de explicitar.

Este desvio que talvez ainda não seja generalizado, mas que já é emergente, parece-me preocupante, precisamente no contexto do processo de procura da qualidade do produto.

Revisão e QC têm sido tarefas distintas até há bem pouco tempo. O que terá mudado entretanto e por que razão? Economia de recursos, tempo e custos? Outras eventuais possibilidades de controlar o erro e a qualidade?

O argumento poderá residir no facto de as ferramentas informáticas nos permitirem a verificação automática de cada vez mais elementos da tradução, assegurando a qualidade, nomeadamente, a verificação da consistência terminológica, da gramática, da formatação, da numeração, do número de caracteres, etc., isto para além do controlo que já asseguram ao nível da terminologia e da estrutura frásica.

Mas a este respeito, desenvolverei o tema de modo mais aprofundado na alínea 3.9.4., a propósito dos Verificadores Automáticos.

Retomando o exercício de questionamento e reflexão, estarão as tarefas da revisão e do controlo de qualidade a fundir-se? Será este um caminho melhor a seguir? E melhor em que aspecto? As questões são muitas e as opiniões dividem-se entre prestadores de serviços de tradução. Os processos não são estáticos nem poderiam ser, porque é profusamente dinâmica a matéria que acompanham.

3.9.3. TQA, ETQS, ITQS, ITQA[39]

Antes de mais, deixo a nota de que a informação que aqui apresento é também proveniente da minha experiência profissional, como acontece em grande parte desta secção, vindo complementar e diversificar os aspectos apurados pela teoria.

Os procedimentos designados por estas siglas situam-se no âmbito da avaliação do controlo de qualidade dos trabalhos de tradução numa fase de pós-tradução, tendo todas elas por base uma lista de critérios que vai servir de indicação concisa e concreta acerca da qualidade de uma tradução específica.

Estas siglas possuem diferenças entre si, justificando-se desde já uma breve clarificação de cada uma.

Assim, a sigla TQA corresponde a 'Translation Quality Assessment', a avaliação da qualidade da tradução em termos mais gerais relativamente a todo o documento.

Quando realizada a nível interno da empresa, o processo designa-se por ITQA, a 'Internal Translation Quality Assessment'.

Já a sigla ITQS representa a 'Internal Translation Quality Sample', sendo neste caso a avaliação realizada com base na apreciação de apenas uma amostra de texto aleatoriamente seleccionada, e sendo os intervenientes no processo tradutores internos da empresa.

É precisamente neste último detalhe que se distingue do procedimento representado pela sigla ETQS, a 'External Translation Quality Sample', que é realizada por colaboradores externos da empresa.

Os critérios que subjazem a cada um destes processos de controlo de qualidade prendem-se com a interpretação do TP, a terminologia utilizada (que deverá estar de acordo com os glossários e recomendações do cliente final), a tradução completa do texto, a gramática, a ortografia, o estilo e erros de outra natureza.

Todos estes relatórios de avaliação de qualidade têm em comum alguns campos de dados de identificação do projecto, do documento, das línguas de trabalho, do tradutor e do avaliador, para além das datas, nomeadamente de recepção, prazo de realização e entrega.

[39] Utilizo aqui as siglas em Inglês à semelhança do que acontece com outras siglas neste trabalho, dado o seu uso generalizado no contexto prático de trabalho que me é mais familiar.

Em comum têm ainda uma tabela que visa cruzar o número de erros, a tipologia dos erros e o grau de gravidade dos mesmos. Estas informações são sempre analisadas à luz da capacidade de recepção e compreensão por parte do público-alvo, sendo a avaliação feita em função da viabilidade ou inviabilidade da mesma. Têm igualmente em comum um espaço de comentário livre e global e uma classificação final de aprovação ou não-aprovação. Este documento para além de passar a constar da pasta do projecto respectivo, é facultado ao tradutor responsável pela tradução, constituindo um elemento importante de *feedback*.

Em caso de não-aprovação, haverá uma série de outros procedimentos que podem variar entre a reavaliação e a revisão da totalidade do documento.

Todos estes processos visam uma mesma finalidade que consiste em identificar erros e falhas e, em última análise, avaliar a qualidade do trabalho realizado e impedir que seja entregue ao cliente final trabalho que não esteja ao nível da excelência. A qualidade é o objectivo primordial.

3.9.4. Verificadores automáticos

Os Verificadores automáticos são funcionalidades que executam a verificação automática dos elementos na tradução relativamente a parâmetros predefinidos que devem ser observados.

Existem Verificadores de natureza variada, desde o mais comum Verificador Ortográfico[40] de uso generalizado, ao Verificador Gramatical que pode ter acoplado, abarcando outro leque de aspectos, sem sair do âmbito do controlo de qualidade.

O Verificador de Consistência, por seu turno, pode ser utilizado para verificar a questão terminológica: controlar a tradução em relação ao uso de um glossário de termos preferenciais ou eventualmente obrigatórios.

Podem, ainda, assumir o perfil de um Verificador Numérico, executando o controlo da tradução relativamente a uma série normativa, devendo as expressões numéricas apresentadas no TCh corresponder a determinadas regras predefinidas e uniformizadas, como por exemplo, a questão do separador decimal (*vide* Figura 15, secção 3.4.1.1.).

O Verificador pode igualmente regular o número de caracteres utilizado em determinados segmentos, identificando os segmentos de tradução em que é

[40] Ferramenta incluída no processador de texto (MS Word).

ultrapassado o número permitido de caracteres, e assegurando assim o cumprimento da limitação de caracteres a que alguns documentos técnicos automóveis estão sujeitos, conforme abordei em detalhe na secção destinada à tipologia de documentos nesta área técnica (*vide* secção 3.8.4.).

Ainda uma outra funcionalidade assumida frequentemente pelo Verificador é o controlo da formatação através da manipulação dos respectivos códigos e variáveis, identificando os casos de posicionamento incorrecto dos códigos e variáveis dentro do segmento ou os casos de referência incorrecta dos códigos e variáveis, factor impeditivo da exacta formatação do TCh (*vide* secção 3.9.5).

Haverá eventualmente outros âmbitos da Verificação, mas esta parece-me já ser uma amostra representativa da quantidade de elementos pertencentes ao processo de tradução e ao processo de criação textual passíveis de serem controlados e verificados automaticamente através de ferramentas informáticas.

Levanta-se a questão premente do papel redutor a que estes instrumentos parecem querer votar o tradutor. Estará, afinal, o tradutor a tornar-se um mero 'aplicador' de todo um manancial de ferramentas que realizam automaticamente as funções outrora realizadas pelo próprio tradutor? Uma perspectiva assustadora já abordada por muitos estudiosos da tradução, entre os quais se salienta Anthony Pym (2012), e de que pessoalmente partilho com algumas reservas, mais uma vez por considerar que a intervenção humana é sempre imprescindível.

No exemplo que se segue, podemos mesmo notar a abrangência de "any" relativamente a eventuais erros que possam ocorrer no segmento de texto traduzido.

- The verification plug-in will run and check for any tag errors within the file. The report will be shown on a second screen appearing at the bottom

Figura 39: Abrangência dos Verificadores de erros

Apesar do leque de elementos que conseguem controlar de forma automática, os Verificadores apresentam, ainda assim, as suas fraquezas. Como argumento adversativo às suas numerosas vantagens, apresento a questão dos verdadeiros e dos falsos positivos, que passo a clarificar através de dois exemplos esclarecedores.

Two translation units require investigation:		Error positioning	Classification
+27°C	27°C	xxx	False Positive
Chassi	Chassis	yyy	True Positive

Figura 40: Verificadores de erros

Depois de realizada a tradução, o Verificador é corrido contra o documento e fornece um relatório com os itens que o tradutor deve verificar por ter sido detectado um erro. O tradutor deverá confirmar cada item no documento e preencher a coluna de classificação do erro, optando entre "False Positive" e "True Positive", consoante se trate de uma ocorrência correcta ou de um erro efectivo que o tradutor deverá corrigir no documento.

No exemplo *supra* mencionado, o "falso positivo" não requer correcção, visto que o sinal "+" é no caso apresentado redundante e prescindível. O "verdadeiro positivo" requer correcção, visto que o termo está escrito de forma incorrecta.

3.9.5. O erro e o *feedback*

No exercício da profissão, cedo percebi que o erro constitui uma importante ferramenta de aprendizagem também no campo da tradução técnica.

Importa aqui reforçar a importância do erro no processo de aprendizagem e formação do tradutor técnico.

Em início de carreira, eventualmente imagina-se e deseja-se receber a encomenda de tradução de um texto na sua língua de partida, realizar a tarefa de tradução e entregar um texto final na língua de chegada isento de erros.

Com a experiência de trabalho, rapidamente se verifica que assim não é. Depois de realizada a tarefa de tradução, o texto é entregue à empresa de tradução e passa pela fase de revisão para serem detectados eventuais erros, lapsos, inconsistências, problemas de ordem diversa, conforme anteriormente abordado na secção sobre revisão.

O trabalho avança para a fase seguinte no ciclo do documento, passando possivelmente ao tratamento da formatação e ao controlo de qualidade, antes da entrega ao cliente.

Mas existe também uma fase de aparente retrocesso, mas de real 'avanço': o trabalho volta ao tradutor inicial, desta vez com a inserção, preferencialmente anotada, das alterações implementadas, para que o tradutor possa perceber o que pode ser melhorado.

O *feedback* é, no contexto da tradução, todo o conjunto de apreciações comunicadas ao tradutor acerca do trabalho realizado. Ao verificar na prática o que foi corrigido, alterado ou rectificado, juntamente com breves notas explicativas das principais questões a ter

em atenção na sua tradução, o tradutor tem a oportunidade de aprender e interiorizar esta aprendizagem para vir a aplicar os respectivos ensinamentos em trabalhos futuros.

A percepção do erro e a recepção de *feedback* não deverão constituir experiências traumáticas, antes devem ser entendidos de forma construtiva e pedagógica. O erro e o *feedback* são, claramente, ferramentas de enorme relevância na formação do tradutor (*vide* Marko Miletich (2014)). Nord (2011, pp. 270-280) salienta precisamente a importância de aprender com os erros, e na sua busca por uma definição de 'erro de tradução', cita Hönig, que considera a existência de um erro de tradução sempre que a função do texto é posta em causa (Nord C. , 2011, p. 271).

Na mesma linha de pensamento, Mossop (2001, p. 146) afirma "The main problem for juniors is not that they made mistakes, but why", remetendo-nos para uma necessidade de análise das causas dos erros e implementação de estratégias para os evitar como meio de 'aprender com os erros'.

A este propósito defendo a iniciativa de, enquanto tradutor técnico, solicitar-se *feedback* como prática rotineira quando este não for fornecido espontaneamente dentro da estrutura empresarial/laboral em que se esteja a desenvolver a prática profissional.

3.10. Breve discussão

Nesta secção, o meu intuito não foi tanto o de apresentar soluções absolutas, nem tão pouco de revelar estratégias fechadas para responder aos problemas e necessidades da tradução técnica automóvel, mas sim, o de enunciar, ilustrar e discutir diversos aspectos que considero relevantes e constituintes, de forma mais explícita e assumida ou de forma mais inerente e subliminar, do processo de tradução técnica no campo específico da indústria automóvel, apresentando as minhas considerações pessoais.

Creio ter ficado claro que a natureza interdisciplinar e multimodal da tradução técnica, mencionada por Jody Byrne (Byrne, 2009) se constata também na área automóvel. Neste artigo, Byrne aborda, ainda, a questão fulcral imediatamente associada a este aspecto e que reside numa formação mais adequada para o tradutor técnico. Este será o tema tratado na secção que se segue da presente dissertação.

4. Modelos de formação

Von einer akademischen Ausbildung kann man schon erwarten, dass sie nicht nur praktische Fertigkeiten vermittelt, die man dann mechanisch anwendet, wenn sie erfordert sind. Sie muss vielmehr auch Begründungen und Kriterien für individuelle Entscheidungen in Fällen liefern, die so in der Ausbildung nicht vorgekommen sind.
(Nord B. , 2002, p. 309)

Desenganem-se os que pensam que há regras de bem traduzir ou técnicas de tradução. Como fomos depreendendo da secção teórica e da secção prática deste estudo e, conforme afirma Maria António Hörster[41] em "Problemas de Tradução. Sistematização e Exemplos", cada caso é um caso e a melhor forma de contribuir para a formação de tradutores é ajudando-os a encontrar a especificidade de cada encomenda de tradução, atentando nas coordenadas fornecidas pela situação comunicativa de partida, reunindo as informações da encomenda de tradução e atendendo ao papel comunicativo que o TCh deve cumprir. Para tal é necessário considerar as diferenças existentes entre línguas e os recursos próprios de cada uma, tomando consciência de formas de alcançar equivalências dinâmicas, de acordo com as convenções lexicais e estilísticas de cada género textual. Com esta análise de orientação funcionalista inspirada em Nord, um dos pilares teóricos deste trabalho, é possível criar competências e formas de resolução de 'dificuldades de tradução' (carácter subjectivo) e de 'problemas de tradução' (carácter objectivo), termos cunhados pela didacta alemã (Hörster, 1999), criando com o tempo um automatismo salutar.

Além disso, é necessário fornecer ao tradutor em formação os fundamentos e os critérios de base imprescindíveis ao acto decisório inerente ao processo de tradução, conforme refere igualmente Nord na afirmação *supra* citada, sendo o exercício prático de alguns anos (talvez de, pelo menos, cinco) aconselhável para a obtenção de uma boa formação que permita um bom desempenho profissional.

A questão da formação de tradutores tem vindo a dominar grande parte das discussões da área, tanto nos círculos de investigação como entre os próprios tradutores, alargando-se à escala global e dando origem a múltiplos modelos de formação.

O tipo de abordagem da realidade profissional em contexto de sala de aula de tradução defendido por Nord (Sachinis, 2011), entre outros, tem sido tratado de forma alargada, constituindo uma de entre várias abordagens que me parece mais eficaz.

[41] Tive o privilégio de ser aluna desta Professora na cadeira de Análise Textual e Estilística, no âmbito do Curso de Especialização em Tradução, FLUC, 1994/1995. Os ensinamentos então transmitidos têm estado bem presentes na minha prática profissional enquanto tradutora.

Abordarei, de seguida, alguns desses modelos, pela sua pertinência na discussão em causa.
Optei por não seguir a ordem estritamente cronológica, mas sim uma ordem de sequência lógica, partindo da perspectiva teórica para uma concretização prática.

4.1. EMT: European Masters in Translation

O modelo de competências europeu, apresentado no documento "Competences for professional translators, experts in multilingual and multimedia communication" (Gambier, 2009), publicado em Bruxelas, da responsabilidade do grupo de peritos do EMT, presidido por Yves Gambier, surge na tentativa de dar resposta à necessidade de convergência das ofertas de formação para tradutores na Europa, ao nível do ensino superior.

Este modelo, que visa reforçar a cooperação entre instituições e a mobilidade de alunos e formadores, surge na sequência do desenvolvimento dos mercados, do alargamento da União Europeia, da necessidade de aplicar critérios de excelência face à falta de regulação da profissão, da necessidade de actualizar as condições de trabalho e a remuneração do tradutor e, no seguimento do Processo de Bolonha e visando a empregabilidade, da necessidade de unificar a formação em Tradução face ao *boom* de programas de formação de tradutores na Europa, elaborados sem a análise suficiente de requisitos, com falta de entendimento das exigências da profissão e falta de formadores qualificados.

Para termos uma noção mais exacta, em 2006 existiam cerca de 285 cursos de tradução ao nível do ensino superior europeu (Gambier, 2009, p. 1). Em 2007, é criado o grupo de peritos do EMT, cujo principal objectivo consiste na elaboração de propostas específicas que visem a implementação de uma estrutura de referência na Europa para um grau de Licenciado[42] ou de Mestre[43] em Tradução, por toda a UE.

A pertinência do projecto justifica-se pelo facto de as profissões na área da comunicação multilingue conhecerem um desenvolvimento acelerado graças às alterações tecnológicas e à transformação dos mercados em virtude da globalização, do *outsourcing* e da flexibilidade. Este quadro de mudança teve um grande impacto na dinâmica de factores 'volume de tradução', 'controlo de qualidade' e 'preço' (Gambier, 2009, p. 2).

[42] "bachelor"

[43] "master"

O próprio termo 'tradução' remete actualmente para um leque vasto de actividades, como vimos também ao longo da secção 3, englobando tarefas tão diversas como transferências literais (palavra-a-palavra), localização, transedição, redacção técnica e multilingue, adaptação, revisão, entre outras. Esta diversidade inviabiliza qualquer possibilidade de se chegar a valores fiáveis sobre volumes de tradução, número de tradutores, estatuto e honorários (Gambier, 2009, p. 2).

Na sequência dos trabalhos e esforços conjuntos reunidos com vista à realização do objectivo principal, em 2009 surge o referido documento que vem fornecer uma estrutura de referência europeia aos programas de formação em tradução.

Esta estrutura define as competências que se aplicam aos linguistas ou aos tradutores, incluindo os intérpretes, mas excluindo os formadores e os investigadores dos Estudos de Tradução, e deve ser entendida no contexto do ensino superior. Corresponde a um segundo ciclo de formação (60-120 créditos), cujo requisito de acesso é o domínio das línguas de trabalho. Esta é a base para o treino de competências nos módulos a definir e com os métodos didácticos a seleccionar (Gambier, 2009, p. 3).

Para facilitar a implementação destas competências, a sua avaliação e a interligação entre programas, surgiu a necessidade de definir o conceito de 'competência', apresentado no documento como "combination of aptitudes, knowledge, behaviour and know-how necessary to carry out a given task under given conditions", sendo esta combinação legitimada e reconhecida por uma entidade responsável. As competências propostas em seis áreas são interdependentes, conduzindo à qualificação de especialistas multilingue e multimédia (Gambier, 2009, p. 3).

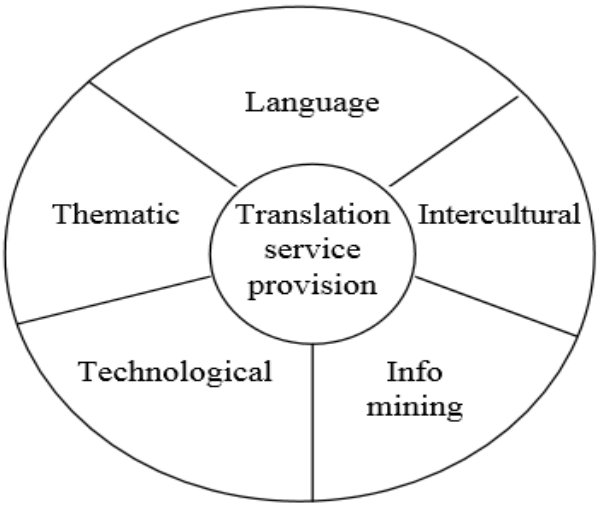


Figura 41: Modelo de competências de tradução proposto pelo EMT, 2009

Tal como Pym (2012, p. 3) afirma na sua análise de modelos de competências de tradução, o modelo do EMT constitui uma referência incontornável no actual panorama de formação de tradutores e dirige-se principalmente à tradução técnica orientada para o mercado, que é o tema específico do presente trabalho.

Na verdade, o tradutor deve desenvolver i) uma 'competência de "translation service provision"'; ii) uma 'competência linguística'; iii) uma 'competência temática'; iv) uma 'competência intercultural'; v) uma 'competência tecnológica'; e vi) uma 'competência documental' para desenvolver uma prática profissional norteada pelos padrões da qualidade, segundo este modelo (Gambier, 2009, pp. 4-7).

O documento oficial especifica cada uma destas competências, deixando transparecer um objectivo de aproximação aos mercados patente na 'competência empresarial', que é nuclear a este modelo e abarca, por um lado, uma dimensão interpessoal, contemplando toda uma série de aspectos que se prendem com a negociação e a gestão de relações comerciais e dos aspectos relativos à encomenda de tradução, e por outro, uma dimensão de produção, envolvendo o processo de tradução propriamente dito, no que respeita ao domínio da metalinguagem, das estratégias de tradução, da tarefa de revisão e do controlo de qualidade (Gambier, 2009, pp. 4-5).

A 'competência linguística' é, curiosamente, a mais brevemente detalhada, provavelmente por não fazer parte da formação, versando questões lexicais, gramaticais, idiomáticas, convenções das línguas, apelando à sensibilidade à evolução das próprias línguas. Uma questão interessante é o facto de não haver referência à competência ou à formação na língua materna.

A 'competência intercultural', por seu turno, é apresentada em mais detalhe e abrange uma perspectiva dual, em que a dimensão sociolinguística e a dimensão textual são comparadas e confrontadas, sendo que a primeira se centra mais no reconhecimento e significado das variações sociais, geográficas, históricas e estilísticas e na identificação de normas específicas e registos adequados às respectivas comunidades, e a segunda se debruça sobre a compreensão e análise de macroestruturas, a natureza intertextual, problemas e estratégias de resolução, extrair e sumarizar conteúdos textuais, identificar e comparar elementos culturais e métodos de composição, atender a convenções de género e recursos retóricos, etc. (Gambier, 2009, p. 6).

A 'competência documental' prende-se mais com os requisitos e estratégias de investigação ou pesquisa de informação e documentação relevante, a abordagem a especialistas, saber extrair e processar informação importante, desenvolver critérios de avaliação, utilizar ferramentas e motores de busca e gerir arquivos de documentos.

A ‘competência temática’ relaciona-se com a ‘competência documental’ na medida em que também contempla a capacidade de pesquisar, seleccionar e integrar informação apropriada e relevante, indo além desta no que respeita a potenciar uma capacidade própria de aprendizagem: ‘learning to learn’. Desenvolver a curiosidade de espírito, a capacidade de análise e súmula fazem igualmente parte desta competência.

Por último, a 'competência tecnológica’ respeitante ao domínio eficaz das ferramentas de *software* que vão surgindo para auxiliar o trabalho do tradutor e permitir o cumprimento de prazos mais competitivos, ao mesmo tempo que perseguem o princípio de base da qualidade, desde o processamento de texto, a verificações gramaticais e ortográficas, ao uso da internet, das TM, das bases de dados terminológicas e dos sistemas de reconhecimento de voz. A criação e gestão de bases de dados e ficheiros, o domínio de ferramentas de suporte à tradução multimédia e audiovisual e as potencialidades da tradução automática são factores contemplados na definição desta competência.

Em primeiro lugar, considero a interdisciplinaridade subjacente a este modelo um aspecto meritoso.

Embora se trate de uma proposta sucinta, vejo no modelo do EMT uma abordagem interessante e muito positiva no sentido de harmonizar e uniformizar as ofertas de formação universitária de tradutores ao nível europeu, na sequência de ter sido reunido um importante consenso, se for encarado como referência de base ou ponto de partida para uma abordagem mais elaborada que considero necessária neste âmbito.

Considero que foca aspectos essenciais à formação do tradutor. Embora não queira realçar uns em detrimento dos restantes, optei por seleccionar para a discussão a competência temática, que defendo neste trabalho, e a competência do tradutor enquanto ‘translation service provider’, numa atitude de aproximação à situação real do mercado de trabalho.

Consultando o relatório anual mais recente do EMT (EMT Network, 2013), verificamos que o modelo constituiu, de facto, um bom ponto de partida para uma série de iniciativas didácticas de enorme relevância no âmbito da formação de tradutores. Assim, entre reuniões da rede do EMT, encontros e eventos que tiveram lugar durante o ano de 2013, salientam-se: a 7ª Conferência do EMT subordinada ao tema vibrante da ‘lifelong learning’; o programa AGORA, esquema de estágio além-fronteiras para alunos de tradução; o primeiro programa OPTIMALE concluído, que visa optimizar a formação do tradutor; o programa QUALETRA, centrado na qualidade da tradução em procedimentos criminais; o projecto TransCert, de certificação europeia para

tradutores; o acompanhamento a acordos estabelecidos com diversas entidades da indústria linguística (representada pela ELIA, EUATC e GALA) que resultaram no estágio de alunos do EMT; uma iniciativa de reconhecimento dos padrões do EMT no continente africano; e notícias de tradutores de visita a programas do EMT (EMT Network, 2013). Grande parte destas iniciativas apontam para a promoção da mobilidade e da aproximação das universidades ao meio empresarial da tradução.

Conseguimos daqui concluir a 'efervescência' que se verifica actualmente ao nível da discussão em torno da formação de tradutores e o impacto que o modelo EMT de 2009 aqui analisado causou neste âmbito.

Anthony Pym (2012, p. 4 passim) reconhece o mérito deste modelo relativamente ao consenso que representa e à referência ideológica que constitui na formação universitária de tradutores na Europa. No entanto, aponta fraquezas importantes a esta abordagem, com as quais concordo, nomeadamente quanto à ausência de base empírica do modelo, à consideração insuficiente da 'competência tecnológica' e à compartimentação pouco sensível das competências.

4.2. Abordagem minimalista de Pym

Um nome que se destaca na discussão em causa é o de Anthony Pym, já referido algumas vezes. Quer pela controvérsia da sua posição, quer pela inovação que traz à mesma, considero este autor uma referência indispensável.

Podendo o autor ser visto como um provocador, na medida em que vem de algum modo pôr em causa o modelo tradicional de competência, o seu contributo refresca a discussão, conforme iremos ver de seguida.

O autor coloca no centro da equação a componente tecnológica, factor que considera condicionar todas as restantes componentes. Desconstruindo o modelo do EMT, o autor defende que as memórias de tradução (TM)[44] e a tradução automática (MT)[45] vieram, de facto, revolucionar a realidade da prática tradutiva e colocar em perspectiva o perfil do tradutor, exigindo um novo paradigma (Pym, 2012, p. 5).

Pym concretiza a sua ideia, referindo que o uso activo e inteligente das TM e da MT fornece um volume considerável da informação de que o tradutor precisa, de forma célere e organizada, alterando por completo a forma como a competência documental era encarada. Concordo parcialmente com esta posição, embora a pesquisa na tradução

[44] Optei por utilizar a sigla em Inglês pela universalidade do seu uso.
[45] Optei por utilizar a sigla em Inglês pela universalidade do seu uso.

técnica, dado o carácter inovador inerente à tradução técnica, seja sempre um forte elemento. Em virtude do uso das TM e da MT, Pym defende que a pós-edição pode ser efectuada por alguém sem pleno domínio das competências linguísticas, constituindo as TM e a MT ferramentas de potencial aprendizagem, perspectiva com a qual discordo totalmente, na medida em que creio convictamente que nenhuma máquina pode prescindir da intervenção humana, sendo o domínio linguístico[46], a meu ver, um elemento de base indiscutível à tarefa de tradução. Relativamente à componente temática, Pym defende que o tradutor pode apenas intervir numa fase final do processo de tradução auxiliado pelas ferramentas, depois da pós-edição de um especialista na matéria e, assim sendo, o tradutor dispensa o conhecimento da área de especialização e tem de desenvolver a capacidade de trabalhar em equipa. Considero esta abordagem muito interessante na medida em que introduz a perspectiva colaborativa (*vide* secção 3.6.4) a imprimir à realização da tarefa de tradução, embora não concorde com a perspectiva de que se pode realizar um bom trabalho tradutivo sem conhecimentos sobre a área técnica e científica. Por fim, quanto à competência intercultural, Pym atribui maior importância às capacidades[47] de produção textual quando a tradução não recorre ao uso da tecnologia e é meramente humana, opinião com a qual naturalmente concordo (Pym, 2012).

De acordo com Pym (2003, p. 6), impõe-se uma reconfiguração do espaço social da tradução, colocando especialistas da língua (tradutores ou comunicadores técnicos) em colaboração com especialistas da área. Esta noção, já teorizada em 1984 por Holz-Mänttäri (*vide* secção 2.3.), assume agora uma outra dimensão potenciada e condicionada pelas novas tecnologias.

Este novo modelo prevê um trabalho de pós-edição a um produto trabalhado pelas tecnologias de apoio à tradução por parte de não-tradutores, um trabalho de revisão por parte de tradutores profissionais e uma edição por parte de editores profissionais, resultando num 'conteúdo localizado'[48] (Pym, 2003, p. 7). O conceito de 'localização' torna-se, assim, central a esta abordagem inovadora, diferenciando-se do termo tradicional 'tradução', com maior expressão no âmbito da informática.

Desvalorizando esforços no sentido de definir, no plano teórico, uma 'competência multicomponencial', Pym (Pym, 2012, pp. 7-12) enuncia as capacidades emergentes que servem o seu novo modelo minimalista, nomeadamente i) 'aprender a aprender' para responder ao ritmo da evolução tecnológica das novas ferramentas, perspectiva

[46] Entendido em sentido lato.
[47] Optei por utilizar o termo "capacidade(s)" para traduzir o termo "skill(s)" para o distinguir de 'competência(s)'/'competence(s)'.
[48] Entenda-se o termo 'localização' de acordo com a definição de R. Schäler (2010, p. 209) "Localization is the linguistic and cultural adaptation of digital content to the requirements and the locale of a foreign market".

que considero refrescante e inovadora; ii) 'aprender a confiar e desconfiar de dados' efectuando uma gestão de risco eficaz, o que considero muito pertinente, conforme explicito na secção prática; iii) 'aprender a rever traduções enquanto textos' dando uma nova importância à tarefa de revisão, defendendo que saber como encontrar o conhecimento torna-se mais importante do que interiorizar o próprio conhecimento. Discordo deste último aspecto, na medida em que considero as duas valências de pesquisa e de formação na área de especialização igualmente importantes e, mais que isso, dialogantes e não estanques e apartadas, como já tive oportunidade de explicitar anteriormente neste estudo. Discordo, ainda, deste modelo que considero limitador da máxima 'aprender a aprender', na medida em que esta se cinge aqui apenas à vertente tecnológica.

Com este novo paradigma no horizonte, Pym (Pym, 2012, pp. 12-15) defende um modo transversal de inserir a MT e a pós-edição nas práticas pedagógicas, enunciando uma série de premissas: i) 'o uso das tecnologias em todas as situações didácticas', favorecendo o exercício prático; ii) 'espaços didácticos adequados', mais concretamente em torno de uma 'mesa redonda' facilitadora do trabalho em equipa e da mobilidade do instrutor; iii) 'trabalho em pares', promovendo um diálogo de interajuda; iv) 'auto-análise dos processos de tradução', como instrumento de auto-avaliação potenciadora da evolução orientada; v) 'trabalho colaborativo com especialistas na área', uma aposta que muito defendo pelo sólido resultado *win-win* que promove, na medida em que beneficia directamente a formação do tradutor e, formando bons tradutores especializados que irão traduzir da melhor forma os produtos especializados, o sector só poderá beneficiar.

Pym (2012, p. 15) assume este modelo pedagógico apenas como ponto de partida para a experimentação criativa, deixando clara a valorização da componente tecnológica que, na sua óptica, é aquela que determina todas as restantes. Pym (2012, p. 5) reduz a tradução a uma 'computer-based activity', posição com a qual não posso concordar pelos argumentos expostos ao longo do trabalho.

Para melhor complementar a discussão em torno da abordagem de Pym, afigura-se-me pertinente atentar nas considerações teóricas que a acompanham.

Em termos teóricos, a discussão baseada na noção de 'competência de tradução' (Pym, 2003, pp. 481-489) retoma a sua relevância e, assim, tendo esta já assumido várias definições desde 1970 até à actualidade – como um modo de bilinguismo aberto à análise linguística; uma resposta às necessidades de mercado, dadas as mudanças históricas e sociais; uma competência multicomponencial envolvendo capacidades linguísticas, culturais, tecnológicas e profissionais; uma 'supercompetência' – actualmente a tendência entre académicos é a de expandir o modelo

multicomponencial no âmbito da formação de tradutores, vindo o crescente uso de ferramentas electrónicas reforçar esta posição.

Pym (2003, p. 487) atreve-se, contudo, a afirmar que esta tendência é parcialmente motivada por interesses institucionais e incapaz de acompanhar as exigências do mercado. Está, portanto, criado o enquadramento adequado para a defesa do seu conceito minimalista simples de 'competência de tradução', segundo o qual a tradução é um processo de produção e selecção de hipóteses, sendo na sua génese um modo de teorização constante, uma vez que os tradutores estão constantemente a teorizar quando estão a traduzir. De acordo com esta abordagem, a teoria é uma parte importante da prática, ajudando os tradutores, por um lado, a produzir mais alternativas, e, por outro, a eliminar alternativas (Pym, 2003, p. 492).

Pym é, como já vimos, um dos didactas da tradução a considerar relevante uma abordagem de formação pragmática e colaborativa em contexto de sala de aula. Neste contexto, uma das influências notória em Pym (Pym, 2003, p. 491) é a abordagem de Kiraly, cujo nome gostaria de destacar enquanto *cânone* agregador de muitas correntes didácticas da actualidade.

4.3. Abordagem colaborativa e 'project-based' de Kiraly

A abordagem de Don Kiraly (Project-Based Learning: A Case for Situated Translation, 2005)[49] trouxe novos contornos e implicações ao debate da formação de tradutores, na medida em que o autor propõe colocar a compreensão do processo cognitivo e do processo de aprendizagem na base da concepção de situações didácticas no âmbito da formação de tradutores.

O autor defende o estudo das situações de aprendizagem colaborativa em que a experiência dinâmica autêntica pode fornecer informações de enorme importância na definição de competência do tradutor. Partindo da observação da interacção e da aprendizagem em projectos de tradução reais, situados em enquadramento didáctico, atentando na dinâmica entre autenticidade, autonomia emergente e competência em desenvolvimento, tanto a nível individual como em trabalho de grupo, podemos compreender a génese da competência do tradutor, o que nos permite ganhar nova consciência acerca da sua natureza (Kiraly, 2005, pp. 1109-1110).

[49] Para não comprometer a ordem cronológica, gostaria de deixar a nota de que o conceito e a noção colaborativa de Kiraly tinham já sido apresentados anteriormente, nomeadamente em 2000, mas optei aqui por apresentar uma referência mais recente.

Opondo-se ao modelo tradicional de formação, dominado pela inércia da proposta 'tentativa/erro' inspirada na *performance magistrale*[50], Kiraly (2005, pp. 1098-1099) clama por esforços a um nível multidisciplinar no sentido de se estabelecerem metodologias pedagógicas de tradução que reflictam a complexidade dinâmica da mediação linguística, e, assim, propõe a referida investigação do processo de aprendizagem para ajudar a verificar a eficácia das diferentes abordagens e técnicas de ensino, em contexto de projecto de tradução real, com intervenientes e dinâmicas reais.

Um facto importante referido por Kiraly (2005, pp. 1099-1100), num contexto em que são escassos os dados, diz respeito ao fosso existente entre o nível de competência do tradutor adquirido ao longo da sua formação académica e as necessidades do mercado de serviços de tradução patente nos resultados dos estudos de satisfação levados a cabo junto de representantes da industria de tradução do Canadá e de Itália de início deste século. Detalhando a informação, o estudo do Canadá refere:

> "the main obstacles encountered when hiring graduates are their narrow exposure to culture, lack of practical training and difficulty in working independently".

Portanto, a formação académica releva-se demasiado teórica, de acordo com este estudo. Por seu lado, o estudo relativo ao mercado italiano revela grande satisfação com as competências linguísticas e tradutivas, demonstrando forte insatisfação relativamente aos seguintes itens: tratamento de terminologia especializada, gestão terminológica, tecnologias da informação, autonomia, capacidade de trabalhar em equipa, resolver problemas, estabelecer e gerir eficazmente relações interpessoais em contexto laboral.

Kiraly (2005, pp. 1100-1101) considera que esta desadequação da formação universitária às necessidades do mercado se deve à aplicação da teoria tradicionalmente aplicada ao ensino da tradução, que impede que se desenvolva uma cultura pedagógica dinâmica. É necessário aproximar a formação em tradução do contexto real de trabalho, a "situated cognition", termo cunhado por Hanna Risku (*apud* Kiraly, 2005, p.1101), adoptando uma perspectiva dinâmica integrada num contexto situacional do processamento mental. Não há técnicas nem estratégias fixas no processo dinâmico, cultural e social da tradução. Conforme afirma Kiraly, a "constelação" de factores de cada tarefa de tradução é única. Esta concepção está em uníssono com a perspectiva funcionalista apresentada no início do presente capítulo, relativa à unicidade de cada tarefa de tradução. De acordo com a posição consensual maioritária no seio da Teoria da Tradução contemporânea aqui anteriormente abordada a respeito de Kiraly, a

[50] Refiro-me aqui à abordagem didáctica tradicional em que o professor assume uma posição de superioridade perante o aluno passivo, expondo a sua sabedoria.

tradução deixou de ser vista como processo primeiramente de recodificação, indo no sentido de compreender o processo cognitivo no exercício concreto da tradução.

Por conseguinte, o processo de tradução é encarado como situação criativa, esperando-se do tradutor que este assuma o desafio de interpretar e gerir toda a situação comunicativa, privilegiando-se a espontaneidade, a autenticidade e a autonomia ao lidar com situações de projectos de tradução reais que incluem a interacção com tradutores profissionais, directores de projecto, terminólogos, especialistas na área, clientes, etc.. Nesta perspectiva, Kiraly propõe uma atitude de 'empoderamento' na formação do tradutor para colmatar as lacunas identificadas nos inquéritos referidos. A motivação, a autoconfiança e a preparação para o mercado de trabalho constituem importantes razões para a aplicação deste modelo.

O objecto da proposta construtivista social de Kiraly (2005, p. 1104) é claro:

> "…to 'empower' students by making them proactive agents of their own learning through authentic, collaborative work leading to autonomy and expertise."

Kiraly reúne um vasto consenso na cena contemporânea dos Estudos de Tradução aplicados à formação de tradutores, contando-se Dorothy Kelly entre os académicos que desenvolveram a abordagem de Kiraly, fornecendo propostas concretas de aplicação, como veremos na secção seguinte.

4.4. Abordagem sistemática de Kelly

Na linha de Kiraly, Dorothy Kelly (2005, p. 102) afirma, com base em pesquisa didáctica, que a aprendizagem colaborativa é mais rica e eficaz, na medida em que o trabalho em equipa permite uma experiência social e pessoal, sendo as capacidades interpessoais fulcrais para a actividade profissional do tradutor e para a capacidade geral de natureza empresarial. O trabalho em equipa vem revelar-se mais positivo do que o mesmo trabalho realizado por grupos maiores para o desenvolvimento das capacidades cognitivas mais complexas, como a capacidade de resolução de problemas, de negociação e de justificação de propostas e decisões. Contudo, para a autora não basta assumir que o trabalho em equipa é positivo, sendo necessário ter em vista os resultados específicos pretendidos com aquele trabalho de grupo específico.

Entre os trabalhos em grupo, Dorothy Kelly (2005, pp. 101-102) refere i) o "brainstorming", definido como geração espontânea de ideias para fomentar a vertente criativa na tradução; ii) os "buzz groups", entendidos como debate num grupo mais restrito e comunicação ao grupo-turma ou em sessão plenária; iii) os "cross-over groups", definidos como pequenos grupos que se formam e se dividem para nova distribuição visando a transferência de ideias entre grupos; iv) o "peer-tutoring", visto

enquanto experiência dos alunos que aprendem uns com os outros; v) o "role play", prevendo a atribuição de papeis (o cliente, o terminólogo, o investigador, o tradutor) dentro de um pequeno grupo para simular situações profissionais; e vi) o "syndicate", definido como grupo de trabalho para a realização de um projecto e respectiva apresentação em sessão plenária.

O modelo de que a autora parte (Kelly, 2005, pp. 72-73) dita que cada curso deve ser concebido em função do seu enquadramento específico, tendo em conta as suas limitações e contexto circundante, existindo, contudo, pontos em comum entre cursos.

Kelly (2005, pp. 73-78) apresenta algumas considerações gerais sobre o conteúdo dos cursos e a sua organização, formulando, deste modo, a sua proposta de competências[51] e elementos relevantes na formação, que passarei a enunciar: i) a 'competência linguística'; ii) a 'competência cultural'; a 'competência instrumental'; iii) a 'profissionalização'; iv) a 'competência interpessoal'; v) a 'competência na área de especialização'; vi) a competência 'attitudinal'; vii) 'unitization/networking'. Algumas destas competências também se encontram referidas no modelo do EMT embora enunciadas de forma diferente, como é o caso da 'competência de prestação de serviços de tradução' que reúne aspectos da 'competência interpessoal' e da 'competência "attitudinal"' de Kelly.

De entre estas competências, gostaria de salientar duas pela pertinência específica que possuem para a temática do presente trabalho: a competência na área de especialização e a competência comportamental, à semelhança do procedimento seguido em 4.1.

Quanto à competência na área de especialização, Kelly (2005, p. 76) refere o que creio ser uma opinião generalizada e que diz respeito ao facto de o conhecimento numa área de especialização ser considerado mais importante do que a competência do tradutor. Esta percepção é muito contestada pelos especialistas da tradução, contudo estes não deixam de reconhecer que quanto melhor for o domínio na área temática de um tradutor profissional, tanto melhor será a prática da tradução especializada, posição com a qual me identifico claramente. De acordo com a autora, a dificuldade básica que se coloca em termos de ensino académico é a de fornecer formação simultaneamente em tradução e na área de especialização. Contudo, ao nível de uma pós-graduação, este problema é mais fácil de resolver, na medida em que colocam em colaboração especialistas em línguas e especialistas em áreas temáticas. Por ex. os Mestrados admitem pessoas com formação académica em outra área.

[51] Dorothy Kelly utiliza o termo 'competence' (em Português, 'competência') com a acepção de *know-how* (2005, p. 74).

De acordo com Kelly (Kelly, 2005, p. 77), a grande oferta de formação académica é feita com uma estrutura de módulos de introdução a áreas temáticas gerais, como a economia, o direito, a medicina, a informática e a engenharia, com o objectivo de dotar os alunos com um conhecimento de base suficiente que lhes permita depois compreender os conceitos principais em textos especializados e levar a cabo um trabalho de investigação para a prática da tradução.

Testemunho, a partir da minha experiência pessoal, que foi sensivelmente essa a estrutura de formação que tive oportunidade de experienciar ao nível da pós-graduação no Curso de Especialização em Tradução (CET) em 1994/98, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Nesse período, a oferta de formação nas áreas temáticas era muito escassa, limitando-se à Economia e ao Direito, sendo nas áreas técnica e científica propriamente ditas, que vieram a ser as minhas áreas de especialização, realmente, muitíssimo reduzida. Actualmente a situação será um pouco diferente e será, com toda a certeza, do maior interesse efectuar um trabalho de investigação e análise comparativa nesse sentido: como era, como é, como pode vir a ser a oferta de formação em tradução na FLUC.

A 'competência "attitudinal"', por seu turno, tem sido pouco convocada para a discussão no âmbito da formação de tradutores (Kelly, 2005, p. 77). O maior enfoque no aluno da concepção de formação de nível académico e o maior reconhecimento das competências gerais enquanto competências sociais importantes vieram promover a inclusão de elementos comportamentais nos programas de formação, sendo este último aspecto considerado o elemento crucial da formação do tradutor no entendimento de vários autores, nomeadamente Kiraly (*vide* secção 4.3.).

Dorothy Kelly defende um compromisso entre a flexibilidade e a normalização. O que mais aprecio na abordagem desta autora é o seu equilíbrio, moderação e sensatez. A sua proposta de concepção de cursos 'à medida' acrescenta uma preocupação com a adequação à singularidade de cada conjugação de factores e condicionalismos que ditam os contornos e as *nuances* de cada projecto de tradução, à semelhança da abordagem defendida por Kiraly.

No entanto, a académica demarca-se deste autor, como podemos verificar, na questão da simulação da situação de tradução por oposição à escolha da situação real de trabalho de tradução. Kelly (Kelly, 2005) justifica a sua opção, atendendo aos condicionalismos limitativos que o modelo didáctico de Kiraly propõe, nomeadamente o facto de aquele modelo apenas parecer sensato numa fase avançada da formação, o cliente conhecer e aceitar as circunstâncias de realização do projecto com os riscos que implica (questões de prazos, qualidade, confidencialidade, etc.) e a dificuldade de

encaixar um projecto de tradução na rigidez de um horário académico, entre outras contingências.

Kelly (2005, pp. 79-94) refere os recursos que podem ser utilizados ao serviço da formação de tradutores, nomeadamente o ambiente físico, os recursos tradicionais, as novas tecnologias, os programas de mobilidade e recursos associados, os estágios e recursos associados, sendo inovadores os últimos dois elementos mencionados que nos remetem para o EMT e iniciativas e programas daí decorrentes, numa estrutura mais organizada e harmonizada a nível europeu.

Afigura-se-me da maior relevância destacar aqui um elemento inovador que vem, a meu ver, revolucionar o paradigma da abordagem colaborativa e que se prende com a mobilidade: a 'mobilidade virtual' (Kelly, 2005, p. 90). Kelly concretiza esta ideia ao referir a possibilidade de contacto directo entre alunos de países diferentes que não podem deslocar-se com alunos de outros países e culturas, potenciando a competência cultural e intercultural, implicando uma gestão cuidadosa por parte dos professores em relação a esta experiência didáctica enriquecedora. As possibilidades que este instrumento encerra assumem uma dimensão notável se pensarmos na natureza internacional, multicultural e multivalências que os grupos de trabalho podem ter, com base nas novas tecnologias. A autora refere, ainda, uma outra opção dentro da mobilidade virtual e que se prende com a possibilidade de os alunos frequentarem actividades pedagógicas oferecidas por outras instituições para integrarem cursos intensivos em outras áreas de especialidade. Kelly defende claramente, e eu não poderia estar mais de acordo, a forma como as novas tecnologias permitem o *tandem* e a realização à distância de outras formas de projectos colaborativos.

Considero importante também salientar os estágios, uma vez que a experiência de trabalho constitui um recurso didáctico de enorme riqueza e complexidade (Kelly, 2005, pp. 91-92). Depois de os alunos adquirirem as competências básicas para a realização do trabalho de tradução, a oportunidade da experiência de trabalho real constitui um importante elemento da formação a diversos níveis, designadamente ao nível instrumental e profissional, comportamental e estratégico. Neste contexto, o estágio, a coordenação entre universidade e empresa e o apoio tutorial do formando reúnem a maior relevância para uma experiência bem-sucedida.

Além disso, um dos aspectos a salientar nas propostas de Dorothy Kelly é a sua preocupação com a formação de formadores, fornecendo-lhes a autora programas e disponibilizando manuais com metodologias estruturadas para os orientar no desempenho das suas funções.

Os aspectos aqui brevemente apresentados e apreciados relativos à abordagem de Dorothy Kelly são alguns de entre vários. Como tive oportunidade de demonstrar, o contributo da autora parece-me muito relevante para este debate em torno do tema da formação do tradutor, na medida em que estamos perante um modelo sistemático que parte de uma base empírica, fruto dos quase trinta anos de experiência da académica em programas de formação de tradutores.

4.5. Breve discussão

Dos modelos de formação que apresentei consegue extrair-se a ideia de que, conforme Kearns e colaboradores (2008, p. xiii) referem, de modo cada vez mais generalizado ou, pelo menos, nos círculos de formação em tradução, a discussão já passou da importância e necessidade da formação para o "what" e "how" da mesma, sendo o tema da formação discutido mais recorrentemente e com implicações também ao nível da profissionalização, em que a necessidade de uma abordagem metodológica e sistematizada se torna uma evidência.

5. Conclusão

Neste trabalho procurei focar várias questões actuais do quadro da tradução técnica, mediante um levantamento do estado da arte no que respeita à área de especialidade e às competências em constante transformação necessárias à prática da tradução.

Perante o aumento da procura de mercado relativamente à prestação de serviços de tradução técnica e científica num mundo em crescente ritmo de mudança, em que a globalização, viabilizada pela informação e pela comunicação, parece assumir um papel determinante, para o tradutor isto resulta num crescente volume de trabalho e na necessidade de redefinição do paradigma da tradução e do perfil do tradutor.

Por conseguinte, as competências exigidas ao tradutor técnico são cada vez mais polivalentes, interdisciplinares e dinâmicas, daí a pertinência da sua análise por forma a permitir a concepção de respostas de formação eficazes.

Teorizando inicialmente e situando-me mais marcadamente numa perspectiva funcionalista, para de seguida ilustrar a situação com a análise do universo da tradução técnica da área automóvel, procurei basear a discussão na experiência profissional na área reunida ao longo dos quase vinte anos de prática tradutiva.

Procurei demonstrar que a tradução técnica da área automóvel caracteriza-se pela diversidade, já que abrange uma série de subtemáticas, incluindo o *design*, a mecânica, a electrónica, a hidráulica, a electricidade e os híbridos, e diferentes documentos com

características singulares, dos quais se destacam alguns, aqui analisados e ilustrados em maior detalhe. Esta diversidade temática e estrutural coexiste, porém, a par com uma forte uniformização e cunho normativo imposto em nome da clareza de conteúdos e da desambiguidade da informação transmitida. O uso das CAT, designadamente, de TM, de bases de dados terminológicas e de fontes fiáveis de documentação técnica, está ao serviço desta normalização, e o carácter utilitário inerente à tradução técnica automóvel confere coerência e coesão a este quadro.

Foi dado especial enfoque ao conhecimento na área de especialização, sendo este, contudo, encarado de forma inclusiva e dialogante relativamente às restantes competências. Com este *background* em mente, foram enunciados e debatidos vários aspectos recorrentes na tradução técnica automóvel, partindo de exemplos concretos retirados da prática real de trabalho tradutivo.

O estudo culmina com a análise e reflexão em torno das competências e dos possíveis modelos de formação do tradutor. Pode concluir-se que, actualmente, os investigadores preocupam-se não só com a tarefa de equipar os tradutores com novas competências profissionais, como também com o desafio de lhes fornecer as ferramentas para manterem e actualizarem essas competências ao longo do seu percurso profissional. 'Aprender a aprender' emerge, assim, como nova competência e a abordagem colaborativa também parece colher consenso. A aposta impreterível na formação profissional contínua − 'lifelong learning' − do tradutor é cada vez mais defendida e desenvolvida.

Todos os aspectos enunciados, analisados, ilustrados e discutidos neste trabalho pretenderam ser um contributo para a discussão de uma temática, a meu ver, da maior relevância e actualidade.

Muito mais haveria a referir, contudo, dada a dimensão do presente trabalho, apenas me foi possível seleccionar os aspectos que considerei mais pertinentes dos autores que também seleccionei pela relevância dos seus estudos para a temática abordada.

A realização deste estudo constituiu para mim uma oportunidade de enriquecimento pessoal e profissional muito prezada, vindo acrescentar valor ao meu exercício prático da profissão de tradutora técnica. Parar e reflectir sobre mecanismos que entretanto se foram automatizando; teorizar sobre estratégias de resolução de problemas; actualizar o conhecimento tomando contacto com as novas tendências dos Estudos de Tradução e, numa palavra, 'consciencializar' o processo de tradução, foi, sem dúvida, um exercício muito proveitoso e apreciado.

Gostaria de considerar este estudo como possível ponto de partida para um futuro trabalho aprofundado de investigação no âmbito do tema da formação do tradutor técnico/científico/especializado, que muito gostaria de vir a realizar.

Seria muito interessante relacionar com este contexto os TAPs (Think aloud protocols) e os métodos de *Eye-Tracking*, na medida em que estes constituem instrumentos de investigação para viabilizar a percepção daquilo que se passa na mente do tradutor durante o processo de tradução, e, assim, representam recursos ao serviço da grande tendência cognitivista actual dos Estudos de Tradução.

Não menos aliciante seria colaborar na elaboração e concretização de um projecto de 'empresa-escola' de Tradução, no âmbito da formação académica de tradutores.

Enquanto tradutora técnica, continuarei a exercer a minha prática tradutiva, agora com uma consciência mais clara e uma visão mais estruturada dos desafios em permanente transformação que me aguardam.

Bibliografia

Byrne, J. (2009). The Coming of Age of Technical Translation: an Introduction. *The Journal of Specialized Translation*.

Byrne, J. (2012). *Scientific and technical translation explained: a nuts and bolts guide for beginners (Translation practices explained).* Manchester: St. Jerome Publishing.

Chesterman, A., & Wagner, E. (2002). *Can Theory Help Translators? (Translation Theories Explained).* Manchester, UK & Northampton, MA: St. Jerome Publishing.

Comité Misto do EEE. (n.d.). Projecto de Decisão do Comité Misto do EEE que altera o Anexo II (Regulamentação Técnica, Normas, Ensaios e Certificação) do Acordo EEE - Projecto de proposta comum da Comunidade - /* SEC/2004/0205 final */. Retrieved agosto 20, 2014, from http://old.eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=CELEX:52004SC0205:PT:HTML

Council of the European Union. (1998, dezembro 31). Council Resolution of 17 December 1998 on operating instructions for technical consumer goods. Official Journal of the European Communities (98/C 411/01). Retrieved julho 20, 2014, from http://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/?uri=CELEX:31998Y1231%2802%29

EMT Network. (2013). *ec.europa.eu/dgs/translation/programmes/emt.* Retrieved Julho 2014, from http://ec.europa.eu/dgs/translation/programmes/emt/key_documents/emt_annual_report_2013_en.pdf

Gambier, Y. (2009). *Competences for professional translators, experts in multilingual and multimedia communication.* Retrieved 2013/2014, from http://ec.europa.eu/dgs/translation/programmes/emt/key_documents/

Hörster, M. A. (1999). Problemas de Tradução. Sistematização e Exemplos. *V Jornadas de Tradução. Tradução, Ensino, Comunicação* (pp. 33-43). Porto: ISAI - Instituto Superior de Assistentes e Intérpretes.

Kearns, J. (2008). *Translator and Interpreter Training: Issues, Methods and Debates.* London, New York: John Kearns and Contributers.

Kelly, D. (2005). *A Handbook for Translator Trainers.* Manchester: St. Jerome Publishing.

Kiraly, D. (2005). Project-Based Learning: A Case for Situated Translation. *Meta: Translators' Journal, vol. 50, nº 4, 2005*, 1098-1111. Retrieved Julho 10, 2014, from Meta: http://www.erudit.org/revue/meta/2005/v/n4/012063ar

Koller, W. (2004). "Der Begriff der Äquivalenz in der Übersetzungswissenshaft". In H. K. (Eds.), *Übersetzung. Translation. Traduction. Ein internationales Handbuch zur Übersetzungsforschung. An international Encyclopedia of Translation Studies.*

Encyclopédia Internationale de la recherche sur la traduction (pp. 343-354). Berlin/New York: Walter de Gryter.

Larson, M. (1991). *Translation: theory and practice, tension and interdependence.* (Vol. 5). New York: State University of New York at Binghaton.

Mason, I. (2001 [1998]). Communicative/functional approaches. In M. Baker, *The Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (pp. 29-33). London/New York: Routledge.

Miletich, M. (2014). Learning from Translation Errors. *The ATA Chronicle*, 19-21.

Mossop, B. (2001). *Revising and Editing for Translators.* Manchester: St. Jerome Publishing.

Mossop, B. (2007). *Revising and Editing for Translators.* Manchester: St. Jerome Publishing.

Munday, J. (2001). *Introducing Translation Studies. Theories and Applications.* London/New York: Routledge.

Munday, J. (2009). *The Routledge companion to translation studies.* London and New York: Routledge.

Munday, J. (2009). *The Routledge Companion to Translation Studies.* New York: Rotledge.

Neubert, A. (2004). "Equivalence in translation". In H. K. (Eds.), & H. e. Kittel (Ed.), *Übersetzung. Translation. Traduction. Ein internationales Handbuch zur Übersetzungsforschung. An International Encyclopedia of Translation Studies. Encyclopédie internationale de la recherche sur la traduction* (pp. 329-342). Berlin/New York: Walter de Gruyter.

Nida, E. A. (1964). *Toward a Science of Translating.* Leiden: E. J. Brill.

Nida, E. A., & Taber, C. R. (1982 [1969]). *The Theory and Practice of Translation.* Leiden: E. J. Brill.

Nord, B. (2002). *Hilfsmittel beim Übersetzen. Eine empirische Studie zum Rechercheverhalten professioneller Übersetzer.* Frankfurt am Main: Peter Lang.

Nord, C. (1988). *Textanalyse und Übersetzen. Theoretische Grundlagen; Methode und didaktische Anwendung einer übersetzungsrelevanten Textanalyse.* Heidelberg: Julius Groos Verlag.

Nord, C. (2002). Karl Bühler und das Organonmodell. In C. Nord, *Fertigket Übersetzen: Ein Selbstlernkurs zum Übersetzenlernen und Übersetzenlehren* (pp. 22-23). Alicante: Editorial Club Universitario.

Nord, C. (2005). *Text Analysis in Translation - Theory, Methodology, and Didactic Aplication of a Model of Translation-Oriented Text Analysis.* Amsterdam - New York: Editions Rodopi B. V.

Nord, C. (2006). Loyalty and Fidelity in Specialized Translation. *Confluências - Revista de Tradução Científica e Técnica*, 29-41.

Nord, C. (2011). *Funktionsgerechtigkeit und Loyalität, Theorie, Methode und Didaktik des funktionalen Übersetzens.* Berlin: Frank & Timme.

Pym, A. (2003). Redefining Translation Competence in an Electronic Age. In Defense of a Minimalist Approach. *Meta: Translators' Journal, vol. 48, nº 4*, 481-487.

Pym, A. (2009). Deriving Translation Competencies from Process Research. *Process studies of translation (Experimenting on/with students): 1. Deriving Translation Competencies from Process Research.* http://usuaris.tinet.cat/apym/videos.html.

Pym, A. (2012). *Translation skill-sets in a machine-translation age.* Retrieved from http://usuaris.tinet.cat/apym/on-line/training/2012_competence_pym.pdf

Pym, A. (2014). *Deriving translation competencies from process research.* Retrieved July 26, 2014, from http://usuaris.tinet.cat/apym/videos.html

Pym, A. (2014, agosto 05). Natural and Directional Equivalence in Theories of Translation. Tarragona, Spain.

Reiss, K. (n.d.). Adäquatheit und Äquivalenz. Retrieved julho 10, 2014, from http://download2.hermes.asb.dk/archive/download/H03_10.pdf

Reiss, K., & Vermeer, H. J. (1984). *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie.* Tübingen: Max Niemeyer Verlag.

Sachinis, M. (2011). Guest editors's introduction: Translator Training: commodity or necessity? On the emergence of a new area of studies. *The Journal of Specialized Translation*.

Schäffner, C. (2001 [1998]). Skopos Theory. In M. Baker, *The Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (pp. 235-238). London/New York: Routledge.

Schäler, R. (2010). Localization and translation. In Y. Gambier, & L. van Doorslaer, *Handbook of Translation Studies* (Vol. 1, pp. 209-214). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

Scleiermacher, F. (2003). *Sobre os diferentes métodos de traduzir - Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens.* (J. M. Justo, Trans.) Porto: Porto Editora.

Torcedor, M., Alarcón-Navío, E., Prieto-Velasco, J. A., & López-Rodríguez, C. I. (2009). Images as part of technical translation courses: implications and applications. *The Journal of Specialized Translation*.

Vermeer, H. J. (1985). *Esboço de uma Teoria da Tradução.* Porto: Edições Asa.

Wright, S. E. (2011). Scientific, Technical, and Medical Translation: 17.5.2 English as the hegemonic language of science. In K. Malmkjær, & K. Windle, *The Oxford Handbook of Translation Studies* (pp. 256-258). Oxford/New York: Oxford University Press.

Nord, C. (1997). *Translating as a Purposeful Activity.* Manchester: St. Jerome.

Reiss, K. (1989). Adäquatheit und Äquivalenz. *HERMES-Journal of Language and Communication in Business*, *2*(3), 161-177.